

O SUJEITO ANAFÓRICO DE 3ª PESSOA NA FALA CULTA
CARIOCA: UM ESTUDO EM TEMPO REAL

POR

Ângela Marina Bravin dos Santos

Faculdade de Letras –UFRJ
1º semestre de 2006

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

**O SUJEITO ANAFÓRICO DE 3ª PESSOA NA FALA CULTA CARIOCA:
UM ESTUDO EM TEMPO REAL**

POR

ANGELA MARINA BRAVIN DOS SANTOS

Tese de Doutorado em Língua Portuguesa apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários para obtenção do título de doutor.

Orientador: Professora Doutora Maria Eugênia Lamoglia Duarte.

FACULDADE DE LETRAS/UFRJ
1º SEMESTRE DE 2006

DEFESA DE TESE

BRAVIN DOS SANTOS, Ângela Marina. **O sujeito anafórico de 3ª pessoa na fala culta carioca: um estudo em tempo real.** Tese de doutorado em Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: UFRJ/FL.

BANCA EXAMINADORA

Orientadora : Professora Doutora Maria Eugênia Lamoglia Duarte -UFRJ

Professora Doutora Maria Conceição de Paiva - UFRJ- Lingüística

Professora Doutora Vera Lúcia Paredes Pereira da Silva – UFRJ - Lingüística

Professora Doutora Célia Regina dos Santos Lopes - UFRJ – Letras Vernáculas

Professora Doutora Márcia dos Santos Machado Vieira - UFRJ – Letras Vernáculas

Professora Doutora Christina Abreu Gomes-UFRJ – Lingüística (suplente)

Professora Doutora Sílvia Rodrigues Vieira-UFRJ – Letras Vernáculas (suplente)

Defendida a tese

Em / /

*À Maria Eugênia Lamoglia Duarte,
Professora-ponte*

AGRADECIMENTOS

Muitas pessoas foram, e ainda são, metáfora de ponte, por onde caminhei em busca do discurso acadêmico, obscuro inicialmente, mas abertura de horizontes quando desvendado, ainda que na sua incompletude. A essas pessoas agradeço de coração.

Meu primeiro agradecimento vai para Sílvia Rodrigues Vieira, cujas palavras me levavam a transitar no espaço da argumentação, sem que ela soubesse.

Ao Sérgio Vasco e à Filomena, pelas agradáveis horas de discussões acadêmicas .

À Jacqueline Varela, pela troca de conhecimento via telefone e pela amizade tão especial que por ela sinto.

Às professoras Dinah Callou,, Christina Abreu Gomes e Maria Lúcia Leitão, cujas aulas me fizeram caminhar uma longa distância nessa ponte metafórica.

Às professoras Vera Lúcia Paredes e Conceição Paiva, pelas importantes orientações no Exame de Qualificação e pelo carinho com que me orientam sempre que lêem meus trabalhos.

À Miriam Pires, pelo afago nos momentos de parada .

Aos meus diretores, Ana, Jorginéia e Odilon, pelo apoio e compreensão.

A toda a minha família, em especial aos meus filhos, mãe e irmã, pela cumplicidade nas horas em que eu me ausentava.

Ao meu marido, Francisco Carlos, pelo companheirismo durante toda a caminhada.

E, finalmente, à UFRJ, por ter sido a concreta ponte.

SINOPSE

Estudo em tempo real de curta duração do comportamento do sujeito anafórico de 3ª pessoa na fala culta carioca, com base nos pressupostos da Sociolinguística Variacionista. Contextos de resistência na 3ª pessoa à mudança de língua de sujeito nulo para língua de sujeito pleno. Comparação entre as variedades brasileira, portuguesa e moçambicana do português.

BRAVIN DOS SANTOS, Ângela Marina. **O sujeito anafórico de 3^a pessoa na fala culta carioca: um estudo em tempo real de curta duração.** Tese de doutorado em Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: UFRJ/FL.

RESUMO

Este é um trabalho variacionista sobre a mudança em tempo real de curta duração, que focaliza o sujeito anafórico de terceira pessoa, com base em amostras da fala culta do Rio de Janeiro, gravadas nos anos 70 e 90, com um intervalo de cerca de 20 anos. Dois tipos de estudos foram realizados: um estudo de painel, que examina o desempenho do indivíduo em dois momentos distintos, e o estudo de tendência, que investiga duas amostras de fala da mesma comunidade colhidos no mesmo intervalo. O quadro teórico associa pressupostos da Teoria Variacionista e da Teoria de Princípios e Parâmetros. A hipótese central é a de que o Português Brasileiro está em processo de se tornar uma língua negativamente marcada em relação ao Parâmetro do Sujeito Nulo. Embora as taxas de uso de sujeito nulo sejam sempre inferiores às de sujeito pleno, os resultados para o desempenho do indivíduo revelam instabilidade: alguns diminuem esse uso, outros aumentam e outros ainda se mantêm estáveis. Quanto à comunidade, nota-se uma notável estabilidade no período, atestada não só na aplicação da regra, mas nos fatores selecionados para ambas as sincronias: a estrutura e a posição do antecedente, a animacidade do referente e o verbo que aparece na estrutura. Um antecedente na oração adjacente e com a mesma função, um referente com o traço [-animado] e o verbo “ser” constituem os contextos de resistência do sujeito nulo nas amostras analisadas. A distância entre os pesos relativos obtidos para os fatores em cada grupo, entretanto, diminui na segunda sincronia, o que sugere que sua força pode estar se reduzindo. Uma comparação com o português europeu e o moçambicano exhibe comportamentos opostos e permite concluir que o PB pode não ser (ainda) uma língua de sujeito pleno (ou negativamente marcada em relação ao parâmetro do Sujeito Nulo), mas certamente não é (mais) uma língua de sujeito nulo prototípica.

BRAVIN DOS SANTOS, Ângela Marina. **O sujeito anafórico de 3^a pessoa na fala culta carioca: um estudo em tempo real de curta duração.** Tese de doutorado em Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: UFRJ/FL.

ABSTRACT

This is a variationist “short term real time study” of change, focusing the third person anaphoric subject, based on samples of high-level educated speakers from Rio de Janeiro, recorded in the 70’s and the 90’s, with an interval of about 20 years. Two types of studies have been carried out: a panel study, which examines the performance of the same individual in two different moments and a trend study, which investigates two samples of the same community in the same span of time. The theoretical framework associates assumptions of the Theory of Variation and the Principles and Parameters Theory. The main hypothesis is that Brazilian Portuguese is in the process of becoming a non-Null Subject Language. Although the overall rates of null subjects are always lower than the ones found for overt subjects, the results for the individual performance reveal instability: some decrease the use of null subjects; some increase it and others do not change at all. As for the community, there is a remarkable stability, which is attested in the inputs and in the factors selected for both synchronies: the structure and the position of the antecedent; the animacy of the referent and the verb used in the structure. An antecedent in an adjacent clause and with the same function, an antecedent with [-animate] feature and the verb “to be” are the contexts of resistance of null subjects in the samples analyzed. The distance between the relative weights obtained for the factors in each group is, however, reduced in the more recent sample, which suggests that their strength is being reduced. A comparison with European and Mozambican Portuguese shows opposite behaviors and allows the conclusion PB may not be a system showing a negative setting regarding the null subject parameter but it is not certainly a prototypical null subject language.

BRAVIN DOS SANTOS, Ângela Marina. **O sujeito anafórico de 3^a pessoa na fala culta carioca: um estudo em tempo real de curta duração.** Tese de doutorado em Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: UFRJ/FL.

RÉSUMÉ

Ce travail est une analyse variationniste du changement linguistique en temps réel de courte durée qui porte sur le sujet anaphorique de troisième personne. Nous analysons des échantillons d'un registre soutenu du portugais parlé dans la ville de Rio de Janeiro, enregistrés pendant les années 70 et 90, séparés, donc, par un intervalle de 20 ans. Nous réalisons deux types d'études: une étude de panneaux, c'est à dire, une analyse du comportement linguistique de l'individu en deux moments différents, et une étude de tendance, c'est à dire, une comparaison de deux échantillons de la même communauté linguistique, constitués selon les mêmes critères. Notre cadre théorique associe des principes de la Théorie de la Variation et de la Théorie de Principes et Paramètres. Nous avançons l'hypothèse selon laquelle le portugais du Brésil devient une langue négativement marquée par rapport au paramètre du sujet zéro. Bien que les taux d'usage du sujet zéro soient toujours plus petits que celles associées au sujet pronominal, les résultats concernant le comportement de l'individu montrent une trajectoire assez irrégulière : quelques individus diminuent leur usage du sujet zéro, d'autres augmentent cet usage ou demeurent stables. En ce qui concerne la communauté, nous vérifions une étonnante stabilité dans la période analysée soit dans les taux de la règle soit dans l'influence des facteurs sélectionnés pour les deux synchronies : la structure et la position de l'antécédent, l'animacité du référent et le type de verbe. Dans les échantillons analysés, le sujet zéro résiste dans les contextes suivants: l'antécédent du sujet est présent dans la phrase précédente et dans la même fonction syntaxique; le référent du sujet est [+ animé] et dans les propositions avec le verbe être (ser) On peut constater, cependant une diminution de la distance entre les poids relatifs associés aux facteurs dans chaque groupe pour la synchronie de 90, ce qu'on peut interpréter comme une réduction de leur influence. Une comparaison entre les données du portugais du Brésil avec des données du portugais européen et du portugais du Mozambique conduit à la conclusion selon laquelle, même si le portugais du Brésil n'est pas tout à fait une langue négativement marquée par rapport au paramètre du sujet zéro, il n'est pas non plus une langue de sujet zéro prototypique.

ABREVIACOES

Apl.	Aplicaco
CP	Sintagma complementizador
CV	Categoria vazia
Espec.	Especificador
F	Feminino
Freq.	Frequência
I	Flexão
INQ.	Inquérito
IP	Sintagma flexional
L2	Segunda língua
M	Masculino
PSN	Parâmetro do sujeito nulo
PB	Português brasileiro
PE	Português europeu
PM	Português moçambicano
PR	Peso relativo
SN	Sintagma nominal
SVO	Sujeito-verbo-objeto
V	Verbo
VS	Verbo/sujeito
UG	Gramática universal
T	Total

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	19
1 – O SUJEITO PRONOMINAL	22
1.1 O sujeito pronominal no português brasileiro.....	22
1.1.2 A Modalidade oral: estudos sincrônicos.....	22
1.1.3 Estudos em tempo real.....	29
1.1.3.1 Estudos em tempo real de longa duração.....	29
1.1.3.2 Estudos em tempo real de curta duração.....	28
1.2 Modalidade escrita.....	36
1.3 Modalidade oral x modalidade escrita.....	38
1.4 Algumas observações sobre italiano.....	40
1.5 Finalizando o capítulo.....	45
2- FUNDAMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS.....	47
2.1 A pesquisa variacionista.....	47
2.1.1 Estudo da mudança em tempo aparente.....	48
2.1.2 Estudo da mudança em tempo real de longa duração.....	51
2.1.3 Estudo da mudança em tempo real de curta duração.....	52
2.2 A teoria de Princípios e Parâmetros.....	54
2.3. Objetivos e hipóteses.....	57
2.4 As amostras.....	59
2.5 Seleção dos dados.....	61
2.6 Grupos de fatores.....	65

2.6.1	Fatores internos.....	65
2.6.1.1	Número gramatical.....	65
2.6.1.2	Forma verbal (simples ou complexa).....	66
2.6.1.3	Tempo e modo verbal.....	66
2.6.1.4	Tipo sintático da oração.....	67
2.6.1.5	Presença ou ausência de introdutor da oração (elemento em CP).....	72
2.6.1.6	Presença/ausência de adjuntos ao sujeito (adjunção a IP).....	73
2.6.1.7	Elementos intervenientes entre sujeito e verbo.....	75
2.6.1.8	Acessibilidade do antecedente.....	76
2.6.1.9	Animacidade do antecedente.....	79
2.6.1.10	Verbo ser x outros verbos.....	81
2.6.2	Fatores extralingüísticos.....	82
3.	ANÁLISE VARIACIONISTA	84
3.1	Estudo de painel.....	84
3.1.2	O comportamento individual na expressão do sujeito de 3ª pessoa na fala culta carioca.....	85
3.2	Estudo de tendência.....	92
3.2.1	Os fatores selecionados.....	93
3.2.1.1	A atuação dos fatores selecionados.....	95
3.2.1.1.1	Animacidade do antecedente.....	95
3.2.1.1.2	Acessibilidade do antecedente.....	97
3.2.1.1.3	Verbo ser x outros verbos.....	100
3.2.1.1.4	A variável faixa etária.....	103
3.2.1.1.5	Presença x ausência de adjuntos a IP.....	108
3.2.2	Os <i>inputs</i> de aplicação da regra variável.....	110
3.2.3	As variáveis não selecionadas.....	111
3.2.3.1	Os grupos extralingüísticos: a variável sexo.....	111
3.2.3.2.1	Tipo de oração.....	112
3.2.3.2.2	Presença ou ausência de introdutor da oração (elemento em CP).....	113
3.2.3.2.3	Elementos entre sujeito e verbo.....	113
3.2.3.2.4	Número gramatical.....	114
3.2.3.2.5	Forma verbal.....	115
3.2.3.2.6	Modo e tempo verbal.....	115
3.3	Finalizando o capítulo.....	117

4. 4. O COMPORTAMENTO DO SUJEITO ANAFÓRICO DE 3ª PESSOA NO PE E PM: UMA COMPARAÇÃO COM O PB	118
4.1 O português europeu.....	120
4.2 O português moçambicano.....	122
4.2.1 Amostra utilizada para o estudo do PM.....	123
4.3 Comparando o PB ao PE e PM.....	124
4.3.1 A distribuição do sujeito nulo no PB, PE e PM.....	125
4.3.2 Os fatores internos.....	127
4.3.2.1 A Acessibilidade do antecedente.....	127
4.3.2.2 Animacidade do antecedente.....	130
4.3.2.3 As demais variáveis: O PB E PM.....	131
4.4 Finalizando o capítulo.....	134
5. CONCLUSÃO	135
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	139
ANEXO	146

ÍNDICE DE TABELAS, QUADROS E GRÁFICOS

TABELAS

Tabela 1.1: Ocorrência de sujeito nulo nas três pessoas do singular e do plural (adaptada de Duarte, 1995).....	25
Tabela 1.2: Ausência do pronome-ESTUDO DE TENDÊNCIA (adaptação: Paredes Silva: 2003, p. 99).....	35
Tabela 1.3: Ausência do pronome-ESTUDO DE PAINEL (adaptação: Paredes Silva: 2003, p. 99).....	35
Tabela 1.4: Frequência de pronomes plenos nas três pessoas gramaticais nos estudos De Oliveira e Duarte (adaptação, De Oliveira:2000, p. 39).....	41
Tabela 1.5: Percentuais de sujeitos nulos de 3ª pessoa na língua falada.....	45
Tabela 1.6: Percentuais de sujeitos nulos de 3ª pessoa na língua escrita.....	45
Tabela 2.2: Informantes para o Estudo de Painel.....	60
Tabela 2.3: Distribuição dos informantes para o estudo de Tendência.....	60
Tabela 3.1: Distribuição geral das variantes: o sujeito anafórico de 3ª pessoa Estudo de Painel.....	84
Tabela 3.2: Distribuição das variantes por indivíduo, década de 70.....	86
Tabela 3.3: Distribuição das variantes por indivíduo, década de 90.....	86
Tabela 3.4: Sujeito nulo de 3ª pessoa por indivíduo nas duas décadas vs pronome vs SNs.....	89
Tabela 3.5: Sujeito nulo de 3ª pessoa por indivíduo nas duas décadas vs pronome.....	90
Tabela 3.6: Distribuição geral das variantes: o sujeito anafórico de 3ª pessoa.....	92

Tabela 3.7: Distribuição geral das variantes: o sujeito anafórico de 3ª pessoa (suj. nulo x pronome.....	93
Tabela 3.8: O sujeito nulo e animacidade nas duas décadas.....	95
Tabela 3.9: O sujeito nulo e as condições de acessibilidade do antecedente.....	98
Tabela 3.10: Sujeitos nulos e o verbo ser x outros verbos nas duas décadas.....	100
Tabela 3.11: Sujeitos nulos segundo o traço do antecedente e o tipo de verbo (verbo ser x outros verbos)- década de 70.....	101
Tabela 3.12: Sujeitos nulos segundo o traço do antecedente e o tipo de verbo (verbo ser x outros verbos) década de 90.....	102
Tabela 3.13: Sujeitos nulos segundo a estrutura de CP e o tipo de verbo (verbo ser x outros verbos) década de 70.....	102
Tabela 3.14: Sujeitos nulos segundo a estrutura de CP e o tipo de verbo (verbo ser x outros verbos) –década de 90.....	102
Tabela 3.15: O sujeito nulo por faixa etária, na década de 70.....	104
Tabela 3.16: Sujeito nulo e a 3ª pessoa na fala culta, década de 90 (adaptação: Duarte, 1995).....	106
Tabela 3.17: Sujeito nulo segundo a faixa etária e o tipo de verbp (verbo ser x outros verbos)- década de 70.....	106
Tabela 3.18: Sujeito nulo segundo a faixa e o tipo de verbo (verbo ser x outros verbos)- década de 90.....	107
Tabela 3.19: O sujeito nulo e a presença/ausência de adjuntos a IP, década de 90.....	109
Tabela 3.20: Gênero/sexo vs sujeito nulo nas duas décadas.....	111
Tabela 3.21: Tipo de oração e o sujeito nulo nas duas décadas.....	112
Tabela 3.22: Sujeitos nulos e a estrutura de CP.....	113

Tabela 3.23: Sujeitos nulos e elementos entre sujeito e verbo.....	113
Tabela 3.24: Número gramatical vs sujeito nulo nas duas décadas.....	114
Tabela 3.25: Sujeito nulo vs forma verbal nas duas décadas.....	115
Tabela 3.26: Modo verbal vs sujeito nulo nas duas décadas.....	115
Tabela 3.27: tempo verbal vs sujeito nulo nas duas décadas.....	116
Tabela 3.28: Sujeito nulo vs tempo e modo verbais nas duas décadas.....	116
Tabela 4.1: Ocorrência de sujeitos nulos em PB, PE e PM.....	125

QUADROS

Quadro 2.1: Padrões de mudança no indivíduo e na comunidade (adaptação da tabela 4.1, Labov, 1994: 83).....	52
Quadro 3.1: Fatores selecionados como significantes para a realização do sujeito nulo De 3ª pessoa em cada época (pronomes vs sujeito nulo).....	94
Quadro 3.2: <i>Inputs</i> de aplicação da regra - sujeito nulo de 3ª pessoa (vs. sujeito preenchido).....	110
Quadro 4.1: Distribuição dos falantes para o estudo do PM.....	124

GRÁFICOS

Gráfico 3.1: O sujeito nulo por indivíduo nas duas décadas.....	87
Gráfico 3.2: Comportamento do indivíduo no uso do sujeito nulo na 3ª pessoa nas duas décadas (pesos relativos).....	91
Gráfico 3.3: O sujeito nulo por faixa etária nas duas décadas.....	105
Gráfico 4.1: O sujeito nulo em PE segundo a pessoa gramatical (adaptado de Duarte, 1995, 8)....	120
Gráfico 4.2: Percentuais de sujeito nulo no PB, PE e PM.....	126
Gráfico 4.3: Sujeitos nulos e o tipo sintático da oração no PB e PM.....	133

ANEXO

Quadro 1: Fatores selecionados como significantes para a realização do sujeito nulo de 3ª pessoa em cada época (SN/pronome vs sujeito nulo).....	146
Tabela 1: O sujeito nulo e as condições de acessibilidade do antecedente.....	146
Tabela 2: O sujeito nulo e o traço do antecedente nas duas décadas.....	146
Tabela 3: Sujeitos nulos e o verbo ser x outros verbos nas duas décadas.....	147
Tabela 4: O sujeito nulo e a presença/ausência de adjuntos a IP nas duas décadas.....	147
Tabela 5: O sujeito nulo por faixa etária nas duas décadas.....	147
Tabela 6: flexão verbal vs sujeito nulo nas duas décadas.....	147
Tabela 7: forma verbal vs sujeito nulo nas duas décadas.....	147
Tabela 8: modo verbal vs sujeito nulo.....	148
Tabela 9: Sujeitos nulos e a estrutura de CP nas duas décadas.....	148
Tabela 10: Tipo de oração e o sujeito nulo nas duas décadas.....	148
Tabela 11: Sujeitos nulos e elementos entre sujeito e verbo.....	148
Tabela 12: Sexo vs sujeito nulo nas duas décadas.....	149

INTRODUÇÃO

Em sua tese de 1983 e em trabalho publicado postumamente (1993), Tarallo demonstra, com base em estudos diacrônicos desenvolvidos por ele e por diversos pesquisadores, dentre os quais se destacam Duarte e Berlinck, evidências quantitativas de que no português brasileiro (PB) ocorreram mudanças drásticas na passagem do século XIX para o século XX, provocando a configuração de uma gramática distinta da do português europeu (PE). As principais mudanças fizeram-se presentes na sintaxe pronominal e um dos casos de diferenciação diagnosticado diz respeito à realização do sujeito pronominal de referência definida.

O autor nota uma correlação entre maior frequência de sujeitos pronominais plenos e aumento de objetos nulos, moldura que, teoricamente, afastaria o PB da variedade de além mar. Tomando por base a questão do encaixamento lingüístico estabelecido em Weinreich, Labov & Herzog (1968), Tarallo chega à conclusão de que a mudança não era aleatória, mas encaixada em um conjunto de mudanças, do qual fazem parte a mudança nas estratégias de relativização, a fixação da ordem SVO (sujeito-verbo-objeto) tanto em declarativas quanto em interrogativas-q.

A que atribuir essa maior frequência de sujeitos plenos no PB? Tal pergunta precisava ser respondida. Para tanto, Duarte desenvolve uma série de pesquisas variacionistas, com base na fala culta, (1995,1998,1999a,1999b) para investigar o fenômeno e demonstra que, enquanto na variedade europeia do português predomina a opção pela expressão vazia do pronome, na brasileira, a preferência recai sobre o sujeito pronominal pleno em todos os contextos, o que significaria uma mudança em curso na marcação do Parâmetro do Sujeito Nulo.

Em todas as investigações de Duarte, ficou evidenciado o comportamento diferente da 3ª pessoa em relação às demais. A autora notou que o avanço do preenchimento do sujeito pronominal nesse contexto não se dava com o ritmo intenso verificado na primeira e segunda. Dessa constatação vem a motivação para esta tese, cujo objetivo principal é investigar, num estudo em tempo real de curta duração, nos moldes desenvolvidos por Labov (1994), o comportamento do sujeito anafórico de 3ª pessoa na fala culta do PB, mais especificamente no dialeto carioca, tomando por base teórico-metodológica os pressupostos da Sociolinguística, aos quais foram associados alguns pressupostos da Teoria de Princípios e Parâmetros (Chomsky, 1981). Os resultados serão comparados com o registro culto das falas portuguesa e moçambicana.

A perspectiva do trabalho será a de olhar, no PB, para o fenômeno da mudança na 3ª pessoa, buscando fazer uma análise variacionista que leva em conta a implementação e o encaixamento da mudança linguística. Pretende-se, com esse procedimento, verificar, na fala culta do PB, no período em análise, se houve mudança no indivíduo e na comunidade, no que tange ao comportamento da 3ª pessoa.

Ao mesmo tempo, objetiva-se refletir sobre o PB no contexto das línguas românicas dentro do quadro de Princípios e Parâmetros para interpretar o comportamento do sujeito anafórico de 3ª pessoa inter e intra-sistemas, bem como proceder a uma leitura parametrizada de tal fenômeno, o que significa levar em conta realidades gramaticais de uma língua ou de línguas diferentes. Para tanto, será desenvolvida uma análise comparativa entre as variedades portuguesa, brasileira e moçambicana do português. Os resultados obtidos para o PB, referentes à amostra mais recente, serão comparados a resultados do PE e PM (português moçambicano), com o objetivo de verificarmos se o sujeito anafórico de 3ª pessoa nessas duas variedades se realiza da mesma forma que no PB.

Acredita-se que, no PB, a mudança de língua de sujeito nulo para língua de sujeito

pleno se dá mais lentamente na 3ª pessoa, um contexto mais favorável ao sujeito nulo e que, por isso, pode indicar um estágio em que o PB nem tem um comportamento de língua de sujeito nulo prototípica nem de língua de sujeito preenchido. A hipótese é a de que essa variedade do português está em processo de se tornar uma língua negativamente marcada em relação ao Parâmetro do Sujeito Nulo.

A primeira parte desta tese é dedicada a uma revisão crítica das análises que chegaram ao meu conhecimento. Julga-se importante retomar, sob um olhar crítico, os estudos de outros pesquisadores com o intuito de não só buscar aspectos que possam ser comparados aos meus resultados, mas espera-se, nesses trabalhos, encontrar evidências do comportamento diferenciado da 3ª pessoa .

O quadro teórico em que se insere este trabalho é descrito no segundo capítulo, em que são apresentados os objetivos e as hipóteses que orientam a pesquisa, bem como a metodologia: a natureza do *corpus* utilizado e a descrição dos possíveis fatores condicionantes levantados para o estudo da expressão do sujeito anafórico de terceira pessoa no PB.

No terceiro capítulo, procede-se à interpretação dos resultados referentes aos fatores considerados, ou não, significativos pelos programas estatísticos a que os dados foram submetidos.

No quarto capítulo, são retomados os resultados obtidos na análise em tempo real para compará-los a resultados referentes ao PE e PM (português moçambicano).

1- O SUJEITO PRONOMINAL

Este capítulo apresenta uma leitura de trabalhos sobre o sujeito pronominal no português brasileiro. As pesquisas resenhadas apresentam-se distribuídas de acordo com as modalidades oral e escrita. Em relação à língua falada, agrupam-se os trabalhos em função dos critérios sincrônico e diacrônico. É a partir desses textos que serão levantados os grupos de fatores que guiarão a análise da presente tese.

1.1 O sujeito pronominal no português brasileiro

1.1.2 Modalidade oral: os estudos sincrônicos

Uma das primeiras pesquisas variacionistas sobre a realização plena ou nula do sujeito pronominal é a de Lira (1982), com base na fala de homens e mulheres com diferentes níveis de escolaridade e naturais do Rio de Janeiro. A amostra analisada está distribuída por três níveis sócio-econômicos e abrange três faixas etárias. Nessa pesquisa, a autora examina o comportamento do sujeito pronominal, dispensando um tratamento uniforme às três pessoas gramaticais, embora reconheça a especificidade de cada pessoa na influência do apagamento ou uso do pronome. Além disso, analisam-se sob os mesmos critérios e no mesmo conjunto de dados sujeitos de referência definida e indeterminada (arbitrária).

De um total de 8924 ocorrências levantadas por Lira, 3900 são de sujeitos nulos, o que significa um percentual de 44% contra 56% de pronomes preenchidos. Se levarmos em conta o fato de que os sujeitos de referência definida e arbitrária não foram analisados separadamente e que a autora considera orações coordenadas com sujeitos correferentes, deduz-se que qualquer comparação deve ser feita com ressalvas, principalmente no que se refere à 1ª pessoa do singular, já que se considerou também como forma de 1ª pessoa do singular os pronomes **você** e **a gente** em contextos de sujeitos indeterminados.

Unir sujeitos de referências distintas num mesmo conjunto de dados, ainda que eles se distingam em um grupo de fatores, implica considerar a realização da 3ª pessoa de maneira homogênea em todos os contextos. Na verdade, o comportamento do sujeito de 3ª pessoa guarda características diferentes das demais, principalmente pela possibilidade de ele aparecer em forma de um sintagma nominal, o que lhe confere uma distribuição distinta da 1ª e 2ª pessoas, que só têm a opção de se realizarem ou por meio do pronome ou da sua expressão vazia. Há, portanto, a necessidade de o sujeito de 3ª pessoa ser examinado sob critérios específicos. Paredes Silva (1988), como veremos a seguir, apresenta fortes argumentos em favor desse procedimento.

De qualquer maneira, os resultados de Lira evidenciam que a 2ª pessoa é a que menos favorece o sujeito nulo, quer no singular (.36) quer no plural (.41),¹ seguida da primeira pessoa do singular (.47). No que se refere à 3ª pessoa, houve um ligeiro favorecimento em relação à expressão vazia do sujeito: .56 e .60, singular e plural, respectivamente. O percentual alcança 53% no singular e no plural. Olhando-se para os pesos da terceira pessoa, pode-se concluir que a 2ª e a 3ª pessoas estão mesmo nos dois extremos, aquela desfavorecendo, esta favorecendo o sujeito nulo, o que, enfim, é confirmado nos trabalhos que se seguiram.

Além desse trabalho precursor sobre o comportamento do sujeito pronominal no português falado do Rio de Janeiro, destaca-se também o estudo de Duarte (1995) sobre a fala culta carioca. A autora desenvolveu uma pesquisa sincrônica, cujo objetivo foi buscar, num *corpus* de língua oral² e a partir da perspectiva do tempo aparente, evidências que pudessem

¹ A autora apresenta os pesos relativos para o sujeito pleno. Aqui serão fornecidos os resultados em relação ao sujeito nulo.

² Analisaram-se 13 gravações de 1992 da amostra do Recontato, projeto NURC-RJ. Em relação à faixa etária, a amostra analisada apresenta a seguinte distribuição: de 59 a 74 anos: grupo 1, de 45 a 53 anos: grupo 2 e de 25 a 32 anos: grupo 3.

comprovar a hipótese, suscitada em trabalhos diacrônicos (cf. seção 1.1.3.1), segundo a qual a opção pelo sujeito pronominal preenchido estaria relacionada à redução no quadro flexional³.

Essa hipótese se confirma na constatação de diferenças significativas de percentuais na comparação entre três faixas etárias, sinalizando que “...diferenças lingüísticas entre gerações podem espelhar desenvolvimentos diacrônicos, quando outros fatores se mantêm constantes.” (Paiva e Duarte, 2003: 14).

O estudo de Duarte (1995) toma, pois, por base o estudo da mudança em tempo aparente postulado por Labov (Weinreich, Herzog & Labov, 1968). Sob essa perspectiva, tem-se que a introdução de uma forma inovadora na língua será feita pelo grupo mais jovem da comunidade, cujo comportamento lingüístico levará, paulatinamente, as novas variantes a substituírem as formas que caracterizam a fala do grupo de pessoas das faixas etárias mais avançadas. É exatamente nesses pontos da teoria variacionista que Duarte se pauta, chegando à conclusão de que a curva descendente na ocorrência de sujeitos nulos na fala dos mais jovens sugeria uma mudança em tempo aparente. De fato, todos os contextos se mostraram desfavorecedores, em termos percentuais, à representação vazia do pronome. Vejamos os resultados:

Pessoa	Desinência	Grupo 1 (59 a 74 anos)	Grupo 2 (45 a 53 anos)	Grupo 3 (25 a 32 anos)
1 ^a .p. sing.	-o,-i	36%	23%	27%
1a. p. sing.	Zero	36%	17%	16%

³ Para Negrão e Viotti (2000), a preferência pelo sujeito pronominal pleno não está relacionada ao enfraquecimento do paradigma flexional, mas a propriedades que aproximam o PB de línguas orientadas para o discurso, como assimetria na distribuição dos pronomes plenos e nulos. Torres Morais (2003) argumenta que essa preferência estaria associada ao fato de que está em processo, no PB, um processo de reanálise do sistema de concordância das formas verbais, o que leva as formas pronominais plenas em PB a aparecerem em qualquer contexto, ao contrário do PE e do espanhol, em que a possibilidade de alternância expressão/omissão do pronome não é livre, já que existem contextos em que a sua presença é obrigatória e outros em que a forma lexical é excluída.

1 ^a . p. pl.	-mos	29%	29%	0%
1 ^a . p. pl.	Zero	0%	5%	5%
2a. p. sing	Zero	21%	7%	11%
2 ^a . p. pl.	-m	0%	0%	0%
3a. p. sing.	Zero	50%	35%	33%
3 ^a . p. pl.	-m	50%	37%	20%

Tabela 1.1: Ocorrência de sujeito nulo nas três pessoas do singular e do plural (adaptada de Duarte,1995)

O quadro revela que, independentemente de a flexão ser distintiva ou não, o sujeito nulo é desfavorecido em todas as pessoas gramaticais, confirmando a hipótese da autora de que a redução dos paradigmas flexionais, a princípio atuando mais fortemente na 2a. pessoa, acabou por comprometer todo o paradigma, o que, em conseqüência, levou à necessidade de o sujeito pronominal realizar-se preferencialmente expresso, numa clara sugestão, suscitada pelos resultados obtidos, de que o português carioca passa por um processo de mudança em relação ao comportamento do sujeito pronominal. Note-se, entretanto, que os percentuais mais altos para o sujeito nulo em todas as pessoas gramaticais aparecem na fala dos mais velhos, com a terceira pessoa a exibir o percentual mais alto em favor da expressão vazia do sujeito, o que lhe confere o estatuto de contexto de resistência do sujeito nulo.

Cavalcante (2001), seguindo os passos de Duarte, desenvolve uma pesquisa em nível de Doutorado para verificar se o processo de mudança lingüística referente à realização do sujeito pronominal, já detectado na fala do Rio de Janeiro, também estaria ocorrendo em Alagoas, o que a levou a desenvolver a pesquisa, estabelecendo um diálogo permanente com a pesquisa de Duarte (1995). Por isso, procurou também buscar evidências da mudança a partir do estudo em tempo aparente. Para tanto, não só segue os passos da Sociolingüística

Variacionista como também lança mão dos mesmos grupos de fatores utilizados por Duarte (1995), diferindo apenas em duas variáveis extralingüísticas: escolaridade e distribuição geográfica. Assim, enquanto Duarte (1995) analisa apenas a fala de pessoas com nível superior e habitantes da cidade do Rio de Janeiro, Cavalcante opta por investigar a fala de informantes com diferentes níveis de escolaridade e moradores da capital e do interior de Alagoas.

A inclusão da variável escolaridade deve-se ao fato de a autora ter observado que “muitos falantes realizam sentenças cujas marcas de pessoa e de número só aparecem no pronome sujeito, o que contribui para o aumento nas realizações plenas da posição sujeito” (Cavalcante, 2001: 57). A julgar por essas palavras, parece que Cavalcante levanta a hipótese de que a ausência de concordância favorece a opção pelo sujeito preenchido. Ela supôs, ainda, que essa relação poderia estar associada à falta de escolarização sistematizada de muitos falantes, embora todos fossem alfabetizados. No entanto, não ficam explícitos os dados de que ela parte para chegar à suposição de que as marcas de pessoa e de número só aparecem no pronome sujeito. Provavelmente, a autora baseia-se no curto período de frequência à escola.

A distribuição dos falantes constituiu-se da seguinte forma: 04 mal completaram o ensino fundamental, 04 cursaram o ensino médio e os demais concluíram o nível superior; entretanto, o que não está claro é como essa divisão se apresenta tanto em relação à faixa etária quanto à localidade. Não se identifica, por exemplo, se há falantes do interior com nível universitário.

A autora chega à conclusão de que o PB, na fala de Alagoas, também está em processo de mudança em relação ao comportamento dos sujeitos pronominais, uma vez que foram encontrados, no cômputo geral, 31% de sujeitos nulos, confirmando, pois, sua hipótese inicial. A conclusão de que há mudança em curso parece estar associada aos baixos índices de

apagamento do sujeito no que se refere aos condicionamentos lingüísticos, já que a variável faixa etária não foi selecionada pelo programa de regra variável.

Outro grupo de fatores extralingüísticos descartado na análise variacionista diz respeito à escolaridade. Isso indica que a escolarização não influencia significativamente o comportamento do sujeito pronominal na fala de Alagoas. Sendo assim, a suposição de que essa variável seria um fator de influência na opção nula ou plena do pronome não se confirma. Além disso, não se sustentaria a hipótese de que a ausência de concordância favorece o preenchimento do sujeito e de que essa relação estaria associada ao nível de escolarização do falante; mas, como a variável escolaridade não foi selecionada, a autora não dedicou uma análise sobre a questão. Se a faixa etária e a escolaridade não foram selecionadas, é quase certo que o sujeito nulo que ainda predomina na terceira pessoa (particularmente os índices mais altos) esteja ligado à escola e à faixa mais alta.

Mesmo considerando o fato de que os escolarizados fazem uso da concordância, não se pode invalidar a hipótese de que a sua ausência esteja relacionada ao preenchimento. Na verdade, a taxa de sujeitos nulos encontrado por ela (31%) é praticamente a mesma que Duarte encontra para a fala culta (29%). Para refutar ou confirmar tal hipótese, é necessário olhar para investigações que levem em conta o registro culto para verificar se, de fato, os falantes com nível superior realizam mais a concordância, o que nos leva a esperar mais sujeitos nulos na fala dessas pessoas, principalmente no tocante à 3ª pessoa, contexto menos favorável à expressão plena do pronome⁴.

⁴ Graciosa (1991) analisa a fala culta carioca e mostra que os índices de ausência de marcas de concordância verbal são muito baixos (7%). Isso invalida a hipótese de que a ausência de marcas de concordância esteja ligada a índices mais altos de preenchimento. Não invalida, entretanto, a hipótese de que o início da mudança teria sido motivado pela redução do paradigma flexional e que a mudança atua sobre todas as pessoas do discurso, embora mais lentamente na terceira, o que tem a ver com a forma de identificação do sujeito nulo.

Quanto às variáveis lingüísticas, no que tange à pessoa gramatical, na 1ª pessoa, verifica-se, em relação ao sujeito nulo, um peso relativo de .53, no singular e .50, no plural. Para a 2ª pessoa do singular obteve-se .52. O peso obtido para a 3ª pessoa é de .52 e .56, singular e plural, respectivamente. Não se notam diferenças expressivas entre os resultados, uma vez que os pesos relativos⁵ estão muito próximos. Provavelmente, esse é o motivo que leva Cavalcante a acreditar que, na fala de Alagoas, a implementação da mudança na 3ª pessoa reflita o mesmo estágio por que passam a 1ª e 2ª pessoas, ao contrário do que se supõe no presente estudo, mas, provavelmente, a diferença pode se dever à escolarização. Daí as amostras que têm falantes cultos mais velhos ainda mostrarem um comportamento diferente no que se refere à 3ª pessoa

Outros trabalhos variacionistas, focalizando a língua falada em diferentes regiões do Brasil, confirmam o predomínio de sujeitos plenos sobre os nulos, entre os quais se podem citar: Ferreira (2003) sobre a fala da comunidade rural Kalunga e Laperuta (2003) sobre a fala de Londrina.

1.1.3 Estudos da mudança em tempo real

1.1.3.1 Estudos em tempo real de longa duração

Duarte (1993) empreende, com base em textos de peças populares brasileiras, uma pesquisa diacrônica motivada por pressupostos teóricos de base gerativista sobre a mudança na marcação do Parâmetro do Sujeito Nulo no português do Brasil. Ela parte da hipótese de que há uma íntima relação entre a crescente preferência pelo sujeito pronominal pleno e a

⁵ Na leitura que se faz das informações fornecidas pelo programa de regra variável – VARBRUL – o resultado em termos percentuais nem sempre reflete a significância dos fatores. Por isso é importante levar em conta os pesos relativos. Estes, no entanto, como lembra Gomes (2003) com base em Naro (1992), não têm um valor em si mesmos. O que se deve levar em conta na identificação do favorecimento ou desfavorecimento de um contexto é a relação entre eles e não o seu valor numérico em si.

redução nos paradigmas flexionais, conseqüência de mudanças no quadro pronominal. Os resultados alcançados revelaram que, enquanto estava em vigor o paradigma verbal que exhibe a 2ª pessoa direta (tu/vós), além das formas de tratamento (ou segunda pessoa indireta), o índice geral de pronomes nulos fica em torno de 75% a 80%.

Quando o paradigma começa a se reduzir (quer pelo desuso temporário de “tu” nas peças correspondentes ao período que vai dos anos 30 aos anos 60 do século XX, quer pela neutralização entre tu/você – sem distinção na desinência verbal – no período posterior aos anos 60), a realização fonética do sujeito pronominal começa a crescer. A situação se agrava quando a forma “a gente” passa a concorrer com “nós” para expressar a 1ª pessoa do plural, o que leva a uma redução ainda maior no quadro de flexões. Em conseqüência, os percentuais de sujeitos pronominais vazios decrescem, chegando a 26% na peça “No coração do Brasil” de Miguel Falabella, escrita em 1992. A julgar pela relevante diferença nos percentuais, não era impeciente pressupor que havia uma mudança em curso.

1.1.3.2 Estudos em tempo real de curta duração

Recentemente, Duarte e Paiva (2003 a, 2003 b) alertam, com base em Labov (1994), para o fato de que lançar mão apenas de evidências obtidas pelos estudos com base no tempo aparente não constitui um procedimento muito seguro para o pesquisador chegar à conclusão de que se processa de fato uma mudança na língua. Existem, segundo as autoras, dificuldades “nem sempre contornáveis com os recursos heurísticos disponíveis ” (2003b: 179), dentre as quais se inclui a possibilidade de as correlações sistemáticas com a variável idade não indicarem, muitas vezes, uma mudança em progresso na língua. As diferenças entre os diversos estratos etários podem apontar também para uma mudança geracional e não uma alteração no sistema.

Para a obtenção de resultados mais seguros, algumas pesquisas variacionistas conjugam evidências fornecidas pelo estudo da mudança em tempo aparente com resultados de análises em tempo real de curta duração, em que se busca apreender a evolução lingüística de um fenômeno através do tempo, para observar a trajetória do comportamento lingüístico seja do indivíduo, no “estudo de painel” seja da comunidade, no “estudo de tendência”⁶, o que permite, segundo Paiva e Duarte (2003), afirmações mais consistentes sobre uma mudança lingüística.

Assim, com o objetivo de observar a implementação da mudança em direção ao preenchimento do sujeito, bem como verificar o encaixamento da mudança no sistema e, conseqüentemente, ratificar a hipótese aventada com base na análise em tempo aparente (Duarte, 1995), Duarte (2003) empreende uma pesquisa em tempo real de curta duração tanto na esfera da comunidade quanto na do indivíduo. Foram, portanto, feitos dois tipos de estudo cada um com base em duas amostras separadas por um período de dezenove anos aproximadamente⁷.

No trabalho de 1995, a amostra restringe-se à fala de pessoas com nível universitário, gerando, portanto, uma descrição do comportamento lingüístico de pessoas com mais de 25 anos e que, teoricamente, representam a variedade lingüística considerada culta. Já na segunda investigação, os dados provêm de informantes com níveis de escolarização que vão do

⁶ Maiores detalhes acerca das diferentes metodologias utilizadas na investigação de uma mudança lingüística serão apresentados no capítulo referente aos pressupostos teórico-metodológicos.

⁷ Para o “estudo de tendência”, a autora utilizou 32 gravações da amostra conhecida como amostra Censo – obtida em início dos anos 80 e uma nova amostra obtida em finais de 2000. Cada amostra é composta por falantes cariocas, distribuídos de acordo com a variável sexo, em quatro faixas etárias (7 a 14, 15 a 25, 26 a 49 e acima de 49 anos de idade) e em três níveis de escolarização (1º e 2º segmentos do ensino fundamental e ensino médio). Em relação ao “estudo de painel”, foram analisadas 16 entrevistas, já que apenas 16 informantes da amostra de 80 foram recontactados para constituir a nova amostra. No estudo de painel, só se leva em conta o indivíduo. Neste caso, seis falantes tinham completado o curso universitário e os outros dez mantiveram o mesmo nível de escolaridade.

fundamental ao médio e que se distribuem em faixas etárias acima de 7 anos, constituindo, portanto, o que se considera uma amostra da fala popular carioca.

Em relação à pesquisa de 2003, o que se verifica é a constatação de que o comportamento de falantes com níveis de escolaridade distintos não é diferente do comportamento de falantes com nível universitário. Além disso, o estudo revela um quadro equilibrado nos últimos 19 anos.

Em ambas as investigações, tomou-se como possíveis fatores de condicionamento à forma plena ou vazia do pronome os mesmos aspectos sintáticos, morfológicos e semânticos. Se, na primeira pesquisa, a variável morfológica “pessoa gramatical” revelou-se significativa a ponto de levar a autora a confirmar duas suposições já sugeridas em seu trabalho de 1993: a) a hipótese de que a 3ª pessoa resiste à mudança em curso, ao contrário da 1ª e 2ª pessoas, b) a hipótese de que a mudança está relacionada a uma redução nos paradigmas flexionais no PB, - - no trabalho de 2003, são os fatores sintáticos que se destacam.

Ao investigar o comportamento do sujeito pronominal na fala popular, a autora constata que, tanto no estudo de painel quanto no de tendência, a presença/ausência de elementos na estrutura inicial da oração (em CP)⁸ influencia a opção pelo pronome nulo ou pleno, o que também ocorreu com a fala culta. Tanto no que se refere ao comportamento do indivíduo (estudo de painel) quanto no que se refere ao comportamento da comunidade (estudo de tendência), quando há elementos nessa posição – palavras –qu, como em (1), e conjunções, exemplo (2) - a preferência recai sobre a forma plena do pronome. Já a ausência de material fonético no início da oração, conforme aparece em (3), favorece a realização nula do pronome.

(1) Foi uma reportagem que eu vi na televisão na época que eu via televisão.

⁸ CP (Complementizer Phrase) e IP (Inflexional Phrase) correspondem a SC (Sintagma Complementizador) e SF (Sintagma Flexional), respectivamente. Optamos por usar as siglas originais pela frequência com que aparecem nos textos de lingüística gerativa.

- (2) Ela ganha bem, mas eu acho que ela devia ganhar mais porque ela merece.
- (3) Eu estava grávida da Cocódi, barrigão, sete, oito, nove meses. ____*(cv)* Pegava esse ônibus, Caxias, em pé. ____*(cv)* Ia a Madureira...*(cv)*tenho dois braços. Eu carregava seis sacolas⁹.

Outro aspecto sintático que se mostrou relevante, em ambas as análises, foi a presença /ausência de elementos intervenientes entre o introdutor da oração e o sujeito (adjuntos a IP, ou seja, elementos entre CP e IP). Se ocorre a existência de material fonético adjunto ao sintagma flexional, sejam estruturas com elementos topicalizados, sejam adjuntos adverbiais, como as exemplificadas em (4) e (5)¹⁰, respectivamente, a opção preferida é a expressão plena do pronome:

- (4) Minha avó gosta muito de se divertir, gosta de tomar a cerveja dela. Cerveja *ela* toma bastante.
- (5) Agora *ele* deixou de ter amigo. Agora *ele* só tem um colega.

Mas, se esses elementos estão ausentes, como em (6), o que se observa é a preferência (em termos de peso relativo) pela posição vazia do sujeito:

- (6) Aí *ele* foi pra França. ____*(cv)* Botou o bicho pra voar. ____*(cv)* Fez lá o balão¹¹.

Se levarmos em conta as duas análises, observa-se uma simetria nos resultados: existência de elementos à esquerda da oração leva ao preenchimento; a ausência, ao pronome nulo. Simetria que se revela também nos estudos de Bravin dos Santos (2000), sobre a escrita de estudantes do ensino médio, e que, segundo Duarte, pode estar relacionada ao enfraquecimento do paradigma verbal, já que, em um sistema em que aparecem apenas três

⁹ Os exemplos são da autora. No original: 4 a, 4b e 4d. p.120.

¹⁰ No original, exemplos 5 a,e 5b e 5d, p. 121.

¹¹ No original: 5d, p.121.

oposições, é natural que a identificação do sujeito nulo se torne cada vez mais difícil. Como a flexão já não é capaz de identificar um sujeito nulo, é preciso que isso seja feito por um antecedente. Ora, a presença de algum elemento à esquerda do sujeito, particularmente em CP ou adjunto a IP, pode dificultar a acessibilidade a um antecedente no contexto anterior. Assim, quanto menos acessível o antecedente, maior a possibilidade de o sujeito se realizar foneticamente.

A conclusão a que Duarte chega no estudo de 2003, ou seja, a de que os resultados obtidos em tempo real, quer no estudo de painel quer no de tendência, não sugerem mudança lingüística no tocante ao comportamento do sujeito pronominal, durante o espaço de tempo analisado. Isso nos levaria a supor que, nesse caso, o estudo em tempo real não espelhou o resultado alcançado na pesquisa de 1995, em que se tomou por base o estudo em tempo aparente e a partir do qual se supôs uma mudança paramétrica em curso no PB.

Entretanto, Duarte atribui a estabilidade no comportamento do indivíduo e da comunidade ao curto período de tempo que separa as duas amostras e ao já adiantado estágio da mudança. Houve, porém, indícios de que certas restrições já não são muito significativas. Por exemplo, diminui a diferença entre os pesos relativos obtidos para o traço [+/- animado] e para as condições de referência (correferência ou não com o sujeito da oração precedente). E se, por um lado, não se pôde confirmar em tempo real de curta duração a implementação da mudança, por outro, não se descarta a hipótese de que o preenchimento do sujeito prossegue lentamente, posto que a autora constatou altos índices percentuais de sujeitos plenos em todos os contextos e uma média de 80% de sujeitos preenchidos para cada pessoa gramatical, o que nos autoriza a afirmar que o estudo em tempo real espelhou o resultado da pesquisa de 1995.

A interpretação que se faz desses resultados é a de que o estudo de 2003, baseado em amostras com perfis diferentes daquela utilizada em 1995, confirma as hipóteses suscitadas por um trabalho que, como já mencionado, leva em conta o registro lingüístico considerado

culto. No presente estudo, defende-se uma investigação, em tempo real de curta duração e com base na fala culta, que submeta exclusivamente a 3ª pessoa a todos os fatores lingüísticos levantados por Duarte. Assim, poderemos verificar se a mudança no período estudado revela progresso, além de trazer novas informações sobre o comportamento da terceira pessoa.

Em 2003, Paredes Silva desenvolve uma investigação em que associa a análise quantitativa da teoria da variação aos princípios do Funcionalismo. Ela busca verificar, com base no estudo em tempo real (e a partir de seu estudo de 1988 com base na escrita, que será comentado na seção 1.2), o comportamento do sujeito pronominal de 1ª e 3ª pessoa em amostras de língua falada constituídas para o estudo de painel e de tendência¹², o que lhe permitiu comparar a fala popular carioca em duas sincronias, tanto no nível da comunidade quanto no do indivíduo. Empreendeu-se, portanto, um estudo do tipo tendência e do tipo painel.

Um trabalho nessa perspectiva tem por objetivo verificar se há mudança lingüística em curso. Porém, o que se confirmou, tal como revelou o estudo de Duarte (2003) sobre as mesmas amostras, é que, no intervalo de tempo investigado, não há evidências de mudança, mas de variação estável, revelada pela proximidade dos pesos relativos¹³, como se verifica nos pesos relativos obtidos para a ausência de pronome na 1ª e 3ª pessoa¹⁴:

¹² Paredes Silva examina a mesma amostra utilizada por Duarte. Por isso, encaminho o leitor à nota 7.

¹³ Paredes Silva toma como aplicação da regra variável a presença do pronome. Para manter uniformidade nesta pesquisa, fornecemos os resultados para o sujeito nulo.

¹⁴ A autora investigou apenas os sujeitos pronominais de 1ª e 3ª pessoa. Embora tenha analisado também os sujeitos retomados por SN, ela não apresentou os resultados para essa variante.

	Amostra anos 80	Amostra 2000
1ª pessoa	0.28	0.26
3ª pessoa	0.41	0.45

Tabela 1. 2: Ausência do pronome-ESTUDO DE TENDÊNCIA (adaptação: Paredes Silva: 2003, p.99)

	Amostra anos 80	Amostra 2000
1ª pessoa	0.28	0.25
3ª pessoa	0.37	0.46

Tabela 1. 3: Ausência do pronome-ESTUDO DE PAINEL (adaptação: Paredes Silva: :2003, p. 99)

As diferenças entre os pesos relativos para a primeira e terceira pessoa revelam a diferença de comportamento entre elas, ratificando a maior resistência da 3ª pessoa, em relação à 1ª, ao preenchimento, mas que também já começa a ceder à implementação da mudança, ainda que lentamente. Quanto aos percentuais referentes à 3ª pessoa (Paredes Silva, 2004), verificou-se, na amostra 1990, 50% de pronomes plenos, 38% de sujeitos nulos e 12% de SNs. Esse resultado praticamente se repete na amostra 2000, uma vez que a diferença percentual de uma época para outra, pode ser considerada insignificante. Vejamos as taxas para a amostra 2000: pronomes: 49%, sujeitos nulos: 42% e SN's: 9%. Observe-se, porém, que há um ligeiro aumento no índice de sujeitos nulos, o que parece fortalecer a hipótese de que, no tocante à 3ª pessoa, há sem dúvida um comportamento diferente da realização do pronome sujeito.

Na verdade, os resultados obtidos por Paredes Silva para a expressão plena do pronome vão muito além do que se espera de uma língua *pro-drop*. E, nesse ponto, chega-se justamente à hipótese de Duarte de que o português falado no Brasil não se configura uma

língua de sujeito nulo, como o italiano e o PE. É claro que as duas pesquisas seguem quadros teóricos distintos e, conseqüentemente, metodologias distintas. Enquanto para Paredes Silva as coordenadas são relevantes, o mesmo não ocorre em relação à perspectiva de Duarte, que leva em conta o fato de que tais contextos não são relevantes na distinção entre línguas e, portanto, não constituem uma propriedade das línguas de sujeito nulo.

1.2 A modalidade escrita

Uma investigação de fundamental importância para o estudo do sujeito pronominal no português brasileiro em relação à modalidade escrita é a pesquisa de Paredes Silva (1988), que trata do fenômeno da variação do sujeito pronominal em 70 cartas pessoais escritas por homens e mulheres da cidade do Rio de Janeiro. A autora associa a análise quantitativa da teoria da variação aos princípios do Funcionalismo, o que lhe permitiu chegar à conclusão de que a escolha do falante na expressão ou não do pronome decorre de motivação discursiva.

No cômputo geral, a autora analisou 2.787 ocorrências de sujeito pronominal. A distribuição dos dados indica o predomínio da 1ª. pessoa, com 59% do total de sentenças analisadas, seguida da 3ª. pessoa, com 25% e finalmente a 2ª., com 16%. Quanto ao apagamento da posição do sujeito, temos na 1ª. pessoa 77%. Na 2ª., 30% das ocorrências apresentaram sujeito nulo. A terceira pessoa se mostrou neutra quanto à regra, com 50%. Esses resultados são suficientes para mostrar que a escrita, particularmente em relação à 1ª. pessoa, apresenta resultados diametralmente opostos à fala, em que o pronome de primeira pessoa é predominantemente exposto.

Um dos vários méritos dessa pesquisa está no reconhecimento de que a alternância entre sujeito explícito e sujeito zero não se realiza de forma regular nas três pessoas, uma vez que cada uma apresenta características peculiares. Isso implica, conseqüentemente, um

tratamento diferenciado para cada pessoa gramatical. Especificamente em relação à 3ª pessoa, foram estabelecidas variáveis diferentes daquelas utilizadas para a 1ª e 2ª pessoas, porque se levou em conta o fato de a 3ª pessoa, além de desempenhar um papel anafórico, atuando, portanto, como elemento de coesão do texto, ter a possibilidade inerente de reportar-se a uma variedade de referentes. A autora argumenta, ainda, que nesse contexto não há apenas a oposição binária ausência x presença do pronome sujeito, como na 1ª e 2ª pessoas, mas entram em jogo três variantes: SN pleno, pronome pleno e pronome nulo.

No que tange aos resultados obtidos para a 3ª pessoa, foi verificado um percentual de 18% de realização do sujeito por um sintagma nominal, 50% de sujeito nulo e 32% de pronomes expressos. Isso nos leva a concluir que o índice de preenchimento do sujeito por um SN anafórico é muito baixo, o que pode ser explicado pela proximidade dos referentes, ou seja, quando a 3ª pessoa está muito próxima de seu referente, normalmente ocorre um pronome pleno ou nulo, já que a identificação do antecedente não fica comprometida.

No que se refere à produção escrita na escola, destacam-se dois estudos: Bravin dos Santos (2000) e Averbug (2000). A pesquisa de Bravin dos Santos (2000) sobre a realização do sujeito pronominal em diferentes tipos de textos (descritivos, narrativos, dissertativos e cartas) de alunos do Ensino Médio revelou, em relação à 3ª pessoa, um comportamento semelhante ao encontrado por Paredes Silva nas cartas, já que foi verificado, em relação ao sujeito nulo, um percentual de 47% na 3ª pessoa do singular, e de 58% na 3ª do plural contra 27% na 2ª pessoa do singular, 69%, na 1ª do singular e 73%, na 1ª pessoa do plural. Veja-se que, embora os percentuais sejam diferentes, registram-se, em ambas as pesquisas, as mais altas taxas de apagamento do sujeito na 1ª pessoa, seguida da 3ª e encontram-se os mais baixos índices de sujeito nulo na 2ª pessoa.

Averbug (2000), em uma investigação desenvolvida com base em narrativas escritas por estudantes, distribuídos em cinco níveis de escolaridade - Classe de Alfabetização, quarta

série e oitava série do Ensino Fundamental, última série do Ensino Médio e Ensino Superior - verificou, em relação à 3ª pessoa, índice de 44% de pronome nulo contra 28% de plenos e 28% de SNs anafóricos. No que se refere à 1ª pessoa, o índice de apagamento do pronome alcança 49%. Na 2ª, o percentual sobe para 65%. Comparando esses resultados com os obtidos por Paredes Silva, observa-se que o comportamento da 1ª pessoa, nas cartas, é diferente do encontrado em narrações: enquanto naquelas a taxa de sujeito nulo é bem alta, nestas se aproxima de 50%, assemelhando-se, portanto, ao comportamento do sujeito nulo de 3ª pessoa nas cartas analisadas por Paredes Silva.

1.3 Modalidade oral x modalidade escrita

São apresentados nesta seção estudos que investigam o comportamento do sujeito pronominal a partir da comparação entre fala e escrita.

Em estudos recentes, Paredes Silva (2004) debruça-se sobre a 3ª pessoa para comparar seu comportamento na fala popular e na escrita. Para o estudo da língua falada, Paredes Silva utilizou os resultados de seu estudo de 2003. Na escrita, a investigação baseou-se em cartas pessoais, as mesmas que serviram de *corpus* para a pesquisa de 1988, e em textos da mídia impressa, mais especificamente “notícias e crônicas”. O percentual de sujeitos nulos alcança 50% nas cartas e 41% nas crônicas, resultado semelhante ao obtido para a fala popular, na pesquisa de 2003, conforme visto na seção **1.1**.

Gutz (2001) compara o comportamento da 3ª pessoa em narrativas escritas e orais de falantes nativos e não-nativos do português do Brasil e chega à conclusão de que não se deve analisar o sujeito pronominal de 3ª pessoa sob os mesmos critérios dispensados à 1ª e 2ª pessoas, uma vez que o sujeito nulo, na terceira pessoa, não se opõe apenas ao sujeito nulo e

ao pronome, mas também aos SNs, um fato para o qual Paredes Silva já chamara a atenção, o que levou à constatação de que o percentual de preenchimento na 3ª pessoa é semelhante ao da 1ª e 2ª. Esse resultado permitiu a conclusão de que a mudança de língua de sujeito nulo para uma língua de sujeito obrigatório “se encontra em um estágio mais avançado do que se supunha” (Gutz, 2001:199)

De fato, Paredes Silva e Gutz têm razão ao afirmarem que a 3ª pessoa guarda características especiais, o que, sem dúvida, impõe ao investigador o estabelecimento de critérios diferentes daqueles utilizados na análise das demais pessoas, principalmente no que se refere à necessidade de se considerar a alternância entre SN, posição vazia e pronome pleno. (Além do importante aspecto já mencionado a respeito da maior referencialidade dos pronomes de primeira e segunda e sua importância num processo de mudança envolvendo pronomes nulos e plenos).

Por julgarmos relevantes os argumentos em favor da necessidade de se considerar a alternância entre SN, posição vazia e pronome pleno na análise da 3ª. Pessoa, é que se pretende, nesta investigação, computar os SNs, mas apenas os anafóricos, uma vez que a primeira menção de um referente de terceira pessoa não tem nem a opção pelo pronome nulo nem pelo pronome pleno, salvo em situações pragmaticamente marcadas.

1.4 Algumas observações sobre o italiano

De Oliveira (2000) compara o PB ao italiano, língua *pro-drop* considerada prototípica. A autora procura explicar a diferença entre essas duas línguas no que tange ao preenchimento do sujeito pronominal. Os dados que a autora usou na comparação com os resultados de Duarte (1995) foram coletados em uma amostra que contempla as modalidades escrita e oral.

O trabalho não objetiva estudar especificamente o comportamento do italiano em relação ao Parâmetro do Sujeito Nulo nem faz uma análise variacionista mais estrita. A autora está preocupada em contrastar os seus resultados com os de Duarte para verificar até que ponto as diferenças entre o italiano e o PB podem indicar a natureza não-*pro-drop* da variedade brasileira do português ou a natureza *pro-drop* da língua italiana. Para tanto, investiga a realização do sujeito pronominal nos mesmos contextos analisados por Duarte, observando em que situações lingüísticas o italiano se diferencia do PB. Questiona, ainda, a hipótese de que, em uma língua genuinamente *pro-drop*, o sujeito nulo seja predominante em todas as estruturas. De Oliveira deixa transparente a idéia de que, mesmo no italiano, o sujeito pronominal explícito se realiza em diferentes contextos, embora em menor frequência que no PB.

Vejamos a tabela apresentada por De Oliveira com os seus resultados para o italiano e os de Duarte para o PB, no que se refere à pessoa gramatical:

	1ª pessoa	2ª pessoa	3ª pessoa
DUARTE (PB)	82%	78%	45%
DE OLIVEIRA (italiano)	51%	44%	27%

Tabela 1.4: Frequência de pronomes plenos nas três pessoas gramaticais nos estudos de De Oliveira e Duarte. (adaptação, De Oliveira: 2000, p.39)¹⁵

Curiosamente, os resultados de Duarte (1995) apresentados por De Oliveira não conferem com os apresentados no trabalho citado. A autora encontra 74% e 90% de sujeitos plenos para a primeira e terceira pessoas, respectivamente. De qualquer forma, tais resultados sugeriram a De Oliveira que a questão da alternância entre sujeitos plenos e vazios em línguas de sujeito nulo pode ser reavaliada, principalmente em relação à 2ª pessoa, cuja análise levou a autora a concluir que, nesse caso, há, no italiano, obrigatoriedade do sujeito pronominal pleno em sentenças no modo subjuntivo. Além disso, verificou-se, igualmente, uso categórico da realização plena do pronome de 2ª pessoa em orações completivas. Essa constatação é que impulsionou a autora a argumentar contra a hipótese, já mencionada, de que, nas línguas verdadeiramente *pro-drop*, o sujeito vazio seria predominante em todos os contextos ou, pelo menos, em algumas estruturas, como as apresentadas por Duarte.

Mas se compararmos os resultados do italiano com os do português europeu (Duarte, 1995), observa-se que, no caso da 1ª pessoa, os percentuais de pronomes são semelhantes, já que a taxa de plenos é de 47%, na variedade europeia do português e de 51%, no italiano, o que se pode considerar uma diferença insignificante. Duarte (1995), citando Ochs & Duranti (1979), já sinalizava o fato de uma ocorrência equilibrada de sujeitos nulos e plenos de 1ª pessoa não ser característica apenas do português europeu, mas é também da língua italiana, uma vez que, em uma conversa, o falante do italiano não se apresenta usando a expressão vazia do sujeito. Nesses casos, geralmente aparece um pronome pleno.

¹⁵ A autora esclarece, em nota de pé de página, que os dados referentes à sua pesquisa foram coletados em 1993 e os de Duarte em 1992. A tradução do título da tabela foi feita pela autora desta tese.

Duarte (1995) adota a hipótese de que línguas de sujeitos vazios rejeitam uma forma pronominal plena quando o referente apresenta o traço [-animado]. Por isso, ela supõe que a presença de tal traço poderia favorecer um contexto em que o sujeito nulo, no PB, seria residual. Entretanto, De Oliveira mostra que, mesmo em línguas como o italiano, é possível o uso pleno de pronomes sujeitos com referentes inanimados, como ocorre em (7):

(7) E la finanziaria _i ? Lei _i va, come la nave, verso chissà quale naufragio¹⁶.

‘ E a situação financeira_i ? Ela_i vai, como um navio, ao naufrágio.

Em relação ao antecedente, a autora observa que, na amostra analisada, aparecem sujeitos pronominais preenchidos em contextos que, teoricamente, seriam favoráveis à expressão vazia do pronome, numa clara sugestão de que se deva reavaliar a hipótese de determinados contextos serem, por excelência, redutos de sujeitos nulos. Trata-se de estruturas com manutenção de referente ou, em outras palavras, o que Duarte chama de referente sintaticamente acessível. A sentença em (8) foi selecionada por De Oliveira para exemplificar a realização de um sujeito pronominal pleno em uma construção em que se esperaria uma forma vazia:

(8) Che danno? **Io** ho innanzitutto avuto un danno morale perché **io** mi sentivo bene¹⁷

“ Que dano? Eu não tive um dano moral porque eu me sentia bem.”

A autora, entretanto, não apresenta o percentual de sujeitos preenchidos com o traço [-animado] ou em contextos em que há manutenção do referente.

¹⁶ (No original, exemplo [8], p.44)

¹⁷ .(No original, exemplo [10], p. 44)

No que toca especificamente à 3ª pessoa, verifica-se, na tabela 1.4, que, em ambas as línguas, a porcentagem de sujeitos pronominais cheios é menor na 3ª pessoa, o que confirma a suposição de que a sua realização guarda diferenças em relação às demais pessoas. E, se comparada a outros sistemas lingüísticos, parece que se encontram configurações morfossintáticas para a 3ª pessoa exclusivas de cada língua. É o que se conclui da comparação, estabelecida por De Oliveira, entre o PB e o idioma italiano.

De Oliveira mostra importantes aspectos qualitativos, mas as evidências de diferenças quantitativas têm que ser consideradas. Vejamos novamente os dados do português europeu em Duarte (1995). Os falantes dessa variedade do português também pronominalizam sujeitos quando o referente apresenta o traço [-animado]: 7% das estruturas codificadas por Duarte são de sujeitos nulos. É claro que isso é muito raro, mas ocorre no sistema. Também não se pode negar que a expressão plena do pronome possa aparecer com sujeitos correferentes em encaixadas, mas raramente ocorrerá.

A conclusão a que se chega, depois da leitura do artigo de De Oliveira, é a de que ela não considera o PB tão diferente do italiano no que diz respeito ao comportamento do sujeito pronominal, já que ela encontrou sujeitos pronominais plenos em contextos considerados exclusivos de sujeitos vazios. Ora, se levarmos em consideração o fato de que, na apresentação da pesquisa, só há evidências numéricas referentes às pessoas gramaticais, ficam dúvidas acerca dos percentuais obtidos para os demais contextos, principalmente em relação às completivas. Nesse caso, os sujeitos pronominais plenos podem ser influenciados pela falta de correferência entre os sujeitos, como ocorre em sentenças do tipo exemplificado em (9).

(9) **Eu** disse que **ela** vai.

Seria interessante que fossem explicitados os resultados obtidos para cada contexto. Assim, poderíamos verificar se as ocorrências de sujeitos pronominais expressos aparecem

somente nas construções em que há contraste ou ênfase ou se a realização plena do pronome também se dá em outros tipos de estruturas.

O que Duarte leva em conta para defender a hipótese de que o PB esteja se desviando do caminho *pro-drop* é justamente a conjugação dos pressupostos da Sociolinguística, dentre os quais se destacam a importância da frequência em termos percentuais e probabilísticos e as evidências do encaixamento da mudança.

Na verdade, é preciso ressaltar que nenhum trabalho sobre as línguas positivamente marcadas em relação ao PSN afirma que todos os sujeitos sejam nulos nessas línguas. Esta seria uma noção anti-funcional. O que ocorre é que, nessas línguas, o sujeito é “preferencialmente” nulo. Segundo Rizzi (1988:15),¹⁸ uma vez que um sistema tenha a opção de um pronome nulo, “a forma expressa ficará limitada a casos em que isso for necessário, isto é, quando o sujeito pronominal, expressando foco ou contraste, tem que ter acento/força”, um contexto que exclui, evidentemente, um elemento nulo.

Trabalhos mais recentes, entre eles o de Henry (2001), chamam a atenção para o fato de que também as línguas de sujeito preenchido, como o inglês, apresentam sujeitos nulos em certos contextos estruturais, os contextos iniciais, por exemplo, e sob certas circunstâncias (por exemplo, conversas telefônicas, diários, etc.). Talvez seja mais prudente considerar uma língua de sujeito nulo aquele em que há poucas restrições estruturais e contextuais para o aparecimento de um pronome nulo, que é por isso mesmo mais frequente que o pronome pleno.

¹⁸ “Roughly speaking, the use of pronounced material is legitimate only when necessary to convey the intended meaning, within the constraints of UG and of the particular grammar. This implies that, given the existence of a zero pronominal option, in languages like Italian, the overt form will be limited to the cases in which it is necessary, i. e., when the pronominal subject, being focal or contrastive must bear stress (evidently, the zero element cannot bear stress).” (1988:15)

1.5 Finalizando o capítulo

Pode ser visualizado, nas tabelas 1.5 e 1.6, um quadro geral dos resultados apresentados, em relação à 3^a pessoa, para o PB falado e escrito.

Lira (1982) Fala culta e popular	Duarte (1995) Fala culta	Paredes Silva (2004) Fala popular	Duarte (2003) Fala popular
53%	38%	42%	20%

Tabela 1.5: Percentuais de sujeitos nulos de 3^a pessoa na língua falada¹⁹

Paredes Silva (1988) Cartas	Bravin dos Santos (2000) Diversos modos de organização discursiva	Averbug (2000) Narração	Paredes Silva (2004) Crônicas
50%	47%	44%	41%

Tabela 1.6: Percentuais de sujeitos nulos de 3^a pessoa na língua escrita

Com exceção dos resultados de Duarte (2003) para a fala popular, o que se observa, de maneira geral, é uma certa homogeneidade no comportamento da 3^a pessoa em relação ao sujeito nulo, que exhibe percentuais relevantes para uma língua que, como vimos nas resenhas anteriores, esteja caminhando em direção à marcação negativa do parâmetro do sujeito nulo. O esperado seria uma diferença significativa entre fala e escrita, mas, é bem verdade, que esses resultados também confirmam a tendência ao preenchimento da posição do sujeito no PB. A tendência fica ainda mais clara na comparação entre PE e PB, com base na escrita

¹⁹ Os percentuais de Duarte (1995) referem-se aos obtidos para o grupo de pessoas mais velhas. Em Duarte (2003), não aparecem os percentuais para as pessoas gramaticais. O resultado que aqui se apresenta foi fornecido pela autora.

padrão (Duarte em preparação), em que se obtém, para a terceira pessoa, 49% de sujeitos nulos no PB e 93% no PE.

Parece que, de fato, é na a 3^a pessoa que se encontram os índices mais altos de sujeito nulo, como já foi observado por vários autores, e, por isso, constitui um contexto que resiste à mudança de língua de sujeito nulo para língua de sujeito preenchido. Em vista disso, o presente estudo tem por objetivo concentrar a análise na 3^a pessoa para prosseguir na investigação desse importante contexto de resistência ao sujeito pleno, utilizando amostras da fala culta carioca, e comparar seu comportamento com outras variedades do português.

Parte-se da hipótese de que o comportamento do sujeito anafórico de 3^a pessoa no PB apresenta uma certa estabilidade na linha do tempo. Para verificar se isso se comprova, serão analisadas amostras da fala culta carioca, separadas no tempo por um período de aproximadamente 20 anos. Faremos, portanto, um estudo em tempo real de curta duração nos moldes de Labov (1994). Os resultados obtidos para a amostra mais recente serão comparados aos obtidos para o PE e PM, com o objetivo de verificarmos se o sujeito anafórico de 3^a pessoa nessas duas variedades se realiza da mesma forma que no PB.

2- FUNDAMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

2.1 A pesquisa variacionista

No início do século XX, sob uma perspectiva saussuriana, não se podia compreender a noção de língua sem a consideração de que, num momento determinado de sua história, os elementos lingüísticos se organizam sincronicamente de modo a formarem um sistema a partir da conexão simultânea entre eles – sincronia- e de que essa mesma língua pode se transformar através do tempo, com a substituição de um elemento por outro sem qualquer vínculo de conexão que possa estruturar um sistema – diacronia. Havia, assim, uma rígida separação entre os fenômenos sincrônicos e diacrônicos que impossibilitava a observação de uma mudança em curso na língua. Dessa forma, uma mudança lingüística só poderia ser estudada quando estivesse concluída. Era como se a transformação ocorresse abruptamente de um período para o outro. Passadas algumas décadas, Weinreich, Labov & Herzog (1968) demonstram a possibilidade de se apreender uma mudança lingüística na sua gradualidade.

Na visão estruturalista, considera-se a língua um objeto homogêneo. Isso significa que, nesse modelo, a variação lingüística fica à margem do sistema lingüístico, domínio, por excelência, da invariância, com o qual o paradigma variacionista rompe ao pressupor uma concepção de língua em que a heterogeneidade é característica inerente ao sistema e, por consequência, parte integrante da competência lingüística do falante.

Antes de uma determinada mudança se efetivar no sistema lingüístico, há um período de variação em que duas estruturas competem até o momento em que apenas uma ganha terreno e se instala na língua. Além dessa noção de variação como pressuposto para a ocorrência de mudança, são importantes as noções de formas variantes, variável e mudança lingüística. A primeira é concebida como as “diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto, e com o mesmo valor de verdade” (Tarallo,1985:8), que constituem, no

conjunto, uma variável lingüística. Quando uma das variantes desaparece ou é substituída por outra, ocorre a **mudança lingüística** que é precedida de um período de variação entre as formas em competição. É aí que entram os pressupostos da Sociolingüística Variacionista, que procura fornecer princípios teóricos e procedimentos metodológicos para avaliar o caráter progressivo das variações dentro de um sistema.

2.1.1 Estudo da mudança em tempo aparente

O que subjaz ao paradigma variacionista proposto no clássico *Empirical Foundations for a Theory of Language Change* (1968) seria, sob os olhos de Saussure, um paradoxo: como fazer diacronia numa análise sincrônica? O recurso utilizado por Weinreich, Labov & Herzog para desfazer a contradição foi o de procurar apreender a implementação de uma mudança em curso a partir do pressuposto de que as diferenças lingüísticas entre gerações, observadas em um determinado momento, podem revelar os movimentos dentro de um sistema, uma vez que o comportamento lingüístico de cada geração caracteriza um estágio da língua.

Trata-se de conceber a mudança lingüística como um processo de descontinuidade entre gerações, cabendo aos mais jovens a função de interromperem o *continuum* ao introduzirem na língua novas variantes que, gradativamente, substituirão as formas produzidas por falantes mais velhos. É uma corrida de revezamento entre pessoas de diferentes idades, se permitem a metáfora, em que o objetivo seria os jovens tomarem o bastão/forma lingüística para, de alguma forma, transformá-lo (la), o que daria continuidade ao movimento na língua, ao mesmo tempo em que duas formas representativas de diferentes estágios coexistiriam no sistema. Olhar, portanto, para o comportamento lingüístico de indivíduos de faixas etárias diferentes é observar a face diacrônica da mudança. Tem-se, pois, o que Labov chamou de estudo da mudança no **tempo aparente**.

Como já foi visto no capítulo anterior, algumas pesquisas de cunho variacionista investigaram, sob a perspectiva da mudança no tempo aparente, o comportamento do sujeito pronominal e a conclusão a que se chegou é a de que, no tocante à realização do pronome sujeito, está em curso no português brasileiro uma mudança lingüística - de língua de sujeito nulo para língua de sujeito pleno. Isso significa que o reconhecimento desse movimento lingüístico, apreendido no estudo sincrônico, permite ao investigador acompanhar a trajetória de um fenômeno que faz parte dos processos que afetam até mesmo a configuração tipológica do português.

Mas nada na língua muda sem provocar uma reação em outro ponto do sistema numa clara relação de causa e efeito entre os processos, o que a Sociolingüística laboviana considera um encaixamento da mudança no sistema como um todo, embora o movimento lingüístico não se processe de um sistema inteiro a outro, mas em um conjunto de elementos interligados que alteram seus valores gradualmente.

Sob a perspectiva do estudo da mudança em tempo aparente, também é possível deprender correlações entre fenômenos lingüísticos aparentemente não inter-relacionados (Paiva e Duarte 2003). Toma-se aqui, como exemplo, a hipótese levantada por Duarte (1999:111) de que no português brasileiro falado, especialmente na região Sudeste, o sistema estaria lançando mão de diferentes recursos para preencher a posição dos sujeitos não-argumentais como uma reação natural à mudança no comportamento do sujeito argumental. Assim é que a realização de orações impessoais com a posição do sujeito preenchida, exemplificada em (1)²⁰, é cada vez mais freqüente (Kato e Duarte, 2003)

- (1) Lá, por exemplo, aonde mora a minha sogra, ela mora lá há trinta anos. Ela não tem grades na janela dela.

²⁰ A numeração dos exemplos será reiniciada em cada capítulo.

A possível relação entre processos lingüísticos, denominada, na teoria variacionista, *embedding problem*, parece também poder explicar outros fenômenos relacionados à tendência ao preenchimento da posição do sujeito no português brasileiro, como as freqüentes construções com sujeito deslocado à esquerda, ou duplo sujeito:

(2) **A guerra ela** traz o medo e a solidão...

e a realização dos sujeitos de referência arbitrária por formas plenas, principalmente pelo pronome **você**:

(3) Dinheiro, **você** pode tê-lo facilmente ²¹.....

A partir dessas evidências, pode-se pressupor que, de fato, há um movimento na língua, cujas conseqüências já se fazem notar no surgimento de estruturas incompatíveis com língua de sujeito nulo, como as construções com duplo sujeito, exemplificadas em (2). Porém, como já foi dito no capítulo anterior, apreender uma mudança em seu curso é tarefa difícil. Para o pesquisador alcançar resultados que o levem a “diagnosticar” uma mudança em curso em determinado sistema lingüístico torna-se necessário lançar mão de técnicas diferentes das empregadas na investigação que toma por base o estudo no tempo aparente. Trata-se da proposta laboviana (1994) que parte do pressuposto de que os movimentos apreendidos através do estudo de diferentes faixas etárias pode ser complementado por uma análise em tempo real de curta duração. O que é e para que serve tal técnica é assunto da seção 2.1.2. Na próxima seção, serão apresentados os pressupostos que embasam o estudo da mudança em tempo real de longa duração.

²¹ Os exemplos (2) e (3) foram destacados de Bravin dos Santos (2000) e fazem parte de textos dissertativos.

2.1.2 Estudo da mudança em tempo real de longa duração

O estudo da mudança em tempo real remete-nos a estudos longitudinais que comparam a direcionalidade de um fenômeno variável em diferentes sincronias e em longo prazo, como é o caso do trabalho de Berlinck (1989), que investigou o fenômeno da ordem V SN em três momentos históricos distintos: séculos XVIII, XIX e década de 80 do século XX, chegando à conclusão de que houve uma diminuição da frequência no que se refere à ordem V SN e uma alteração nos fatores estruturais relacionados a ela: se antes a ordem V SN estava principalmente relacionada ao status informacional (novo) do SN, no século XX a transitividade verbal (verbos monoargumentais) passa a ser o fator mais importante na sua manutenção no sistema.

Claro está que a autora buscou registros de estágios anteriores; mas, se para a análise do comportamento do falante do século XX, na década de 80, já se podia contar com sua produção oral registrada em amostras de língua falada, para os demais períodos, isso era impossível, o que levou Berlinck a buscar evidências do fenômeno investigado em textos escritos. E é justamente aí que se instaura um dos problemas da Sociolingüística: como verificar um fenômeno lingüístico em sua trajetória no tempo se não há mais falantes representativos da época em análise?

Se, por um lado, não existem mais falantes, por outro, permanecem os textos escritos, sobre os quais o pesquisador se debruça para tentar “fazer o melhor uso de maus dados” (Labov, 1994, p.11), já que só lhe restam os resultados finais de todo um processo que envolve a produção escrita, principalmente a filtragem de algumas construções frequentes na fala. Por isso, o sociolingüista que se propõe a fazer um estudo diacrônico

jamais tem às mãos o que seria considerado “os bons dados”: as ocorrências da fala espontânea do indivíduo.²²

O tratamento da mudança em tempo real foi refinado em Labov (1994). Nesse trabalho, o autor lança as bases para o estudo que permite o confronto de duas sincronias separadas por um espaço de tempo de aproximadamente 18 anos, o que equivale a uma geração. É o que se chamou de análise da mudança em tempo real de curta duração.

2.1.3 Estudo da mudança em tempo real de curta duração

Talvez a principal vantagem da análise em tempo real de curta duração seja a possibilidade de o pesquisador poder verificar a relação entre a fala do indivíduo e a da comunidade, o que lhe permite observar a continuidade do comportamento lingüístico do indivíduo no comportamento da comunidade e vice-versa, sem, contudo, deixar de considerar, por um lado, as especificidades de cada falante e, por outro, os padrões lingüísticos que regulam a produção da comunidade. Assim, pode-se observar: a) como o indivíduo muda, ou não, seu comportamento lingüístico com o passar do tempo e b) como a comunidade se comporta: mantém-se estável ou apresenta instabilidade no percurso do tempo em análise?

De acordo com Labov (1994), combinando-se essas possibilidades, chega-se a quatro padrões distintos que podem explicar a relação indivíduo/comunidade:

²² Paiva e Duarte (2003) apresentam outras limitações que sofre o pesquisador ao trabalhar com o tratamento da mudança lingüística em tempo real de longa duração, como, por exemplo, a preservação, na escrita, de formas que desapareceram há muito tempo da fala. Além disso, nesse trabalho, as autoras procuram mostrar como é possível avaliar a documentação do passado, considerando o presente. Segundo elas, é natural esperar que, em relação a um determinado fenômeno variável, os mesmos princípios atuantes no presente tenham exercido influências também no passado. É o que demonstra a pesquisa de Naro (1998), que encontra em textos medievais o mesmo efeito da saliência fônica encontrado na fala contemporânea sobre a perda de marcas de concordância verbal.

	Indivíduo	Comunidade
1. Estabilidade	Estável	Estável
2. Gradação etária	Instável	Estável
3. Mudança geracional	Estável	Instável
4. Mudança na comunidade	Instável	Instável

Quadro 2.1: Padrões de mudança no indivíduo e na comunidade (adaptação da tabela 4.1, Labov, 1994:83)

Só ocorre mudança lingüística se houver instabilidade na perspectiva do indivíduo e da comunidade, o que configura a quarta possibilidade. Se há, por um lado, instabilidade no comportamento do indivíduo e, por outro, estabilidade no âmbito da comunidade, emerge um caso de gradação etária que não atinge o sistema e que, portanto, não é indicativo de mudança. Também não haverá movimento lingüístico quando apenas a comunidade estiver instável, o que seria uma mudança geracional.

A identificação desses padrões pode se concretizar, segundo Labov (1994), se tanto o comportamento do indivíduo quanto o da comunidade forem submetidos a um estudo em tempo real de curta duração. Para o primeiro caso, o autor propõe que se proceda ao estudo denominado “estudo de painel” [*panel study*]; para o segundo, um “estudo de tendência” [*trend study*]. A combinação dos dois estudos permite apreender movimentos lingüísticos ou equilíbrio em um determinado sistema.

O estudo de painel é feito através da comparação do comportamento do mesmo indivíduo em dois momentos separados por um intervalo equivalente a uma geração, o que corresponde aproximadamente a 18 anos, período considerado suficiente para o pesquisador deprender indícios de equilíbrio ou irregularidade no seu comportamento²³.

²³ Paiva e Duarte (2003), em nota de pé de página (nota 6), lembram estudos do tipo painel que foram empreendidos com um interstício que varia em geral entre 15 e 20 anos.

No estudo de tendência, comparam-se duas amostras de uma mesma comunidade de fala, submetidas aos mesmos parâmetros sociais nas duas sincronias. A exigência é que cada amostra seja aleatória para dar garantia de que os falantes sejam, de fato, representativos da comunidade no momento da gravação. Só assim serão obtidos resultados capazes de refletir o comportamento da comunidade.

2.2 A teoria de Princípios e Parâmetros

A Teoria de Princípios e Parâmetros concebe a Gramática Universal (UG) como um conjunto de princípios rígidos e invariáveis “que qualquer gramática final terá de incorporar” (Raposo, 1992:54). Um desses princípios, que interessa a este trabalho, é o Princípio de Projeção, segundo o qual as orações das línguas humanas possuem um sujeito, referencial ou não referencial (isto é, selecionado ou não pelo verbo). Ao lado dos princípios rígidos, há um sistema de princípios abertos - os parâmetros - que vão se definindo ao longo do processo de aquisição da linguagem e acabam por determinar as particularidades de cada língua. Cada parâmetro é definido pelos valores positivo e negativo e é constituído por um conjunto de propriedades. A criança fixará um dos valores a partir das informações recebidas no seu meio ambiente lingüístico, ou seja, a partir dos dados que lhe serviram como *input*.

A aquisição da linguagem está, pois, ligada à fixação dos parâmetros que, por serem princípios abertos e abstratos, carregam a possibilidade de alteração das propriedades que os caracterizam. Essa noção tem implicações importantes para a lingüística histórica, uma vez que possibilitou o reconhecimento de mudanças diacrônicas a partir da alteração “do valor de um ou mais parâmetros num dado sistema lingüístico” (Raposo, 1992: 62). Isso implica também o trabalho com dados reais em termos quantitativos. Supõe-se, assim, que, quando um parâmetro se encontra em mudança, uma determinada estrutura a ele ligada torna-se

menos freqüente e, portanto, distanciada do meio ambiente lingüístico a que a criança está exposta e, conseqüentemente, não mais lhe servirá de *input*.

Dentre os parâmetros postulados, e intimamente ligado ao Princípio de Projeção, destaca-se o Parâmetro do Sujeito Nulo (PSN). Uma língua é marcada positivamente em relação a esse parâmetro quando admite, entre outras propriedades (Raposo, 1992), sujeitos pessoais (de referência definida e arbitrária) e expletivos (não referenciais) foneticamente nulos, o que é possível graças à força da flexão verbal (pelo menos no que diz respeito às línguas românicas), elemento capaz de licenciar e identificar a posição vazia em orações pessoais e licenciá-la em impessoais, uma vez que esses sujeitos não argumentais não precisam ser identificados, já que não têm conteúdo semântico referencial. Tais propriedades colocam a língua portuguesa no grupo das línguas românicas referidas como línguas *pro-drop*, às quais subjaz o princípio de que um pronome na posição do sujeito só deve ocorrer quando sua interpretação estiver comprometida - Princípio “Evite Pronome” (Chomsky, 1981). Isso mostra que o caráter opcional, mencionado por Raposo, atribuído à presença/ausência do pronome pessoal é relativo, uma vez que há sérias restrições ao seu uso e à sua omissão.

Em línguas *pro-drop*, como o espanhol, o italiano e o português europeu, há maior exigência de sujeitos nulos em certos contextos sintáticos, como aqueles em que há orações (independentes ou subordinadas) com sujeitos correferentes. Trata-se de contextos em que o referente é “esperado” (Calabrese, 1986) ou “mantido” (Paredes Silva, 1988, 1993), isto é, o antecedente se encontra numa posição sintaticamente acessível e não há entre o referente e o sujeito qualquer outro possível SN capaz de gerar ambigüidade na interpretação de uma categoria vazia.

Poder-se-ia dizer, assim, que uma criança brasileira ou portuguesa fixa o valor positivo do parâmetro do sujeito no valor positivo (+*pro-drop*), pois, teoricamente, ela estaria exposta

a um número abundante de orações sem sujeito fonético. Ora, considerando os resultados dos trabalhos de Duarte sobre o PB, vistos no capítulo anterior, e sobre o PE, pode-se afirmar que as crianças brasileiras, ao contrário das portuguesas, recebem como *input* pronomes sujeitos plenos, o que as leva a fixar tal parâmetro negativamente, acarretando, em consequência, uma mudança paramétrica no português do Brasil.

A gramática do português, na sua variedade brasileira, a partir do final do século XIX (Tarallo, 1987, 1993), passa por um período de mudança paramétrica. Pesquisadores brasileiros, dentre os quais se destacam o próprio Tarallo (1983), Kato, Duarte e Berlinck (2000), desde a década de 80, observam uma possível reação em cadeia provocada pela mudança na marcação do parâmetro do sujeito nulo, que pode ser vista não só no aumento percentual de sujeitos preenchidos mas também na fixação da ordem VS em interrogativas e declarativas.

Entretanto, uma mudança também pode ser explicada pela interferência de fatores não-gramaticais, como, por exemplo, o contato com outras línguas e dialetos. Segundo Tarallo, “os chamados fatores não-gramaticais são ponto de honra nas definições mais empiristas da mudança lingüística” (1991: 12).

Na Sociolingüística advoga-se também a possibilidade de a mudança ser gerada por aspectos internos à língua. Considera-se, tal como Lightfoot (1988) e Kroch (2003), a força da estrutura na resolução da mudança. Tais pontos em comum viabilizariam a associação de modelos aparentemente incompatíveis. Na verdade, a hipótese de Tarallo era a de que, por esse viés, seria possível conjugar uma teoria especificamente voltada para a gramática a uma proposta que baseia os argumentos em uma teoria geral da mudança lingüística mediada por uma metodologia de base quantitativa.

Esse procedimento metodológico tornou viável a associação dos pressupostos das duas correntes: o encaixamento e as propriedades paramétricas (Duarte, 1999 a e b). Kato

(1999:95) deixa claro que essa associação teve a finalidade de “dar conta das variações internas ao PB usando o modelo de Princípios e Parâmetros”, ou seja, buscou-se olhar para a variação intra-lingüística dentro de uma perspectiva inter-lingüística.

No tocante ao parâmetro do sujeito nulo em PB, a questão do encaixamento passa a ser de fundamental importância, visto que permite ao pesquisador verificar em que propriedade do parâmetro se iniciaram as alterações e como as outras foram atingidas. Assim, se perdemos a propriedade que leva à omissão do sujeito pronominal de referência definida, podemos esperar que ocorram alterações na representação do sujeito de referência arbitrária (indeterminada) e na do sujeito não referencial.

Assim, da articulação entre a Teoria de Princípios e Parâmetros (Chomsky, 1981) e a Sociolingüística Variacionista (Weinreich, Labov & Herzog, 1968), Tarallo e seus seguidores iniciaram as investigações no PB embasados em pressupostos que dariam conta não só dos fatores estruturais envolvidos na mudança sintática, mas também dos aspectos sociais, o que possibilitaria investigar a hipótese de que variáveis extralingüísticas poderiam estar atuando nas mudanças qualitativas do PB e que justificariam a configuração de uma gramática diferente da do PE, principalmente em relação à representação do sujeito.

2.3 Objetivos e hipóteses

Esta pesquisa tem, justamente, por objetivo principal investigar o comportamento do sujeito pronominal de terceira pessoa na fala culta carioca a partir de um estudo em tempo real de curta duração, associado a pressupostos da Teoria de Princípios e Parâmetros, para verificar se, no espaço de tempo que separa as amostras, houve mudança no indivíduo e na comunidade. Além disso, busca-se, em comparação com resultados obtidos para a fala culta portuguesa e moçambicana, observar como se realiza a terceira pessoa nessas três variedades do português.

Ainda que se reconheçam os altos índices de preenchimento do sujeito na terceira pessoa, como se verifica nas pesquisas resenhadas, sustenta-se a hipótese, já levantada por Duarte (1995), de que esse contexto é, de fato, um obstáculo à conclusão do processo de mudança, pelo qual o PB passa, no que se refere à representação do sujeito pronominal de referência definida nas três pessoas gramaticais e que, por isso, pode indicar um estágio em que o PB nem tem um comportamento de língua de sujeito nulo prototípica nem de língua de sujeito preenchido. A hipótese é a de que essa variedade do português está em processo de se tornar uma língua negativamente marcada em relação ao Parâmetro do Sujeito Nulo.

Acredita-se que, no PB, a mudança em direção ao sujeito preenchido se implementa a partir dos sujeitos mais referenciais _ os de 1ª e 2ª pessoa, intrinsecamente com o traço [+humano], seguindo a escala da referencialidade apresentada em Cyrino, Duarte e Kato (2000)²⁴, e encontra maior resistência nos sujeitos referenciais de 3ª. pessoa, até os não referenciais, situados no extremo do continuum proposto. No caso dos sujeitos anafóricos de 3ª pessoa, em que se encontram os traços [+/-humano] e [+/-animado], supõe-se que aspectos semânticos ligados ao traço [-animado] estejam atuando de forma a retardar a mudança.

Será efetuado o contraponto com o PE e PM com a finalidade de investigar a hipótese de que essas duas variedades apresentam, no tocante à 3ª pessoa, um comportamento diferente do PB. Acredita-se que as variedades européia e africana sejam marcadas positivamente em relação ao parâmetro do sujeito nulo e que, por isso, exibam sujeitos anafóricos de 3ª pessoa preferencialmente vazios, estando seu preenchimento condicionado por fatores funcionais, no sentido de desfazer possível ambigüidade, ou para expressar ênfase ou contraste (Calabrese, 1986, Soriano, 1999). Supõe-se que a comparação entre as três variedades possa mostrar se, de fato, há diferenças entre elas no que se refere ao comportamento do sujeito anafórico de 3ª pessoa. Os resultados do PB que servirão de base

²⁴ Conferir, na seção 2.6.1.9, os critérios que norteiam a escala da referencialidade proposta por Cyrino, Duarte e Kato (2000).

para o contraponto com as outras duas variedades serão os obtidos para a amostra de 90.

As perguntas que se colocam neste trabalho são:

- 1) Há, num período de cerca de 20 anos, na fala culta carioca, aumento ou decréscimo no uso do sujeito nulo de 3^a pessoa na comunidade e no indivíduo?
- 2) A realização da 3^a pessoa, na fala culta carioca, segue a tendência ao preenchimento do sujeito?
- 3) Há contextos de resistência à mudança? Se há, quais são?
- 4) Que fatores são importantes na continuação da mudança?
- 5) O comportamento do sujeito anafórico de 3^a pessoa nas três variedades apresenta diferenças? As possíveis diferenças são suficientes para propor que o PB já mudou a marcação do PSN?

2.4 Sobre as amostras

A análise do português brasileiro será efetuada com base nas entrevistas do Projeto NURC-RJ, cujo objetivo é caracterizar a modalidade culta da língua falada na cidade do Rio de Janeiro e conta com entrevistas gravadas na década de 70 e na década de 90. Para o estudo de painel conta-se com 11 indivíduos recontactados, como se vê na tabela 2.2. O estudo de tendência se baseia na fala de 11 falantes de formação universitária, distribuídos em quatro faixas etárias: de 25 a 35 anos – faixa 1, de 36 a 55 anos – faixa 2, de 56 anos em diante – faixa 3, como mostra a tabela 2.3. Os 22 inquéritos²⁵ disponíveis na internet podem ser visualizados na tabela 2.2, adaptada do site www.lettras.ufrj.br/nurc-rj, em que se encontram as informações acerca do Projeto NURC-RJ.

²⁵ As entrevistas são do tipo DID (diálogo entre informante e documentador).

Falante	Gênero	Idade (1ª. Entrevista)	Idade (2ª. Entrevista)
INQ. 96	M	25	45
INQ.11	F	26	46
INQ.133	F	31	50
INQ.164	M	34	53
INQ.52	M	39	59
INQ.233	M	41	59
INQ.002	F	44	65
INQ.140	F	55	74
INQ.71	M	56	79
INQ.347	F	57	79
INQ.373	F	58	76

Tabela 2.2: Informantes para o Estudo de Painel

Faixa etária	AMOSTRA DÉCADA 70		AMOSTRA DÉCADA 90	
	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino
Faixa 1 de 25 a 35 anos	INQ.164	INQ.11	INQ. 13	INQ.15
	INQ.96	INQ.133	INQ.23	INQ.12
Faixa 2 de 36 a 55 anos	INQ. 233	INQ.140	INQ.14	INQ.20
	INQ.52	INQ.002	INQ.17	INQ.19
Faixa 3 de 56 em diante	INQ.71	INQ.373	INQ.18	INQ.27
		INQ.347	INQ.28	

Tabela 2.3: Distribuição dos informantes para o estudo de tendência

2.5 Seleção dos dados

A 3ª pessoa é a única que pode realizar-se por um pronome, uma expressão vazia e um SN, diferentemente da 1ª e 2ª pessoa, que para Benveniste (1991) são as que, de fato, apresentam a noção de pessoa, porque não se referem a uma noção constante e objetiva e são reversíveis no ato de comunicação. No circuito entre a 1ª e 2ª pessoas, a 1ª “eu” indica aquele que fala, ou seja, quem enuncia a instância do discurso; a 2ª “tu” é necessariamente designada pela 1ª e não pode ocorrer fora de uma situação proposta a partir do “eu”. Já a 3ª pessoa está fora da relação “eu-tu”, o que leva Benveniste a questionar a legitimidade da 3ª pessoa como “pessoa”. Para o autor, a forma de 3ª pessoa refere-se a alguém ou alguma coisa, “mas não referida a uma “pessoa” específica” (1991:250).

Na análise, serão considerados os sujeitos anafóricos de terceira pessoa de referência definida em orações finitas que apresentem um antecedente explícito no discurso, podendo ocorrer a opção pelo pronome nulo, aqui simbolizado por (cv), significando “categoria vazia”, pelo pronome expresso e por um sintagma nominal, exemplificados em (4), (5) e (6), respectivamente, nas orações em itálico²⁶.

Essas três formas de representar a 3ª pessoa possuem a propriedade de retomar elementos já citados no contexto lingüístico, um uso que, nesta pesquisa, não é entendido como referencial, tal como o concebem Charaudeau e Maingueneau (2004), mas como o concebe Soriano, para quem a referência é “la potencialidad de denotar através de la relacion com um elemento nominal: el ‘antecedente’ (Soriano, 1995:1214). Ainda, segundo a autora, o antecedente²⁷ de um pronome pessoal é um SN, podendo ser representado por um nome próprio, um nome comum, obrigatoriamente específico, ou um outro pronome pessoal.

²⁶ As orações em foco são apresentadas em itálico.

²⁷ Raposo (1992) mostra que antecedente é o elemento que projeta um valor referencial a outro elemento no contexto lingüístico.

- (4) eu dirijo meu carro na própria velocidade que:: eu acho adequada sem prestar atenção a que os vizinhos impacientes_i que buzi::nam pensam que eu estou no caminho deles_i ao invés de ver *que (cv_i) estão neurastênicos..*(INQ. 27/década de 90).^{28 29 30}
- (5) bem os sindicatos_i surgem no governo de Getúlio Vargas ... **eles**_i ganham seu/sua crista no governo de Getúlio Vargas (INQ.96/ década de 70)
- (6) aliás tinha também penteadeira que essa mobília é do meu... do casamento da minha mãe_i ainda então (cv_i)diz que tinha a arca... e penteadeira... **minha mãe**_i se desfez da arca (INQ.11/década de 70)

Foram excluídos da análise, portanto, os sujeitos de 3ª pessoa sem um antecedente explícito no contexto lingüístico. Assim, ficaram de fora do estudo os sujeitos nulos, cujo antecedente está diluído no contexto precedente, conforme já mencionado em Duarte (1995). Trata-se do que Oliveira (2004), com base em Halliday (1976) chamou de sujeitos de referência estendida, como ilustrado em (7) e (8):

- (7) o sindicato de qualquer profissão está meio perigoso ...(cv) *não é:: um assunto que qualquer um goste de falar* (INQ.164/década de 70)
- (8) em... em comparação com a nossa compreensão... eles são realmente superdotados... ou porque nós não tivemos tempo de acompanhar aqueles conhecimentos que eles foram... eh... ah... ah... bebendo por... através dessas informações de rádio e televisão... como também eu acredito *que (cv) seja uma coisa assim muito ..* é provável que a... a terceira e quarta geração já não vá achar tão espantosa (INQ. 373/ década de 70)

Note que as construções destacadas não apresentam um antecedente no discurso anterior, o que não anula seu caráter anafórico, já que a referência é recuperada na extensão do texto. Chama atenção, nesses exemplos, o fato de o verbo **ser** participar das duas construções. Embora os sujeitos de referência estendida não sejam exclusivos das estruturas

²⁸ O símbolo **i** subscrito indica mesma referência. Está em negrito o elemento alvo da explicação. O antecedente aparece sublinhado.

²⁹ Os informantes são identificados pelo número do inquérito e pela década.

³⁰ Na descrição das variáveis, são apresentados exemplos destacados das entrevistas utilizadas para o estudo do tipo Painel e Tendência.

com esse verbo, observou-se, informalmente, um grande número de ocorrências desse tipo de sujeito em construções com o verbo **ser**, levando à suposição de que esse seria um dos contextos que dificilmente abrigaria um sujeito pleno. Mas parece que essa hipótese não se confirma, como se vê em Oliveira (2004). O estudo mostra que há uma importante ocorrência de demonstrativos concorrendo com a posição vazia.

Por se tratar de casos categóricos de sujeitos plenos, foram excluídas as construções que apresentaram formas pronominais modificadas por elementos como “próprio”, (9) e quantificadores (10 e (11):

- (9) DOC - O senhor estava me contando que a sua senhora não esta passando muito bem. Tá fazendo uma fisioterapia, né. O senhor podia nos contar isso?

LOC - Pois não. Ela teve um problema...(...). E a letra dela hoje, no instante depois de...(cv_i) escrever, *nem **ela**_i própria consegue ler*. Quer dizer, a letra ficou muito pequenininha (INQ.71/ década de 90)

- (10) eu fui numa cidadezinha em:... no Rio Grande... que eu achei interessante... éh... tu vê as meninas assim garotas novas de quinze dezesseis anos... todas **elas** faziam... como é que chama aquilo?... que se faz pullover... crochê né?(INQ.17/ década de 90)

- (11) Minha mãe viveu trinta e dois anos, e meu pai viveu trinta e três. *Então **eles** dois juntos viveram sessenta e cinco* (INQ. 71/90)

Pelo mesmo motivo, foram descartados os sujeitos pospostos, exemplo (12):

- (12) e essa cômoda com espelho em cima_i... sabe... fazendo um pouquinho de penteadeira...(...) que a gente quebrava então ela se desfez *ficou só **a cômoda** _i* (INQ. 11/70)

e as primeiras menções dos sujeitos de terceira pessoa realizados por sintagma nominal, que não apresentam a possibilidade de variação com o sujeito nulo e com o pronome.

- (13) **os açougues** geralmente são um pouco mais careiros do que os supermercados mas servem melhor (INQ.002/70)

Excluíram-se também as coordenadas não iniciais com sujeitos correferentes³¹ (mesmo sujeito), porque seu apagamento nessas construções é uma propriedade mais geral das línguas e, segundo Duarte (1993), considerá-las em uma análise que busca as diferenças entre as línguas desviaria o pesquisador do “pretendido exame da mudança paramétrica em curso” (Duarte, 1993: 116):

- (14) E agora o filme_i inclusive foi projetado na Bulgária *e*(**cv**)_i *ganhou um prêmio do Congresso da Nacional Juventude* (INQ. 133/70)
- (15) ... então... normalmente a mulher... o primeiro pensamento dela é este... o dinheiro que ela sabe que pode dispor... agora... área de trabalho... área de trabalho é igual ao do homem... há algumas... aí... em que a... a mulher_i é menos favorecida *ou por outra* (**cv**)_i *não é favorecida*...(INQ.373/década de 70)
- (16) meu pai_i era um funcionário público... ele tinha doze filhos... você imagina... doze filhos e (**cv**)_i tinha que criar aquela garotada toda... *mas mesmo assim* (**cv**)_i *pôde comprar essa casa*...(INQ.233/década 70)

Foram igualmente descartadas as sentenças clivadas, exemplificadas em (17), porque nesse contexto o sujeito do verbo é categoricamente pleno. O elemento em foco, como o pronome em (17), está fora da sentença.

- (17) já me disseram que o homem que... que... que resolveu isso... que aliás é um... um... parece ser um homem de muito valor... o Assis Ribeiro_i... né... foi **ele**_i *que fez o plano*.(INQ.233/década de 70)

Os pronomes e SNs que participam de estruturas contrastivas também ficaram de fora da análise. Nesses casos, a posição do sujeito é preferencialmente preenchida.

³¹ Muitas vezes, os conectivos coordenativos não apresentam os valores que lhes são tradicionalmente atribuídos, figurando na oração como elemento discursivo. Ainda assim, essas orações foram descartadas da análise.

- (18) Eu casei, vieram meus filhos, eu queria pelo menos curtir meus filhos_i porque, de vez em quando: quem é esse cara aí? **Eu** chegava *eles*_i; *estavam dormindo*; **eu** saía *eles*_i; *estavam dormindo* (INQ.164/década de 90)
- (19) esse esquema todo ... no século passado foi revigorado com a/o aparecimento do chamada Socialismo Cristão ... defendido pelo Papa que pregava uma espécie de sociedade entre o operário_i e o patrão_j;... **o PATRÃO**_j entraria com o traba/com o capital e **o OPERÁRIO**_i entraria com o trabalho (INQ.164/70)

2.6 Grupos de fatores

A variável dependente sob análise é “preenchimento x não-preenchimento do sujeito anafórico de terceira pessoa”. Toma-se por variantes três possibilidades: a realização vazia do sujeito – SUJEITO NULO, a expressão pelo PRONOME e a realização do sujeito por meio de um SINTAGMA NOMINAL ANAFÓRICO.

Os grupos de fatores estabelecidos como possíveis favorecedores ou desfavorecedores do uso de uma ou outra variante são, em grande parte, os mesmos utilizados por Duarte (1995, 2003), já que se investiga o fenômeno em questão sob a mesma perspectiva das pesquisas da autora. Foi, entretanto, acrescentada a variável que controla o comportamento do verbo **ser** em oposição aos demais verbos. É importante ressaltar, como será esclarecido no capítulo 3, que os grupos de fatores internos foram utilizados apenas para o estudo do tipo Tendência.

2.6.1 FATORES INTERNOS

2.6.1.1 Número gramatical

Neste grupo, distinguiremos singular e plural, esperando que a terceira pessoa do singular, que se combina com pronomes de segunda, terceira e primeira do plural (e, às vezes, de primeira do singular) seja mais frágil do que a terceira do plural, que se combina com pronomes de segunda e terceira do plural (pelo menos na variedade sob análise).

2.6.1.2 Forma verbal (simples ou complexa)

Busca-se verificar a influência da forma verbal, se simples ou complexa, no comportamento do sujeito anafórico de 3ª pessoa, porque as locuções verbais, demonstraram ser levemente favoráveis ao sujeito nulo na pesquisa de Duarte (1995), embora a autora tenha concluído que a preferência pelo sujeito nulo, nesse contexto, estaria associada, na verdade, ao tempo do verbo auxiliar da locução verbal. Apesar disso, espera-se que, nesta pesquisa, as formas verbais complexas favoreçam o sujeito nulo e não apresentem diferenças significativas de uma década para outra.

São consideradas formas verbais complexas seqüências constituídas por um elemento verbal auxiliar na forma finita + elemento verbal auxiliado, numa forma não-finita.³²

2.6.1.3 Tempo e modo verbal

Acredita-se que o tempo verbal seja um fator a influenciar o comportamento do sujeito anafórico de 3ª pessoa, particularmente o pretérito perfeito que tem desinências mais salientes <-u> e <-ram>. Parte-se da hipótese de que o pretérito perfeito do indicativo favoreça a ausência do sujeito e que, por isso, não deva sofrer um decréscimo acentuado na passagem do tempo. Já em relação aos demais tempos, pressupõe-se que sejam um contexto de resistência ao sujeito nulo, principalmente o presente do indicativo que se mostrou, na fala popular (Duarte, 2003), um contexto desfavorável ao apagamento do sujeito.

Em relação ao modo verbal, supõe-se que o subjuntivo se revele desfavorável ao sujeito nulo, uma vez que, além de esse modo apresentar muitas formas ambíguas³³, participa

³² Segundo Machado Vieira (2004), uma perífrase verbal pode ser formada de elemento verbal auxiliar + elemento (verbal ou não) auxiliado. Nesta pesquisa, são consideradas apenas as perífrases em que o elemento auxiliado é verbal.

de estruturas oracionais encaixadas, que se mostram um contexto inibidor da expressão vazia do sujeito, como será visto na próxima seção.

São analisadas as ocorrências de 3^a pessoa no presente e pretérito imperfeito (do indicativo e subjuntivo), pretérito perfeito do indicativo, futuro do presente e do pretérito do indicativo, futuro do subjuntivo.

2.6.1.4 Tipo sintático da oração

A investigação dessa variável é fundamental para o propósito do trabalho, uma vez que foi verificada no português popular (Duarte, 2003 e Paredes Silva, 2003) nítida diferença no comportamento do sujeito pronominal no que se refere às orações: o sujeito nulo predomina nos contextos não-encaixados, orações principais, coordenadas e absolutas, e nas orações encaixadas³⁴ a opção recai sobre o preenchimento da posição do sujeito. Uma das explicações para esse comportamento pode estar associada à presença ou ausência de elementos na estrutura inicial da oração (Duarte,1995,2003), que poderia dificultar o acesso a um antecedente. Espera-se, nesta pesquisa, um quadro semelhante. Foram considerados os seguintes tipos sintáticos de oração³⁵:

a) Orações independentes

³³ O caráter ambíguo de determinadas formas verbais é considerado um fator de relevância no preenchimento do sujeito. O uso da expressão plena do sujeito desfaz o risco de ambigüidade, mesmo em línguas de sujeito nulo, como verificou De Oliveira (2000) para o italiano.

³⁴ Os termos encaixada e subordinada são aqui usados como sinônimos e contemplam tanto as orações adverbiais quanto as substantivas e adjetivas/relativas, embora sejam reconhecidas as especificidades de cada tipo de oração quanto ao mecanismo de dependência sintática.

³⁵ Optou-se pela classificação tradicional das orações para facilitar a leitura.

Reúnem-se sob esta classificação orações coordenadas iniciais, coordenadas não iniciais com sujeitos não correferentes (sujeitos diferentes) e orações absolutas,³⁶ conforme ilustradas em (20-21), (22-23), (24-25), respectivamente. Pelas razões expostas na seção 2.5, excluíram-se as coordenadas não iniciais com sujeitos correferentes (mesmo sujeito). A importância de controlar essas orações reside na possibilidade de atestarmos a relevância dos contextos não-encaixados entre aqueles que resistem à mudança, tal como já assinalou Duarte para o português popular (2003) e mesmo para o português culto (1995). Supõe-se que, nas amostras analisadas, o sujeito nulo em orações coordenadas e absolutas predomine. Por isso, espera-se que não ocorra diferença significativa nos resultados obtidos para cada amostra.

- (20) Maria Ieda Linhares_i, que foi perseguida, cassada, exilada na França, era assim pra eu, pra mim, que sou de História, um símbolo. **Ela**_i *voltou* e foi guindada pelo seu Brizola, duas vezes, secretária de educação. (INQ.164/década de 90)
- (21) todo dia de manhã, aparecia um sapoti com uma bicada de morcego_i na frente do terreno, **o morcego**_i *ia lá* tirava um, e trazia e deixava na frente, assuntos misteriosos (INQ.133/ década de 90)
- (22) o que tinha bacana na casa eram os lustres que a mamãe_i quando(cv_i) mudou deixou... hoje todo mundo valoriza coisa velha né... estou louca atrás dos lustres *mas ela*_i *deixou na casa*. (INQ.11/década de 70)
- (23) quando passava um automóvel nós parávamos o jogo_i... deixávamos o automóvel passar *e o jogo*_i *depois continuava*.. (INQ.52/década de 70)
- (24) porque meu pai_i era ferroviário... então o trem pra ele_i era... pra baixo e pra cima né... (cv_i)*carregava a gente de trem*.(INQ.20/década de 90)
- (25) o calçadão foi feito para o pedestre... é área de lazer a praia de Copacabana... seus calçadões_i são áreas de lazer...(cv_i) *não são para ocupação* (INQ.27/década de 90)

³⁶ Paredes Silva (2003) chama a atenção para a dificuldade de distinguirmos, na língua falada, orações independentes em períodos simples de seqüências coordenadas. Nesta pesquisa, considera-se como inicial a que se segue a uma curva descendente, o que foi possível verificar por meio da audição dos inquéritos.

b) Orações principais

A oração principal, em princípio, é um contexto de resistência do sujeito nulo quando anteposta e a depender da acessibilidade do antecedente no contexto discursivo anterior. No entanto, essas orações, quando ligadas a uma adverbial, podem aparecer pospostas, o que pode influenciar a expressão do sujeito. Parece que, na 3ª pessoa, a interpretação da categoria vazia nesse tipo oracional ficaria comprometida e o uso explícito do sujeito atuaria como elemento de resgate do sujeito, o que sugere ser esse contexto desfavorável ao sujeito nulo, como se vê, na oração em itálico, em (26).

- (26) Mas meu marido_i disse: isso é um tiro de revólver. *Ele_i conhece*, que é militar (INQ.140/década de 70)

Em vista dessa dupla possibilidade de posição no período com conseqüências diferentes para o comportamento do sujeito anafórico de 3ª pessoa, postula-se a hipótese de que as orações principais antepostas favorecem o sujeito nulo e as pospostas, desfavorecem. Para investigar tal hipótese, as orações foram divididas em principais antepostas e principais pospostas. Supõe-se, ainda, que independentemente da posição que ocupem no período, as sentenças raízes favoreçam o sujeito nulo em virtude da ausência de elementos encabeçando a oração, uma posição a que nos referiremos como CP (Sintagma Complementizador).

c) Orações adverbiais

As orações subordinadas adverbiais compartilham com as principais a propriedade de poderem ocupar posições diferentes no período, antes ou depois da sentença principal, o que pode também interferir no uso da realização do sujeito anafórico de 3ª pessoa. Quando figuram na posição anterior à principal (exemplo (27)), apresentam-se normalmente em uma

construção em que o antecedente não se encontra acessível. Para esse caso, levanta-se a hipótese, já comprovada em Lira (1982), de que o sujeito nulo não seja favorecido. Se as orações adverbiais vierem pospostas à principal, exemplo (28) e (29), é provável que ocorram em uma configuração com antecedente sintaticamente acessível, tendendo, pressupõe-se, ao apagamento do sujeito. Para testar essas hipóteses, as adverbiais foram codificadas como anteriores e posteriores à principal.

- (27) É a agitação **do mar**_i, também, entende? *Se ele*_i *estiver muito agitado mesmo*, na maré baixa não dá pra entrar (INQ. 373/ década de 70)
- (28) acho que agora, **o pré-vestibular**_i ajudou *porque*(**cv**)_i; *me deu mais conhecimento* (INQ.01/ década de 90)
- (29) soube do caso de um de **um rapaz**_i que estava chateado, amolado *porque* (**cv**)_i *estava num engarrafamento danado*. (INQ.20/década der 90)

c) Orações substantivas

As orações substantivas, consideradas também completivas, estão entre aquelas sentenças que podem ser introduzidas pelo complementizador **que**, transformando-se em constituinte de outra a que está ligada³⁷, como se vê nos exemplos a seguir:

- (30) **a minha mãe**_i é pernambucana... né... e nasceu em sobrado... mas só que não é sobrado colonial não é sobrado moderno... então **ela**_i dizia *que*(**cv**)_i *olhava aquelas casas e tinha saudade da casa dela sabe...*(INQ. 11/década de 70)
- (31) **A varanda**_i é solta; não tem parede do lado. Aquilo venta, chove. Eu não sei, eu, eu, eu fico achando *que ela*_i *não é usada* (INQ. 11/década de 90)

³⁷ Para Mateus *et al* (1983:264), as construções de complementação possuem “uma estrutura bi-fásica, comportando uma frase COMPLETIVA encaixada noutra frase, a frase superior”.

Como Duarte (1995, 2003) já atestou que elementos em CP, conjunções e pronomes relativos, desfavorecem o sujeito nulo, acredita-se que o mesmo possa ocorrer nas amostras aqui analisadas.

e) Orações subordinadas adjetivas/relativas

Em diversos trabalhos acerca do comportamento do sujeito pronominal no PB (Lira, 1982, Duarte, 1995, Paredes Silva, 1988 e 2003), a oração relativa³⁸ mostrou-se um contexto altamente desfavorável ao apagamento do sujeito. Para Duarte (1995), é nesse tipo de oração que a mudança de língua de sujeito nulo para a de sujeito preenchido no PB deve ter começado, o que pode ter ocorrido em virtude da presença de um pronome relativo (que ocupa a posição de especificador de CP). Lira (1982) argumenta que, nas relativas de objeto, especialmente com a forma verbal ambígua, a omissão do sujeito provocaria ambigüidade. No exemplo da autora “um rapaz que ela estava namorando”, a ausência do pronome, como se vê em “um rapaz que estava namorando”, poderia levar à leitura de uma relativa de sujeito. O sujeito explícito atuaria, provavelmente, como um elemento a desfazer a ambigüidade. Esta é a hipótese que Duarte (1995) defende e que a leva a creditar os expressivos índices de sujeitos nulos em relativas no PE.

Os resultados dos estudos sociolinguísticos já mencionados (Lira, 1992, Duarte, 1995 e Paredes Silva 1988, 2003), entretanto, mostram que as relativas são um contexto desfavorável ao nulo. Ferreira (2003), baseando-se em Oliveira (1987), vai mais além, considerando as relativas de objeto um contexto de invariância linguística no que se refere ao uso do sujeito: o preenchimento nesses casos, para os autores, é categórico.

Neste trabalho, espera-se que o sujeito vazio, nas relativas, seja desfavorecido seja qual for a função do relativo, como se vê em (32) e (33), mas não categórico. Essa expectativa

³⁸ A oração relativa de sujeito é um contexto em que o sujeito nulo é categórico e, portanto, não é considerada nos trabalhos citados. Pelo mesmo motivo, está ausente nesta pesquisa.

parte da hipótese, defendida por Duarte (1995,2003), de que os complementadores da relativa inibem a ausência do sujeito.

- (32) eu fui pra lá quando o meu filho_i, logo que ele nasceu, ele_i se criou ali, era gostoso, tinha aquela pracinha ali defronte, *onde ele_i brincava à vontade* (INQ.140/década de 70)
- (33) gostaria por exemplo... eh... do Papa... de visitar né... o Vaticano... de repente ver o Papa_i de perto... que... quando ele_i veio aqui ao Brasil eu fiquei alucinada...tive uma... uma emoção tão grande quando eu fui... no maracanãzinho... uma coisa que... que me tocou demais... você conseguir o silêncio dentro do maracanãzinho e houve um minuto de silêncio... uma coisa linda na hora *que ele_i... entrou na... no maracanãzinho* (INQ. 20/década de 90)

2.6.1.5 Presença ou ausência de introdutor da oração (elemento em CP)

Na seção anterior, foi sugerido que a presença de elementos introdutórios das orações substantivas e adjetivas atuam como inibidores do sujeito nulo, enquanto a ausência o favoreceria. Este grupo busca controlar exatamente o efeito de tais elementos no comportamento do sujeito anafórico de 3ª pessoa na fala culta carioca. Pode-se até argumentar que esse grupo se superpõe ao anterior, mas serão feitas rodadas excluindo um e outro para testar sua relevância.

Por “elemento introdutor” refere-se aqui ao constituinte considerado na Teoria Gerativa de CP (sintagma complementizador). Trata-se de uma categoria funcional em que se encontram as conjunções (na posição de núcleo), e os pronomes relativos e interrogativos (na posição de especificador). Assim, para observar a influência dessa variável na ausência ou realização plena do sujeito, verificou-se a possibilidade de esta posição aparecer:

a) vazia:

- (34) no final de semana a pracinha Xavier de Brito_i, não sei se você conhece.
 ___ Ela_i é adorável, adorável, cheia de árvores (INQ.11/90)

- (35) então quem dirigiu o filme_i, o Jorge [sobrenome] convidou várias pessoas, __ **o filme**_i *era curto*(INQ.133/década de 90)

b) com elemento no núcleo do Sintagma Complementizador (Conjunção)

- (36) Botafogo_i não era ainda um bairro de serviço como **ele**_i *se tornou* (INQ.133/90)

- (37) o Rio de Janeiro_i não devia ser tão quente como é hoje.. eu tenho certeza como **(cv)**_i não era... se a gente vê os retratos de antigamente... se a gente vê... você lê Machado de Assis... você sente que **o Rio de Janeiro**_i não podia ser tão quente.(INQ.233/década de 70)

c) com elemento no especificador do sintagma (pronomes):

- (38) eu assisto muito o Jô Soares né, foi o Caetano Veloso no Jô Soares e ele contou a história da prisão dele, e **(cv)**_i mostrou que é ..., várias coisas que **ele** *contou*, ninguém sabia (INQ.01/década de 90)

- (39) o colégio_i diz olha ... o problema é o seguinte ... eu não tenho condições mais de pagar esse professor ... a única fonte de arrecadação que **o colégio**_i *tem* é o aluno .(164/década de 70)

2.6.1.6 Presença/ausência de adjuntos ao sujeito (adjunção a IP³⁹)

Levantou-se a hipótese de que a presença de elementos adjuntos ao Sintagma Flexional (IP), isto é, entre CP e IP, poderia influenciar a realização do sujeito. Trata-se de topicalizações, adjuntos adverbiais e elementos discursivos. Levantou-se então a hipótese de que a existência de elementos em adjunção a IP desfavoreceria a categoria vazia, porque dificultaria sua identificação, mas a ausência de elementos seria um importante fator na

³⁹ Termo tomado da Teoria da Regência e Ligação (Raposo, 1992).

preservação do sujeito nulo⁴⁰. Para testarmos essas hipóteses, foram consideradas as seguintes possibilidades:

a) a presença de elementos topicalizados

- (40) o Assis Ribeiro_i... né... foi ele_i que fez o plano isso **ele_i** fez há muito tempo (INQ. 52/década de 70)
- (41) o meu filho mais velho_i era um... era mais robusto do que o segundo... então ele teve... sarampo ele_i teve mais violento... catapora **ele_i** teve mais violenta (INQ.71/década de 70)

b) a presença de adjuntos adverbiais

- (42) esse suporte_i caía toda hora uma vez (**cv**)_i *caiu na orelha da empregada* (INQ.11/década de 70)

c) a presença de elementos discursivos⁴¹

- (43) a não ser **um peixe muito bom_i**... né... aí **o peixe muito bom_i** *é mais caro...*(INQ.19/década de 90)
- (44) inclusive os navios_i andam por ali né... então **eles_i** *descarregam muita coisa*(INQ.20/década de 90)

d) a ausência de elementos

- (45) tem uma pracinha_i que é famosa *porque* __ **ela_i** *tem cavalinhos* (INQ.11/90)
- (46) as pessoas_i toda sexta-feira vão pro clube do uísque... __(**cv**)_i *ficam lá de noite até tarde... batendo papo...* (INQ.15/década de 90)

⁴⁰ Duarte (2003) argumenta que o licenciamento do sujeito nulo só é possível se ele estiver em uma configuração em que entre a categoria vazia e seu antecedente não haja elementos intervenientes.

⁴¹ São considerados elementos discursivos palavras que não apresentam papel sintático na oração em que figuram, mas que colaboram para a organização do discurso, como, por exemplo, os vocábulos **aí** e **então**, que, para Braga (2003), possuem variados valores, inclusive discursivo.

2.6.1.7 Elementos intervenientes entre sujeito e verbo

Pretende-se ainda verificar a influência da presença ou ausência de elementos entre o sujeito e verbo. Podem ocorrer, nessa posição, elementos que ocupam, normalmente, o lugar entre sujeito e verbo, como a negação, clíticos pré-verbais, exemplificados em (47) e (48), respectivamente, e advérbios aspectuais, dos quais se destacam **nunca**, **sempre**, **ainda** e **já** (exemplo (49)), que geralmente ocupam uma posição estrutural bem próxima ao sujeito tal como a negação e os clíticos pré-verbais.. Há ainda a possibilidade de ocorrerem dois desses elementos entre o sujeito e o verbo, conforme se vê em (50).

- (47) quantas pessoas do povo_i não saem sem...ao menos um golinho de café...(cv_i)vão tomar l ao meio-dia...*quando(cv_i)não tomam uma cachacinha...* (INQ.02/década de 70)
- (48) mas eu acho que Botafogo_i não era ainda um bairro de serviço *como* **ele**_i se tornou, (INQ.133/década de 90)
- (49) a minha irmã_i trabalha em:... teatro... ali no hein? (...) ah ela não é fa/ coitada ela... ela é famosa... tá começando agora... novinha... ((ininteligível)) né?... lá em Laranjeiras... ela_i agora tá começando agora...(cv_i) já fez umas três peças .(INQ.17/década de 90)
- (50) eu me lembro eu tinha uma colega_i que... desde cedo ela era obrigada a deixar o filho ou com babá:... (...)então ela não tem com quem deixar o filho claro que tem umas amigas umas coisas assim mais ou menos perto mas não pode ser... uma coisa permanente então ela tem que deixar com a baBÁ (cv_i) tem que... **ela**_i; já me disse *mesmo* que no primeiro dia vai ser horrível (INQ.71/década de 70)

A hipótese, já aventada em Duarte (1995)⁴², de que partimos para a análise dessa variável é a de que a negação, os clíticos pré-verbais e os advérbios aspectuais, por apresentarem material fonético numa posição muito próxima ao sujeito favoreceriam o sujeito nulo, como num condicionamento prosódico em que o pronome e a negação, o advérbio ou o

⁴²Essa hipótese é investigada também por Kato (2002). A autora chega à conclusão de que o PB rejeita o verbo na posição inicial da sentença, preenchendo-a com um adjunto ou elementos discursivos.

clítico seriam intercambiáveis (**ele** vai/**só** vai/**não** vai – **ele** disse/**me** disse/**já** disse). Por outro lado, a ausência de material fonético entre sujeito e verbo, como ocorre em (51), deve desfavorecer a categoria vazia.

(51) É um governador_i que aconselha jogar pedras e vaiar o Sarney *como ele_i disse* que era bom fazer. (INQ.164/década de 90)

2.6.1.8 Acessibilidade do antecedente

A variável “acessibilidade do antecedente” sintetiza em dois fatores os prováveis contextos em que a expressão plena ou nula do sujeito pode se realizar, no que se refere à relação do sujeito e seu antecedente situado no contexto lingüístico anterior. As hipóteses estabelecidas para esse grupo têm motivação em trabalhos sobre línguas de sujeito nulo, como o de Calabrese (1986) para o italiano. Segundo o autor, nessa língua, um pronome pleno, considerado tônico, não aparece em qualquer contexto. Sua realização está associada ao que ele chamou de referente não-esperado e, nesse caso, referente não é antecedente, pois pode estar fora do contexto lingüístico e, portanto, pode receber o traço [+dêítico]. O referente não-esperado, na verdade, é aquele que não apresenta elementos que permitam a identificação de uma categoria vazia, o que pode ocorrer até mesmo dentro da seqüência discursiva, enquanto o referente esperado, com traço [+anafórico], possui elementos que possibilitam o resgate do sujeito nulo sem nenhum comprometimento de interpretação.

Kato, Duarte e Barbosa (2001) distribuem os prováveis contextos com referentes esperados e não esperados em 4 padrões: padrão 1- o antecedente encontra-se na frase matriz e o sujeito, nas frases subordinadas; padrão 2 – o antecedente figura no contexto imediatamente anterior ao sujeito; padrão 3 – entre o sujeito e seu antecedente há orações intervinientes que interferem na acessibilidade do antecedente e padrão 4 – o antecedente

realiza-se em outra função sintática. Nos dois primeiros padrões, o referente é considerado esperado e no padrão 3 e 4, não esperado.

No que se refere a aspectos sintáticos, a proposta de Barbosa, Duarte & Kato em muito se assemelha à escala de conexão proposta por Paredes Silva (1988), com base em princípios funcionais e compreendendo seis níveis. Essa proposta, inicialmente testada no exame da realização do sujeito pronominal em cartas, foi posteriormente adaptada (Paredes Silva 2003) na análise da língua falada e constitui o fator mais forte na escolha do sujeito nulo ou pleno. Nesta pesquisa, esses quatro padrões foram sintetizados em apenas dois e as expressões “referente esperado” e “não esperado” de Calabrese foram substituídas por “antecedente sintaticamente acessível” e “antecedente sintaticamente não acessível”.

A relação entre um sujeito e seu antecedente será, pois, analisada tendo em vista duas possibilidades:

1) o antecedente encontra-se sintaticamente acessível

O antecedente encontra-se em função de sujeito sem elementos intervenientes que ameacem a identificação do sujeito, com o qual mantém identidade de referência⁴³, conforme se verifica em (52), (53) e (54). Nesses casos, espera-se que o sujeito nulo seja favorecido, porque se pressupõe que, em tal contexto, mais facilmente se identifica uma categoria vazia.

⁴³ A manutenção ou mudança de referência é um aspecto investigado por diversos autores e sob diferentes perspectivas teóricas. Praticamente em todas as pesquisas sociolinguísticas, acerca do uso do sujeito nulo ou pleno em português ou em outras línguas, lidas para esta tese (Lira, 1988, Duarte, 1995, Ferreira, 2003, entre outros), a manutenção do referente, termo utilizado pelos autores, favorece o sujeito nulo, enquanto a mudança o desfavorece. Paredes Silva (1988) mostra que olhar apenas para a manutenção ou mudança de referência não permite captar aspectos importantes na escolha de um sujeito explícito ou vazio, como mudança de plano, papel dos elementos interferentes e mudança de tema.

- (52) a minha antiga casa_i não está derrubada... felizmente... *aliás (cv_i) está muito bonita... (cv_i)foi toda reformada pelo comprador atual* (INQ.233/década de 70)
- (53) então eu. eu cabia direitinho debaixo da pedra e ficava conversando com a cozinheira_i... ela_i ficava cheia *porque(cv_i) diz que eu não parava de falar.* (INQ.11/década de 70)
- (54) o mais velho_i também o diplomata:... também:...*(cv_i)foi diplomata por vocação (cv).*
iquis ser etcetera quer dizer (cv_i) conseguiu aquilo que (cv_i) gostaria realmente de fazer (Inq.71/década de 70)

2) o antecedente não é acessível sintaticamente

Parte-se da hipótese de que, em estruturas com antecedente não acessível sintaticamente, o sujeito nulo é desfavorecido, porque não é facilmente identificado. Os contextos que se encaixam nesse rótulo apresentam :

a) o antecedente em outra função sintática:

- (55) gostaria por exemplo... eh... do Papa... de visitar né... o Vaticano... de repente ver o Papa_i de perto... que... *quando ele_i veio aqui ao Brasil* eu fiquei alucinada...(INQ.20/década de 90)
- (56) as pessoas ficam se controlando... com dieta... com emagrecimento_i... *agora... emagrecimento_i é um troço meio perigoso* (INQ.14/década de 90)
- (57) conheceu minha avó_i na... no... no... Monte (?) e se apaixonou por ela_i *porque ela_i era realmente muito bonita* (INQ.18/década de 90)

Hierarquia referencial

não-argumento	proposição	[-humano]	[+humano]
		3p.	3p. 2p.1p
		-específico	+específico
[-ref] < ----- >		[+referencial]	

Em línguas em que existe a opção de um pronome nulo ou pleno, o estatuto referencial do antecedente é, segundo as autoras, um importante fator para a seleção de variantes nulas ou não-nulas. Supõe-se que a Hierarquia de Referencialidade esteja atuando na 3ª pessoa de forma a favorecer o sujeito nulo quando o antecedente é [-animado]⁴⁶. Se [+humano], a preferência deverá recair sobre a expressão plena do sujeito, fato já confirmado nos trabalhos de Duarte (1995, 2003) e Paredes Silva (2003). Serão considerados os traços:

a) [+humano]

(60) fui abordado por um vendedor de bilhete_i que me conhecia, porque era assim, lado a lado não tinha nem separação. *Aí ele_i chegou com um bilhete* e disse assim: Fica com esse bilhete! (INQ.52/década de 90)

b) [-humano + animado]

(61) todo dia de manhã, aparecia um sapoti com uma bicada de morcego_i na frente do terreno, **o morcego**_i *ia lá* e trazia (INQ.133/90)

c) conjunto inanimado com elementos humanos

⁴⁶ Duarte (1995) adota a hipótese de que línguas de sujeitos vazios rejeitam uma forma pronominal plena quando o referente apresenta o traço [-animado]. Por isso, ela supõe que a presença de tal traço poderia favorecer um contexto em que o sujeito nulo, no PB, seria residual. Contrariando essa hipótese, De Oliveira (2000) mostra que, mesmo em línguas como o italiano, é possível o uso pleno de pronomes sujeitos com referentes inanimados, como visto na seção 1.4.

- (62) Quer dizer, um governo_i que se diz que apóia a sua plataforma política em educação, paga um salário mínimo aos professores. **Ele**_i agora deu um aumento de cem por cento em três vezes (INQ.164/década de 90)

d) [- animado]

- (63) também tinha um comércio_i, (**cv**)_i não era lá grande coisa (INQ.233/década de 90)

2.6.1.10 Verbo ser x outros verbos

Já se levantou a hipótese de que no PB as construções com o verbo **ser** estariam entre os contextos de preservação do sujeito nulo de referência definida (Duarte, 1995; Laperuta, 2003); mas Laperuta⁴⁷ demonstrou que esse tipo de verbo apresenta o mesmo comportamento dos demais e que não resiste ao preenchimento. A autora controlou as estruturas com **ser** no grupo de fatores em que se controla a transitividade verbal, o que a fez levar em conta, além do verbo **ser**, os demais verbos considerados, tradicionalmente, verbos de ligação, sobretudo **estar**. Esse procedimento impediu, portanto, que se controlasse, em separado, as estruturas com **ser**. O que se verificou, na verdade, foi a influência dos verbos de ligação no comportamento do sujeito pronominal.

Neste trabalho, parte-se da hipótese de que essas construções atuem em favor do sujeito nulo por conta de aspectos intrínsecos ao verbo **ser** e não a aspectos relacionados à transitividade verbal. Por isso, não foram considerados, em um mesmo fator, o verbo **ser** e os verbos de cópula, como **estar**, **ficar** e **parecer**, controlados com as demais formas verbais. Tal hipótese é motivada pela observação do comportamento desse verbo durante o

⁴⁷ O trabalho de Laperuta (2003), que não se encontra resenhado no capítulo 1, utiliza entrevistas sociolinguísticas feitas, na década de 90, com falantes da cidade de Londrina, com idade entre 25 e 67 anos e distribuídos em três níveis de escolaridade: 1^a a 4^a séries e 5^a a 8^a séries (do Ensino Fundamental) e os três anos do Ensino Médio.

levantamento dos dados, o que levou à inclusão da variável **verbo ser x outros verbos**.

Consideram-se todas as construções com **ser**, exemplificadas em (64):

- (64) e em frente havia a padaria Bragança_i. *Inclusive (cv)_i era de portugueses* que tinham feito a Imperial e a Bragança (INQ.133 / década 90)

As outras formas verbais são controladas pelo fator **outros verbos**:

- (65) a minha avó_i mesmo muitas vezes ia pra cozinha... *ela_i mesma fazia a comida porque ela_i cozinhava loucamente* (INQ.11/década de 70)

2.6.2 Fatores extralingüísticos

Ainda que o gênero dos informantes não tenha apresentado relevância para a realização nula ou plena do sujeito, como se pode deduzir dos trabalhos resenhados (embora em Duarte (1995) as mulheres apareçam na liderança do processo em direção ao sujeito pleno), essa variável social será aqui investigada. A idade do indivíduo é outro grupo extralingüístico controlado, mas, ao contrário da variável gênero, parece que a faixa etária dos falantes têm importância no comportamento do sujeito nas três pessoas gramaticais. Basta lembrar que Duarte (1995) chega à conclusão de que o PB passa por uma mudança de língua de sujeito nulo para língua de sujeito pleno a partir de um estudo em tempo aparente.

A idade do falante está distribuída em três faixas etárias:

Faixa 1: 25 a 35 anos

Faixa 2: 36 a 55 anos

Faixa 3: mais de 55 anos

Para o estudo de Painei, foi criado o grupo **Identificação do informante**, em que cada indivíduo é identificado com um código diferente em relação à primeira e à segunda entrevista, uma vez que a comparação deve ser feita com base numa mesma rodada.

Os dados foram submetidos ao programa de regra variável VARBRUL, que viabilizou o estudo variacionista acerca do comportamento do sujeito anafórico de 3ª pessoa na fala culta carioca, fornecendo os percentuais e os pesos relativos, os quais servirão para indicar os fatores mais significativos para realização da variável sob análise. Todos os passos da pesquisa estão delineados em Naro (2003).

3- ANÁLISE VARIACIONISTA

Este capítulo dedica-se à análise dos dados. Inicialmente, procede-se ao estudo do tipo painel, em que é examinado apenas o comportamento do indivíduo sem levar em conta as variáveis lingüísticas⁴⁸, o que é feito no estudo do tipo tendência.

3.1 Estudo de painel

Para verificarmos se há, em relação à forma de realização do sujeito anafórico de 3^a pessoa, um comportamento estável ou indícios de mudança no interstício de tempo que separa as duas amostras, partimos da análise do indivíduo. Considerou-se, inicialmente, o resultado extraído de uma rodada conjunta dos dados do falante na década de 70, por um lado, e da década de 90, por outro, a fim de que os pesos para cada década pudessem ser comparados. Os resultados gerais para a distribuição das ocorrências aparecem na tabela 3.1.

Sujeito nulo	Pronome	SN	Total
535	623	120	1278
42%	49%	9%	100%

**Tabela 3.1: Distribuição geral das variantes:
o sujeito anafórico de 3^a pessoa- Estudo de painel**

No âmbito geral, levando-se em conta apenas a oposição SUJEITO NULO x PRONOME, os percentuais revelam uma pequena diferença percentual (7%), indicando que há, de fato, uma verdadeira competição entre as duas formas, ao contrário, do que se supõe ocorrer em línguas de sujeito pleno ou em línguas de sujeito nulo. Esse resultado indica, por hora, que, de fato, a 3^a pessoa constitui-se num contexto de resistência à implementação da

⁴⁸ No estudo de Painel, as variáveis lingüísticas não foram consideradas, porque os informantes da década de 70 são os mesmos que compõem a amostra utilizada na primeira fase do estudo de Tendência, o que levou à decisão de a análise dos grupos lingüísticos ser desenvolvida somente no estudo da comunidade.

mudança em curso no português do Brasil; mas se juntarmos a realização por um SN à realização por um pronome pleno, passaremos a 58% de sujeitos anafóricos expressos, o que dará vantagem à expressão em relação à não-expressão do sujeito. Veremos mais adiante o que dizem os resultados da análise dos pesos relativos, incluindo-se ou não a expressão pelo SN.

Observa-se, ainda, resultado semelhante ao obtido por Paredes Silva (2003), para a fala popular, na amostra 2000, (cf. capítulo 1), o que sugere uma regularidade na fala carioca, seja ela culta ou popular, no que se refere ao uso do sujeito anafórico na 3ª pessoa, em que temos o pronome destacando-se levemente na preferência para a realização do sujeito e seguido de perto pelo sujeito nulo.

A mesma hierarquia se verifica também na comparação com os resultados de Paredes e Silva (2004) para a escrita. Como visto no capítulo 1, a autora encontrou, nas crônicas analisadas, 41% de sujeitos vazios contra 16% de pronomes e 42% de SNs. Veja-se que, em relação ao sujeito nulo, é um índice muito próximo ao encontrado para a fala culta e popular, indicando que a 3ª pessoa apresenta comportamento semelhante nas modalidades escrita e falada.

3.1.2 O comportamento individual na expressão do sujeito de 3ª pessoa na fala culta carioca

Os resultados percentuais obtidos para cada década aparecem nas tabelas 3.2 e 3.3, que trazem, em ordem crescente de idade, cada indivíduo, a idade na época da entrevista e as variantes⁴⁹.

⁴⁹ Nessa rodada conjunta, para que fosse identificado cada um dos falantes em cada amostra, utilizaram-se dois símbolos: um referente à década de 70; outro à de 90. Assim, na variável dependente relacionada ao indivíduo, foram introduzidos dois fatores para cada um dos falantes.

DÉCADA 70								
Falante	Idade	Sujeito Nulo		Pronome		SN		Total
		Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%	
INQ. 96	25	21	46%	19	41%	6	13%	46
INQ.011	26	30	48%	20	32%	13	21%	63
INQ.133	31	25	63%	5	13%	10	25%	40
INQ.164	34	26	43%	28	46%	7	11%	61
INQ. 052	39	17	35%	28	58%	3	6%	48
INQ.233	41	29	35%	35	42%	20	24%	84
INQ.002	44	22	59%	9	24%	6	16%	37
INQ.140	55	26	43%	30	50%	4	7%	60
INQ.071	56	39	42%	39	42%	6	7%	92
INQ.347	57	19	36%	33	62%	1	2%	53
INQ 373	58	28	28%	62	63%	9	9%	99

Tabela 3.2: Distribuição das variantes por indivíduo, década de 70

DÉCADA 90								
Falante	Idade	Sujeito Nulo		Pronome		SN		Total
		Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%	
INQ. 96	45	7	25%	21	75%	-	-	28
INQ.011	46	13	27%	28	57%	8	16%	49
INQ.133	50	24	38%	33	52%	6	10%	63
INQ.164	53	40	51%	38	48%	1	1%	79
INQ. 052	59	11	58%	7	37%	1	5%	19
INQ.233	59	45	66%	15	22%	8	12%	68
INQ.002	65	36	43%	44	53%	3	4%	83
INQ.140	74	14	29%	30	63%	4	8%	48
INQ.071	79	36	65%	19	35%	-	-	55
INQ.347	79	16	25%	46	72%	2	3%	64
INQ 373	76	11	28%	26	67%	2	5%	39

Tabela 3.3: Distribuição das variantes por indivíduo, década de 90

Em termos percentuais, na comparação entre as décadas, notam-se diferenças expressivas de uma época para outra. Veja-se que apenas quatro falantes, na década de 90, (INQ. 164, INQ. 052, INQ. 233, INQ. 071) apresentam aumento na taxa de uso do sujeito nulo, enquanto seis indivíduos (INQ.11, INQ. 133, INQ.96, INQ.002, INQ.140, INQ.347) favorecem o emprego do pronome e apenas um falante (INQ.373) mantém o mesmo percentual de uso do sujeito nulo e eleva ligeiramente o uso do pronome.

Em relação ao emprego do SN, os percentuais sofrem decréscimo na fala de quase todos os indivíduos, excetuando-se o caso de dois informantes que aumentam (INQ.140 e INQ.347) discretamente o seu uso e de dois indivíduos (INQ.96 e INQ. 071) em que não ocorreu o uso do SN. Essa ocorrência de dois *knockouts*⁵⁰ impede a execução do programa de regra variável. Por isso, o passo seguinte foi amalgamar a variante SINTAGMA NOMINAL à variant e PRONOME, opondo-se, assim, preenchimento a não-preenchimento da posição do sujeito anafórico de 3ª pessoa. O gráfico 3.1 mostra a distribuição percentual a partir da junção de pronome e SNs.

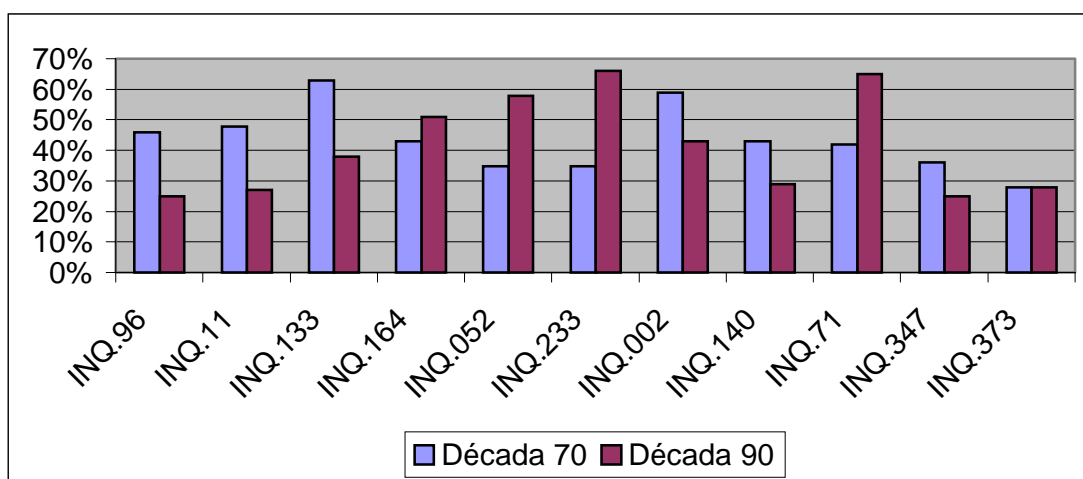


Gráfico 3.1: O sujeito nulo por indivíduo nas duas décadas

O gráfico confirma que não há estabilidade no comportamento do indivíduo em relação à realização do sujeito anafórico de 3ª pessoa: seis falantes diminuíram o uso do sujeito nulo, quatro aumentaram e apenas um falante se manteve estável. Isso nos permite deprender dois caminhos contraditórios: um vai em direção ao preenchimento da posição do sujeito; o outro, em direção à variante considerada conservadora: o sujeito nulo.

⁵⁰ O programa multivariacional VARBRUL não processa a leitura de pesos relativos se, no arquivo de células, aparecer um *knockout*, ou seja, um fator dentro de um grupo com um comportamento não variável em relação às variantes em análise, o que ocorre quando a percentagem de aplicação da regra é 100% ou 0%.

Dos que aumentaram o uso do sujeito nulo (INQ. 164, INQ.052, INQ.233, INQ. 71), deve-se ressaltar o emprego expressivo dessa variante pelos falantes do INQ. 233, que apresentou um aumento de 31%, do INQ. 052 e do INQ.071, ambos com uma diferença, entre as décadas, de 23% .

Quanto aos que diminuíram a taxa de sujeitos nulos (INQ. 96, INQ. 011, INQ.133, INQ.002, INQ.140, INQ. 347), não se observou um decréscimo acentuado; ressalte-se apenas o índice referente ao INQ. 133, em que a diferença entre as duas décadas fica em torno de 25 pontos percentuais. Apenas no INQ. 373, não houve flutuação no uso do pronome nulo. A taxa manteve-se em torno de 28%.

Destaque-se o fato de que os três primeiros falantes, justamente os mais jovens, são os que apresentaram a maior queda no uso do sujeito nulo na década de 90 em relação à década de 70.

É preciso notar, no entanto, que os percentuais oferecem apenas uma visão parcial do fenômeno, já que não levam em conta a interação do conjunto de grupos de fatores, o que só se torna possível quando se verificam os pesos relativos, para os quais, portanto, é necessário um olhar. Provavelmente esse resultado dará ao estudo outra configuração.

No intuito de verificar a importância da manutenção ou não do SN amalgamado ao sujeito pleno, foram feitas duas rodadas: uma com e outra sem os SNs. Vejamos inicialmente a tabela 3.4, que exhibe os resultados obtidos quando se mantêm os SNs.

Input .040 FALANTE	DÉCADA 70			DÉCADA 90		
	Idade	%	P.R	Idade	%	P.R
INQ.96	25	46%	.52	45	25%	.36
INQ.011	26	48%	.66	46	27%	.26
INQ.133	31	63%	.69	50	38%	.37
INQ. 164	34	43%	.51	53	51%	.54
INQ. 052	39	35%	.41	59	58%	.57
INQ.233	41	35%	.35	59	66%	.67
INQ.002	44	59%	.75	65	43%	.61
INQ.140	55	43%	.63	74	29%	.46
INQ.071	56	42%	.51	79	65%	.74
INQ.347	57	36%	.61	79	25%	.27
INQ 373	58	28%	.44	76	28%	.38

Tabela 3.4: Sujeito nulo de 3ª pessoa por indivíduo nas duas décadas vs pronome vs SNs

Com base em Naro (1981), considerou-se irrelevante uma diferença de peso relativo de até .10, o que altera levemente os resultados sugeridos pelos percentuais. Para demonstrar a flutuação ou regularidade no uso do sujeito nulo, os pesos dispostos na tabela 3.4 foram apresentados em cores diferentes. Tem-se: em rosa, os pesos referentes aos falantes que mantiveram comportamento estável (apenas dois); em vermelho, os pesos que indicam aumento no uso do sujeito nulo (três falantes) e, em azul, os pesos relativos que indicam seu decréscimo (seis falantes).

Esses resultados confirmam o aumento do uso do sujeito nulo nos falantes INQ. 052, INQ.233 e INQ.071 e a diminuição nos demais indivíduos: INQ.96, INQ.011, INQ.133, INQ.002, INQ.140 e INQ. 347. Confirmam, ainda, a estabilidade do comportamento do falante INQ.373, mas revelam equilíbrio também no comportamento do informante INQ. 164.

Passemos aos resultados da rodada que elimina os SNs anafóricos. O que motiva essa decisão é o desejo de verificar se há alteração nos resultados e o fato de que o uso de SNs é inexpressivo justifica essa tentativa.

Input .046	DÉCADA 70			DÉCADA 90			
	FALANTE	Idade	%	P.R	Idade	%	P.R
INQ.96		25	52	.50	45	25	.32
INQ.011		26	60	.75	46	32	.20
INQ.133		31	83	.84	50	42	.28
INQ. 164		34	48	.54	53	51	.51
INQ. 052		39	38	.40	59	61	.54
INQ.233		41	45	.43	59	75	.72
INQ.002		44	71	.80	65	45	.61
INQ.140		55	46	.63	74	32	.48
INQ.071		56	45	.52	79	65	.71
INQ.347		57	37	.25	79	26	.21
INQ 373		58	31	.47	76	30	.36

Tabela 3.5: Sujeito nulo de 3ª pessoa por indivíduo nas duas décadas vs. pronomes

Como se vê na tabela 3.5, mantém-se a mesma distribuição verificada na tabela anterior: seis informantes diminuem o uso do sujeito nulo; três aumentam e dois ficam iguais. Apenas o comportamento dos dois últimos falantes revela alteração com e sem os sujeitos expressos por SNs. O falante do INQ 347, sem SNs, mostra comportamento estável, e o falante do INQ.347 desfavorece ligeiramente o sujeito nulo. Ou seja, na fala, o uso de SNs não parece alterar de forma substantiva os resultados. Por isso, serão tomados os pesos relativos constantes na tabela 3.4 para a representação do comportamento do indivíduo no gráfico 3.2 a seguir:

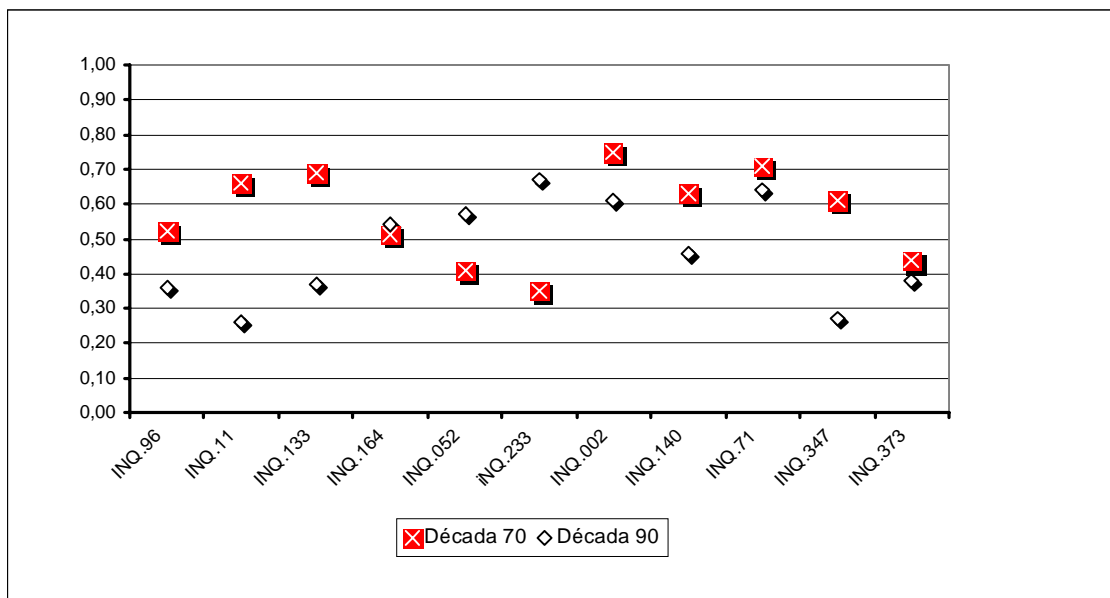


Gráfico 3.2: Comportamento do indivíduo no uso do sujeito nulo na 3ª pessoa nas duas décadas (pesos relativos)

Evidenciam-se três direções no comportamento do falante em relação ao sujeito nulo de 3ª pessoa: avanço, recuo e estabilidade, confirmando-se o caráter irregular do comportamento dos indivíduos entre si e entre as duas sincronias, porque exhibe a existência de agrupamentos e de dispersão, o que evidencia um movimento lingüístico do sujeito nulo na 3ª pessoa marcado por equilíbrio e desequilíbrio entre falantes de nível superior da cidade do Rio de Janeiro. Esse quadro de instabilidade é o mesmo encontrado por estudos que focalizam outros fenômenos variáveis no PB, com base em amostras da fala popular carioca popular (cf. Paiva e Duarte 2003).

Reforça-se a hipótese de que na 3ª pessoa a tendência ao preenchimento do sujeito caminha lentamente; entretanto, fica claro também o fato de que há mais indivíduos usando o sujeito pleno, entre os quais estão os mais jovens, cuja fala é a que apresenta resultados mais regulares.

3.2 Estudo de tendência

Como visto no capítulo 1, no português brasileiro, o processo de mudança de língua de sujeito nulo para língua de sujeito pleno teve início há mais de um século e, pelos resultados até aqui apresentados, continua em curso. O estudo do tipo painel descrito em 3.1 mostrou que, na fala culta carioca, o comportamento do sujeito anafórico de 3ª pessoa na fala do indivíduo, de fato, é irregular, mas a preferência pelo preenchimento do sujeito é confirmada. O objetivo, agora, é verificar se as tendências depreendidas na análise em 3.1 são reforçadas num estudo do tipo tendência.

Serão apresentados, inicialmente, os resultados⁵¹ percentuais obtidos para cada década já que, ao contrário do estudo de Painel, nesta análise, os dados não foram processados em uma rodada conjunta.

Variantes	Década 70		Década 90	
	Sujeito nulo	232	38%	136
Pronome	299	49%	225	54%
SN	80	13%	51	13%
Total	611	100	412	100

Tabela: 3.6: Distribuição geral das variantes: o sujeito anafórico de 3ª pessoa

Em relação à comunidade, os primeiros resultados revelam a mesma hierarquia, com o uso do pronome na liderança, seguido pelo sujeito nulo e finalmente pelo SN anafórico. Vistos na linha horizontal, os percentuais obtidos para o sujeito nulo e para o pronome são muito próximos e, no caso dos SNs, idênticos. Entretanto, um exame dos valores na linha vertical mostra que a diferença entre os percentuais para o sujeito nulo e pronominal pleno sobe de 11% para 22%, ou seja, essa diferença é duplicada na década de 90, o que mostra que

⁵¹ As entrevistas da década de 90 são bem menores do que as de 70, o que levou, em relação ao número de dados, a um desequilíbrio entre as amostras.

a comunidade revela aumento no uso do sujeito pleno, confirmando a tendência ao preenchimento do sujeito na fala do PB. A análise dos resultados obtidos pelo VARBRUL indicará os caminhos pelos quais a mudança encontra resistência.

Será feito, inicialmente, o exame das variáveis que foram selecionadas pelo programa de regra variável, para as duas décadas. Na segunda etapa, serão apresentados os resultados obtidos para as demais variáveis. Considerou-se apenas o sujeito nulo e o pronome pleno tal como foi feito no estudo de Painel.⁵² Os resultados obtidos com a exclusão dos SNs aparecem na tabela 3.7.

Variantes	Década 70		Década 90	
Sujeito nulo	232	44%	136	37%
Pronome	299	56%	225	63%
Total	531	100	361	100%

**Tabela: 3.7: Distribuição geral das variantes:
o sujeito anafórico de 3ª pessoa (suj.nulo x pronome)**

Considerando apenas os pronomes nulos e plenos, a diferença entre os índices, que é de 12% no primeiro momento, passa a 26%, sendo, portanto, praticamente, duplicada, o que deixa clara uma relativa instabilidade da comunidade nos últimos 20 anos que separam as duas amostras.

3.2.1 Os fatores selecionados

⁵² Foi realizada inicialmente uma rodada binária em que se amalgamaram o sujeito pleno e o SN, opondo-os ao sujeito nulo. No entanto, decidiu-se excluir o uso do SN por seu resultado pouco expressivo e pelo fato de essa análise se interessar particularmente pelo uso de pronomes nulos e plenos. (O anexo apresenta um resumo desses resultados.) O uso de SNs parece ser funcionalmente motivado, não distinguindo duas gramáticas (dois sistemas lingüísticos); seu estudo, portanto, parece mais adequadamente tratado dentro de uma perspectiva funcional, que leve em conta o contexto discursivo. Tal perspectiva foge ao escopo do presente trabalho.

A atuação dos grupos de fatores nas duas amostras foi testada a partir de rodadas binárias, tendo como valor de aplicação o sujeito nulo. Estão dispostas no quadro 1, por ordem de seleção, as variáveis selecionadas pelo programa VARBRUL.

Década 70 (<i>input</i> .43)	Década 90 (<i>input</i> .35)
Animacidade do antecedente	Presença/ausência de adjuntos a IP
Acessibilidade do antecedente	Acessibilidade do antecedente
Verbo ser x outros verbos	Animacidade do antecedente
Faixa etária	Verbo ser x outros verbos

Quadro 3.1: Fatores selecionados como significantes para a realização do sujeito nulo de 3ª pessoa em cada época (pronome vs sujeito nulo) – Estudo de Tendência

O *input* obtido para cada década reflete os resultados percentuais verificados na tabela 3.7, confirmando, portanto, o fato de que, na comunidade, de um período para o outro, se houve uma ligeira diminuição no *input*, isso não revela mudança significativa no comportamento do sujeito anafórico de 3ª pessoa na fala culta carioca. Note-se que os grupos selecionados mantiveram, praticamente, o mesmo quadro, tanto no número quanto no tipo de variáveis, diferindo de uma época para outra apenas pela seleção do grupos **faixa etária** e **presença/ausência de adjuntos a IP**, selecionados apenas para a década de 70 e 90, respectivamente. A variável **acessibilidade do antecedente**, além de ter sido selecionada nos dois períodos, alcança a mesma posição em ambas as décadas, ficando sempre em 2º lugar na ordem de seleção.

É sugestivo o quadro das variáveis selecionadas, porque leva à conclusão de que o equilíbrio sugerido na leitura dos *inputs* e dos percentuais se revela na atuação das variáveis, já que, de maneira geral, o que era significativo para a regra de aplicação em um período de tempo permanece no outro. Essa constância dos grupos de fatores ocorreu, em relação ao preenchimento do sujeito, na fala popular, conforme atestado por Paredes Silva (2003).

Chama a atenção, contudo, como veremos mais adiante, a seleção da variável extralingüística - **faixa etária**, na primeira sincronia.

A análise das variáveis selecionadas será feita de acordo com a ordem apresentada no quadro 3.1, iniciando-se pela atuação dos fatores internos e pelos resultados obtidos para a década de 70, os quais serão comparados aos da década de 90.

3.2.1.1 A atuação dos fatores selecionados

3.2.1.1.1 Animacidade do antecedente

A seleção da variável **animacidade do antecedente** para as duas décadas reflete a importância desse contexto para o comportamento do sujeito anafórico de 3ª pessoa. É importante lembrar que, para a década de 90 (ver quadro 3.1), esse grupo aparece em 3º lugar entre os selecionados, mas alcança, no outro período, a primeira posição.

Traços	Década 70			Década 90		
	Apl/T	%	P.R	Apl/T	%	P.R
[-animado]	96/125	76	.77	35/57	61	.73
[conjunto inanimado com elementos humanos]	10/20	50	.50	3/7	42	.48
[+humano+animado]	126/386	32	.40	98/297	32	.45
Total	232/531	43		136/361	37	

Tabela 3.8: O sujeito nulo e animacidade nas duas décadas⁵³

⁵³Para a década de 90, não foram encontradas ocorrências de sujeitos com antecedente exibindo o traço [-humano +animado], como, por exemplo, cachorro, morcego etc. Para a década de 70, o número de ocorrências, nesse contexto, apresentou-se exíguo, o que levou à junção do fator [+humano +animado] ao fator [-humano +animado].

A atuação da hierarquia de referencialidade proposta por Cyrino, Duarte e Kato (2000) (cf. seção 2.6.1.9) para os processos de mudança envolvendo pronomes confirma-se nos resultados obtidos para as duas sincronias, já que o traço [-animado] aparece com os pesos relativos mais altos para o sujeito nulo nas duas décadas, reafirmando sua importância como contexto de resistência do sujeito nulo. Esse traço mantém-se relevante mesmo nos casos de antecedentes com o traço [-animado] que representam um conjunto com elementos de traço [+animado], como **igreja, clube, sindicato, cooperativa**, ilustrados nos exemplos 1 e 2.

- (1) o sindicato_i pode ocorrer como (cv)_i ocorreu contestando contra (INQ.164/70)
- (2) o governo_i poderia muito bem aumentar esse salário... os cento e doze. Dobrar o salário. Mas ele_i diz que (cv)_i não tem condição.. (INQ.14/ década de 90)

Note-se que a taxa percentual, nesse caso, na década de 70, alcança 50% e na de 90, 42%, o que sugere a influência do traço [-animado] na realização nula do sujeito com esse tipo de antecedente, levando-nos a supor, mais uma vez, que a Hierarquia de Referencialidade esteja atuando de forma a tornar mais resistentes à utilização de um pronome pleno os contextos com um antecedente [-humano/+animado].

É bem verdade que, no exemplo (2), a categoria vazia aparece em uma construção em que o antecedente é acessível, contexto altamente favorecedor do sujeito nulo, como visto no capítulo anterior, sugerindo que, provavelmente, nessa ocorrência, os dois fatores juntos estejam influenciando o comportamento do sujeito anafórico de 3^a pessoa.

Os resultados referentes ao traço [+humano +animado] também confirmam a atuação da escala de referencialidade no fenômeno em análise, indicando que, de fato, sujeitos anafóricos de 3^a pessoa tendem a realizar-se plenamente, como exemplificado em (3), se o

anterior exibir o traço [+humano +animado], localizando-se, portanto, no extremo de maior referencialidade do contínuo proposto em Cyrino, Duarte e Kato (2000).

- (3) a minha avó_i mesmo muitas vezes ia pra cozinha... **ela**_i mesma fazia a comida *porque ela*_i cozinhava loucamente bem... (INQ.11/ década de 70)

Observe-se que, para cada período, o peso relativo referente a esse fator é o mais baixo. Além disso, chama a atenção o fato de que a diferença entre o peso obtido para o traço [-animado] e [+humano e +animado] diminui na segunda sincronia: cai de .37 para .28, o que pode indicar que o ponto de resistência do sujeito nulo na 3ª pessoa vai aos poucos se perdendo. É o exame dos pesos para cada sincronia que nos permite verificar a atuação da hierarquia no processo de mudança.

3.2.1.1.2. Acessibilidade do antecedente

Os resultados obtidos para o grupo **acessibilidade do antecedente**, selecionado em ambas as sincronias, reafirmam a tendência, já apontada por Paredes Silva (1988, 2003 entre outros) e verificada por Duarte para a fala popular, ao uso do sujeito nulo em contextos em que o antecedente se encontra sintaticamente acessível, ou seja: em função de sujeito e sem elementos intervenientes que ameacem a identificação do antecedente, como em (4), (5), (6) e (7):

- (4) o homem_i disse *que* (cv)_i só vendia bananas a a quilo. (INQ. 2/ década de 70)
- (5) Mas minha mãe_i me cobrava muito, né, *porque* **ela**_i viu que, no último ano que era o ano do vestibular (INQ.1/ década de 90)
- (6) foi uma grande força de cooperação e ofício ... em que o indivíduo_i tinha até uma escala profissional ... **ele**_i era aprendiz ... (INQ.164/ década de 70)

(7) ah o garoto já... tá com dezessete anos:...né?(cv_i) vai fazer dezoito... (INQ.17/ década de 90)

Condições de acessibilidade	Década 70			Década 90		
	Apl/T	%	P.R	Apl/T	%	P.R
Antecedente sintaticamente acessível	152/290	52	.64	94/210	44	.60
Antecedente sintaticamente não acessível	80/241	33	.33	42/151	27	.35
Total	232/531	37		136/361	33	

Tabela 3.9: O sujeito nulo e as condições de acessibilidade do antecedente

O que chama, entretanto, a atenção na tabela 3.9 é o fato de que tanto os sujeitos com antecedente mais acessível quanto aqueles com o antecedente menos acessível são mais expressos que nulos (exceto pelos 52% de sujeitos nulos com o antecedente acessível na década de 70), um resultado que, por si só já é suficiente para mostrar que o PB tem um comportamento atípico no contexto das línguas românicas e que, se ainda não é uma língua negativamente marcada em relação ao parâmetro do Sujeito Nulo, tampouco é uma língua positivamente marcada em relação a ele.

A vantagem da análise de regra variável está justamente em mostrar a atuação desse grupo de fatores, ou seja, a força que tem a manutenção da referência na não expressão do pronome; não surpreende, pois, que este seja o contexto de maior resistência à mudança. Veja-se que a distância entre os pesos é de .31 no primeiro momento e de .25 no segundo. Não se pode falar, pois, em mudança expressiva no período, mas a redução na distância entre os dois fatores (maior e menor acessibilidade do antecedente) é digna de nota.

Duarte (2003) também verificou, nas amostras de fala popular, essa diferença entre pesos e percentuais, chegando à conclusão de que, embora todos os percentuais para o

preenchimento estivessem elevados, os pesos relativos indicavam o favorecimento do sujeito nulo nos contextos em que a acessibilidade do antecedente não estivesse ameaçada. Este é, na verdade, um fator fortemente atuante na expressão (nula ou plena) do pronome em línguas de sujeito nulo.

Portanto, mesmo se se leva em conta o fato de o sujeito nulo não ser a opção preferida na fala do brasileiro, os índices percentuais para o primeiro fator da tabela 3.9 são considerados relevantes, evidenciando sua resistência nesse contexto. Embora isso já fosse esperado, os resultados indicam que, na fala culta do carioca, estruturas como as apresentadas em (5), (6) e (7) estão em competição, embora com vantagem para as estruturas em (5) e (6).

O interessante, entretanto, é que mesmo nos contextos com um antecedente menos acessível ainda temos o sujeito nulo em construções como a que aparece em (8), em que o uso da categoria vazia na oração em destaque não seria a opção esperada, porque remete a um antecedente em outra função sintática.

- (8) eu não não não gosto desse arroz.... o arroz branco_i... *embora* (cv)_i; *seja polido demais* né parece que não::... não alimenta muito bem né a gente deveria:: consumir (INQ 19/ década de 90)

Uma estrutura comparável com (8) acima aparece em (9):

- (9) começa com o apito do juiz... né... enquanto o juiz não apita uma partida_i; **ela**_i *não pode iniciar*... (INQ. 52/ década de 90)

Entretanto, nesse exemplo, parece que o sujeito nulo é rejeitado, uma vez que a presença do pronome é que possibilita a retomada do antecedente **uma partida** e a ausência do elemento pronominal levaria à retomada de um outro antecedente. Não se espera também que a categoria vazia se realize em uma estrutura cujo sujeito se encontra separado do seu antecedente por mais de uma oração, como se verifica na última ocorrência do exemplo (10),

em que a acessibilidade do antecedente está comprometida, mas, ainda assim, são encontradas algumas ocorrências:

- (10) meu sonho era fazer uma volta por acaso que um... primo velho de minha mãe; que faz... **ele**; sai da cidade cedo (**cv**); pega o bonde que anda pelo Aterro do... Flamengo eu não sabia nem que tinha bonde ainda lá senão eu já tinha ido... (**cv**); *atravessa o Aterro inteiro de bonde...* (INQ.133/década de 70)

3.2.1.1.3 Verbo ser x outros verbos

Para a década de 70, a variável estrutural que ficou em terceiro lugar na ordem de seleção é a que controla o verbo **ser** em oposição aos **outros verbos**. No capítulo anterior, levantou-se a hipótese de que as construções com **ser** estariam atuando como um contexto de resistência do sujeito nulo, o que parece se confirmar nos resultados aqui obtidos:

	Década 70			Década 90		
	Apl/T	%	PR	Apl/T	%	PR
Verbo ser	96/136	71	.67	34/58	58	.66
Outros verbos	136/395	34	.43	102/303	33	.47
Total	232/531	43		136/361	37	

Tabela 3.10: Sujeitos nulos e o verbo ser x outros verbos nas duas décadas

Em relação aos percentuais, os resultados exibidos na tabela 3.10 demonstram que houve uma diminuição, de um período para o outro, de 13 pontos em relação ao uso do sujeito nulo nos contextos com o verbo **ser**, mas, ainda assim, o sujeito nulo continua a ser favorecido, o que parece confirmar a hipótese de que estruturas com esse verbo estejam entre aquelas que mais abrigam a expressão vazia do sujeito. Veja-se que a distância entre os pesos relativos, nas duas sincronias, é relevante, alcançando .24 e .19 para a década de 70 e 90, respectivamente.

A realização do sujeito nulo em construções com o verbo **ser** é verificada quer em contextos desfavoráveis à sua realização, conforme se verifica em (11), (12), em que o

antecedente aparece em outra função sintática e com o traço [+humano + animado], quer em estruturas favorecedoras, aqui exemplificadas em (13). Nesse caso, o antecedente tem a mesma função sintática do sujeito, sem nenhum elemento ameaçando sua acessibilidade e, além disso, exibe o traço [-animado]:

- (11) tenho **amigos**_i... como eu tinha dito... anteriormente...(cv)_i; *são* muito restritos (INQ.71/década 70)
- (12) nós temos aqui uma professora que é **a Cléia**_i ... que trabalhava num colégio tradicional que é o Lemos de Castro e como (cv)_i; *era mais nova* ... pra não mandarem... (INQ.164 / década 70)
- (13) e hoje **a rua**_i é muito mais movimentada do que (cv)_i; *era na minha época* (INQ.23/década de 70)

Esses exemplos sugerem a atuação de mais de um aspecto no comportamento do sujeito anafórico de 3ª pessoa. Parece que o traço do antecedente do sujeito, em construções com **ser**, também esteja atuando de forma a favorecer ou desfavorecer a expressão vazia do sujeito. É o que se verifica nas tabelas 3.11 e 3.12, em que se exibe o resultado do cruzamento das variáveis **animacidade** e **verbo ser x outros verbos**:

Traço	Verbo ser		Outros verbos	
	Apl/T	%	Apl/T	%
[-animado]	72/85	85	24/40	60
[conjunto inanimado com elementos humanos]	4/5	80	6/15	40
[+humano+animado]	20/46	43	106/340	31
Total	96/136	71	136/395	34

Tabela 3.11: Sujeitos nulos segundo o traço do antecedente e o tipo de verbo (ser x outros verbos) – década de 70

Traço	Verbo ser		Outros verbos	
	Apl/T	%	Apl/T	%
[-animado]	17/22	77	18/35	51
[conjunto inanimado com elementos humanos]	1/3	33	2/4	50
[+humano+animado]	16/33	48	82/264	31
Total	34/58	59	102/302	34

Tabela 3.12: Sujeitos nulos segundo o traço do antecedente e o tipo de verbo (ser x outros verbos) – década de 90

Os resultados mostram que é alta a incidência de sujeitos nulos com antecedente com traço [-animado] em estruturas com **ser**, em ambos os períodos, o que indica que, de fato, o traço [-animado] associado ao verbo **ser** exerce pressão mais forte em favor do sujeito nulo. Entretanto, tal associação vai perdendo força na segunda sincronia, embora ainda mantenha uma taxa percentual bastante significativa: de 85% para 77%.

Observe-se que os exemplos em (11), (12) e (13) sugerem ainda que as condições de acessibilidade do antecedente parecem contribuir também para a ocorrência de sujeitos nulos nas estruturas com **ser**, o que pode ser verificado no cruzamento entre o grupo que controla o comportamento desse verbo e a variável **Condições de acessibilidade**:

Condições de acessibilidade	Verbo ser		Outros verbos	
	Apl/T	%	Apl/T	%
Antecedente sintaticamente acessível	49/69	71	103/221	47
Antecedente sintaticamente não acessível	47/67	70	33/174	19

Tabela 3.13: Sujeitos nulos segundo a estrutura de CP e o tipo de verbo (ser x outros verbos) – década de 70

Condições de acessibilidade	Verbo ser		Outros verbos	
	Apl/T	%	Apl/T	%
Antecedente sintaticamente acessível	16/31	52	78/179	44
Antecedente sintaticamente não acessível	18/27	67%	24/124	19

Tabela 3.14: Sujeitos nulos segundo a estrutura de CP e o tipo de verbo (ser x outros verbos) – década de 90

A hipótese levantada no parágrafo anterior confirma-se nesses resultados, já que, nas duas sincronias, o índice de sujeitos nulos em construções com o verbo **ser** e com antecedente sintaticamente acessível está num patamar acima de 50%, chegando a 71%, na década de 70, e a 52%, na de 90, numa clara sugestão de que, nesse contexto, os sujeitos são percentualmente mais nulos que expressos. Esse resultado parece sugerir que estruturas com verbo **ser** em orações com sujeito com antecedente sintaticamente acessível constituem um contexto de resistência do sujeito nulo de 3ª pessoa, mas que vai perdendo força com o passar do tempo. Veja-se que, de uma década para outra, a taxa percentual diminui de 71% para 52%.

Ainda que se tenha verificado a atuação de outros fatores no comportamento do sujeito anafórico de 3ª pessoa em estruturas com **ser**, o fato de a variável **verbo ser x outros verbos** ter sido selecionada para as duas décadas, além de confirmar a hipótese de o verbo **ser** constituir-se num contexto de abrigo ao sujeito nulo, sugere que os fatores favorecedores e desfavorecedores da opção plena ou nula do sujeito anafórico de 3ª pessoa se mantêm praticamente os mesmos, indicando um caráter equilibrado das amostras analisadas.

3.2.1.1.4 A variável faixa etária

Para a década de 70, a variável externa **faixa etária** foi a última a ser selecionada. Um resultado, em princípio, inusitado, se comparado com os resultados obtidos pelos trabalhos realizados sob a perspectiva do tempo real, resenhados no capítulo 1, uma vez que esse fator, ao lado de outras variáveis externas, demonstrou fraco desempenho. O resultado para essa variável aparece na tabela a seguir.

Faixa etária	Apl/T	%	PR
Faixa 1 (25 a 35 anos)	81/149	54	.61
Faixa 2 (36 a 55 anos)	84/189	44	.53
Faixa 3 (mais de 56 anos)	67/193	34	.38
Total	232/531	43	

Tabela 3.15: O sujeito nulo por faixa etária, na década de 70

Verifica-se que, quanto mais novo o falante, maior é a realização do sujeito nulo e que, embora não haja polarização entre os pesos, há uma diferença de .23, considerada expressiva, entre a faixa 1 (25 a 35 anos) e a faixa 3 (mais de 56 anos), indicando que os mais velhos, na década de 70, usavam menos sujeito nulo que os mais jovens. Esperava-se um resultado contrário, já que a maioria dos estudos realizados sobre a amostra NURC revelam um quadro de mudança em tempo aparente. Vejam-se, por exemplo, a implementação de **a gente** vs **nós** (Lopes, 1993) e o uso de **ter** sobre **haver** (Leite, Y & Callou, D., 2002).

Essa constatação leva à curiosidade de visualizarmos, em um gráfico, como se comporta o sujeito nulo em termos percentuais e de acordo com a faixa etária. Entretanto, verificar somente sua trajetória na década de 70 não implicará, provavelmente, o alcance de interpretações relevantes. O ideal é que se efetue uma comparação com os índices de sujeitos nulos obtidos para a década de 90 (faixa 1: 36% - P.R .50, faixa 2: 39% - P.R .49, faixa 3: 36% - P.R .50), ainda que, para essa década, a variável faixa etária não tenha sido selecionada. A representação gráfica desses percentuais e os da tabela 4.8 aparecem no gráfico a seguir.

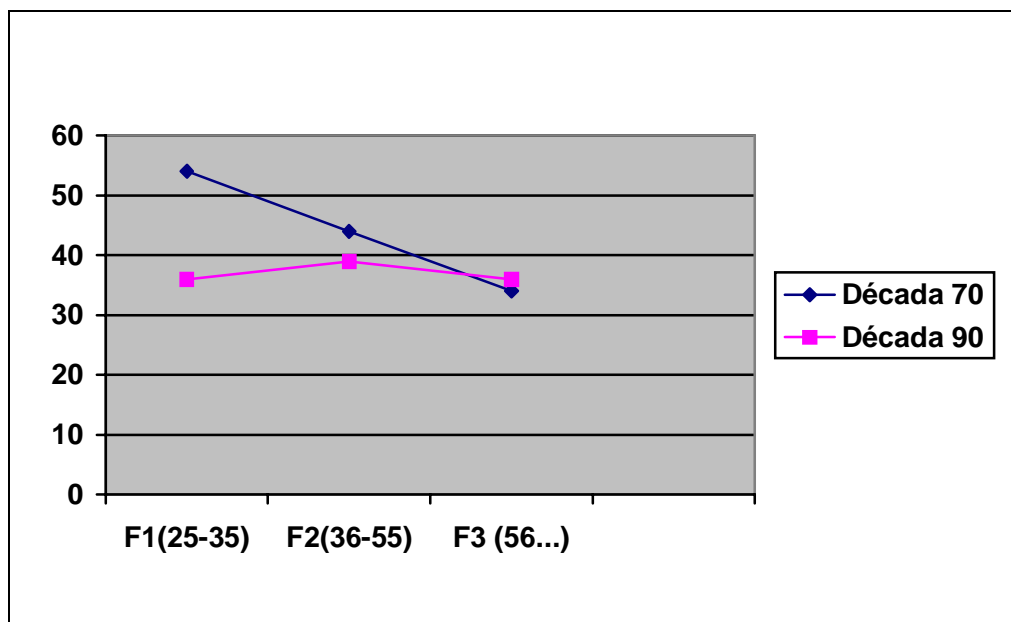


Gráfico 3.3: O sujeito nulo por faixa etária nas duas décadas

A diferença entre as duas décadas é evidente: as alterações entre as faixas etárias verificadas para o sujeito nulo na década de 70 indicam um movimento descendente acentuado na passagem da faixa 1 para a faixa 2 e dessa faixa para a faixa 3; entretanto, para o segundo momento, evidencia-se um comportamento mais equilibrado na passagem de uma faixa a outra, num patamar bem abaixo dos 50% (com pesos relativos praticamente idênticos: .50, .49, .50, respectivamente), indicando que o sujeito nulo se espraia uniformemente pelas três faixas etárias.

Curiosamente, para a década de 90, Laperuta (2003) verificou, na fala popular⁵⁴ de Londrina, que a preferência pelo sujeito nulo recai sobre a fala das pessoas que se encontram na faixa mais jovem. Esse resultado é, entretanto, diferente do obtido por Duarte (1995) para a fala culta carioca (Amostra NURC-RJ, gravada em 1992), já que, nessa pesquisa, na fala dos indivíduos mais velhos, a 3^a pessoa foi a única a exibir um percentual mais alto em favor da

⁵⁴ Laperuta (2003) não utiliza a expressão fala popular.

expressão vazia do sujeito, como se verifica na tabela 3.12, que repete os resultados de Duarte, já apresentados na tabela 1 (cf. cap.1).

	3 ^a p.sing.	3 ^a p.plural
Faixa etária	%	%
Faixa 1 (25 a 35 anos)	33	20
Faixa 2 (36 a 55 anos)	35	37
Faixa 3 (mais de 56 anos)	50	50

Tabela 3.16: Sujeito nulo e a 3^a pessoa na fala culta, década de 90
(adaptação: Duarte, 1995)⁵⁵

Talvez uma das explicações para essa diferença entre os resultados obtidos por Duarte (os mais velhos usam mais sujeitos nulos) e os obtidos nesta pesquisa (os mais velhos usam menos sujeitos nulos), no tocante à faixa etária, esteja relacionada à concentração de ocorrências com verbo **ser** na fala dos mais jovens na amostra aqui utilizada.

Para verificar se há, de fato, uma relação mais estreita entre faixa etária e sujeitos nulos em estruturas com **ser**, procedeu-se a um cruzamento entre a variável **Faixa etária** e o grupo verbo **ser x outros verbos**. A julgar pelos resultados obtidos neste trabalho, supõe-se que devam aparecer mais sujeitos nulos em construções com **ser** na fala dos mais jovens, seguido pelo grupo intermediário (36 a 55 anos) e o menor número de ocorrências deve aparecer no grupo das pessoas mais velhas.

Faixa etária	Verbo ser		Outros verbos	
	Apl/T	%	Apl/T	%
Faixa 1 (25 a 35 anos)	32/43	74	49/106	46
Faixa 2 (36 a 55 anos)	37/43	86	42/133	32
Faixa 3 (mais de 56 anos)	27/50	54	45/156	29
Total	96/136	71	136/395	34

Tabela 3.17: sujeito nulo segundo a faixa etária e o tipo de verbo (verbo ser x outros verbos)
– década de 70

⁵⁵ Para haver uniformidade, foi utilizada, na tabela 3.12, a mesma distribuição por faixa etária usada nesta pesquisa: Faixa 1: 25-35 anos, Faixa 2: 36-55, Faixa 3: mais de 56 anos. Duarte (1995) utilizou outro parâmetro: Grupo 1: mais de 56 anos, Grupo 2: 36-55 anos, Grupo 3: 25-35 anos, como apresentado no capítulo 1.

Faixa etária	Verbo ser		Outros verbos	
	Apl/T	%	Apl/T	%
Faixa 1 (25 a 35 anos)	9/17	53	25/75	33
Faixa 2 (36 a 55 anos)	18/24	75	38/119	32
Faixa 3 (mais de 56 anos)	7/17	41	39/109	36
Total	34/58	59	102/303	34

Tabela 3.18: sujeito nulo segundo a faixa etária e o tipo de verbo (verbo ser x outros verbos) – década de 90

O que se verifica, nessas tabelas, é um comportamento interessante das três faixas etárias em relação ao verbo ser: na década de 70, as duas primeiras faixas superam a faixa 3 na preferência pelo sujeito nulo com esse verbo. Na década de 90, embora com percentuais mais baixos, esse comportamento se mantém. Em relação aos outros verbos, a faixa 1 continua a privilegiar o sujeito nulos em relação às demais, embora os números sejam mais próximos na década de 90.

Diferentemente do que se esperava, os resultados revelam que a maior concentração de sujeitos nulos em estruturas com **ser**, em ambas as décadas, encontra-se na fala do grupo intermediário (36 a 55 anos) e não na do grupo mais jovem, mas confirma-se a expectativa de que é a fala dos indivíduos mais velhos que apresenta o menor número de sujeitos nulos com **ser**, o que confirma, em parte, a suposta relação entre faixa etária e expressão vazia do sujeito em estruturas com esse verbo.

De qualquer forma, o fato de a fala da faixa 2 e não a da faixa 1 apresentar o maior número de ocorrências de sujeitos nulos nas construções com **ser** não invalida a tentativa de buscarmos, na relação faixa etária e estruturas com **ser**, uma explicação para a diferença entre os resultados desta tese e o de Duarte.

A comparação dos resultados desta investigação, quanto ao fator faixa etária, com os obtidos por Duarte (1995) e Laperuta (2003) sugere que, no tocante à 3ª pessoa, não há ainda um quadro bem definido para o comportamento do sujeito de 3ª pessoa, o que reflete a singularidade da 3ª pessoa no processo de mudança já atestado por diversos pesquisadores.

Entretanto, é bem verdade que, nesta pesquisa, para a década de 90, o fator faixa etária não se mostrou significativo, levando à conclusão de que a perda de significância, de uma década para outra, reflita um dos estágios da mudança.

3.2.1.1.5 Presença/ausência de adjuntos a IP

O grupo **presença/ausência de adjuntos a IP** foi selecionado apenas para a década de 90, ocupando o 1º lugar na seleção. A hipótese inicial para essa variável era a de que a presença de elementos adjuntos a IP (destaques em 15 e 16) desfavoreceria a expressão vazia do sujeito de 3ª pessoa, enquanto a ausência de qualquer adjunto, representada em (17) e (18), facilitaria a ocorrência de uma categoria vazia. Como foi dito no cap. 2, a hipótese que subjaz este é grupo é a de que, tal como ocorre na presença de elementos em CP, a presença de adjuntos dificultaria a identificação por um antecedente.

- (14) eles gostam muito é de... bife com batata frita... hamburguer... pizza... tudo quanto é besteira... é com eles_i mesmos... às vezes (cv)_i comem feijão... eles gostam do feijão carregado...(INQ.14/década 90)
- (15) inclusive os navios_i andam por ali né... então eles_i descarregam muita coisa (INQ.20/década de 90)
- (16) o português ficou na Costa ... __ (cv)_i *Explorou o negro e o índio ... o americano* (INQ.17/ década de 90)
- (17) eu não peguei nenhum desses profes..., nenhuma dessas professoras_i. __ (cv)_i *Eram de certa maneira rígidas* né (INQ.01/década 90)

Presença / ausência de adjuntos a IP ⁵⁶	Apl/T	%	PR
Nenhum elemento	127/304	41	.56
Elementos discursivos	6/26	23	.37
Adjuntos adverbiais	3/31	9	.12
Total	136/361	37	

Tabela 3.19: O sujeito nulo e a presença/ausência de adjuntos a IP, década de 90

A hipótese foi confirmada, já que, quando há adjuntos ao sujeito, sejam adjuntos adverbiais, sejam elementos discursivos, exemplificados em (14) e (15), respectivamente, os índices de sujeitos nulos são baixos, particularmente na presença de adjuntos adverbiais (.12), enquanto a ausência desses elementos, como se vê em (16) e (17), favorece o sujeito nulo, exibindo o peso de .56. Há, pois, uma diferença de .42 entre a ausência de elementos e a presença de adjuntos nessa posição da sentença; a presença de elementos discursivos fica entre esses dois extremos, com .37. É bem verdade que a categoria vazia em (17) participa de uma estrutura com o verbo **ser**, estruturas que favorecem largamente o sujeito nulo.

De qualquer forma, os resultados indicam que a ausência de adjuntos a IP também é um fator a favor da expressão vazia do sujeito na fala culta do brasileiro, aqui representada pela variedade carioca. O grupo em análise, entretanto, só se mostrou significativo para a década de 90, sendo o primeiro selecionado na ordem de seleção. Para a década de 70, os percentuais, quer para ausência, quer para a presença de elementos adjuntos a IP, apresentam praticamente os mesmos valores, ficando a taxa para o sujeito nulo em torno de 42%, quando há ausência de adjuntos a IP e em 44% quando há presença de elementos.

⁵⁶ Os fatores **elementos topicalizados** e **orações** foram amalgamados ao fator **adjuntos adverbiais** por apresentarem *Knockout*, impossibilitando a execução do programa de regra variável.

3.2.2 Os inputs de aplicação da regra variável

Para concluir a análise, vejamos como o comportamento do sujeito de 3ª pessoa na comunidade se revela nos “*inputs*” de aplicação da regra quer no nível inicial - em que o programa calcula a média global de aplicação da regra e é neutro o efeito de todos os fatores de todos os grupos - quer no nível de seleção - quando se combinam os grupos de fatores que determinam os contextos favorecedores da expressão vazia do sujeito.

Décadas	Nível 0	Nível de seleção	
	Input da regra	Input	Significância
Década 70	.44	.43	.001
Década 90	.38	.35	.014

Quadro 3.2: *Inputs* de aplicação da regra - sujeito nulo de 3ª pessoa (vs. sujeito preenchido)

Se se considera irrelevante uma diferença de menos de .10 entre os pesos, os resultados exibidos no quadro 2 indicam que a média de aplicação de sujeitos nulos no nível inicial é semelhante nas décadas de 70 e 90: .44 e .38, o que significa que não há diferença de um período para o outro. O mesmo se dá no nível de seleção, em que também não se verificou, de uma época para outra, alteração significativa nos valores, bem como não se observam diferenças do nível 0 para o nível de seleção, uma vez que os *inputs* estão muito próximos, revelando, portanto, não só uma distribuição equilibrada dos dados, mas um quadro de estabilidade na comunidade, no que se refere ao comportamento do sujeito anafórico de 3ª pessoa na fala culta carioca.

3.2.3 As variáveis não selecionadas

Nesta seção, são analisadas as variáveis que não foram selecionadas pelo programa de regra variável⁵⁷, excetuando-se, naturalmente, as que já foram examinadas na análise anterior em comparação com os grupos selecionados. Os pesos relativos foram tirados do primeiro nível do *stepping down*, quando todos os pesos para todos os grupos estão juntos.

3.2.3.1 Os grupos extralingüísticos: a variável gênero/sexo

Diferentemente do ocorrido para a faixa etária, a variável **gênero/sexo** não se mostrou favorecedora do sujeito nulo, na comunidade, em nenhum dos períodos de tempo sob análise.

Sexo do informante	Década 70			Década 90		
	Apl/T	%	P.R	Apl/T	%	P.R
Masculino	108/261	49	.50	75/204	36	.48
Feminino	124/270	45	.50	61/157	38	.51
Total	232/531	43		75/204	56	

Tabela 3.20: Gênero/Sexo vs sujeito nulo nas duas décadas

Embora tenha havido significativa diminuição no uso do sujeito nulo em termos percentuais, particularmente na fala masculina (diminuição de 13 pontos, na fala dos homens, e 7 na fala das mulheres), não há diferença entre os pesos relativos dentro de cada década, razão que explica a não-seleção do grupo.

⁵⁷ A inclusão das variáveis não-selecionadas deve –se ao fato de algumas delas terem sido selecionadas em outras análises.

3.2.3.2 Variáveis lingüísticas

3.2.3.2.1 Tipo de oração

Tipo de oração	Década 70			Década 90		
	Apl/T	%	P.R	Apl/T	%	P.R
Substantiva	16/53	30	.36	16/36	44	.79
Adverbial anteposta	16/38	42	.42	7/23	30	.53
Adverbial posposta	23/62	37	.48	8/24	33	.58
Relativa	5/29	17	.23	1/13	7	.38
Absoluta/1ª coordenada	125/239	52	.60	92/215	42	.46
2ª coordenada (sujeitos diferentes)	16/40	40	.62	3/16	18	.63
Principal anteposta	20/47	42	.53	7/28	25	.33
Principal posposta	11/23	47	.48	2/6	33	.33
Total	232/531	43		136/361	37	

Tabela 3.21: Tipo de oração e o sujeito nulo nas duas décadas

Em relação a essa variável, obteve-se um resultado, quer em percentuais quer em pesos relativos, bem diferente para cada década, já que os valores referentes aos tipos oracionais se alteraram substancialmente. Na primeira sincronia, coordenadas e principais antepostas lideram o favorecimento ao sujeito nulo; na segunda, as substantivas, as segundas coordenadas e as adverbiais são os favorecedores. Há, entretanto, uma coerência nos baixos índices para as relativas, o que já era esperado.

Veja-se que os resultados da tabela 3.21 revelam uma diminuição no uso do sujeito nulo, com exceção das substantivas, mas são, ainda que discretamente, relevantes os índices obtidos para os tipos oracionais e significativos os pesos relativos, sugerindo que a irregularidade observada nas duas sincronias pode ser reveladora da instabilidade no sistema.

3.2.3.2.2 Presença ou ausência de introdutor da oração (elemento em CP)

Estrutura inicial da oração(CP)	Década 70			Década 90		
	Apl/T	%	P.R	Apl/T	%	P.R
Pronomes	5/28	17	.56	2/17	11	.24
Conjunções	71/181	39	.54	31/94	32	.31
Nenhum elemento	156/322	48	.47	103/250	41	.59
Total	232/531	43		136/361	37	

Tabela 3.22: Sujeitos nulos e a estrutura de CP

Parece que a hipótese, levantada no capítulo anterior, de que a presença de elementos na estrutura inicial da oração (CP) desfavoreceria o sujeito nulo, enquanto a ausência o favoreceria, foi comprovada. Observe-se que a taxa percentual mais baixa, em ambas as décadas, se refere à presença, na estrutura inicial da oração, de pronomes (as palavras *qu-*) e, em seguida, de conjunções, enquanto a mais alta se refere à ausência desses elementos. Portanto, a mesma hierarquia encontrada em outros trabalhos se mantém, pelo menos em termos percentuais. Os pesos relativos para a primeira sincronia revelam, entretanto, uma inversão em relação aos percentuais. Comparados à hierarquia obtida na segunda sincronia, compatível com os percentuais, tem-se de suspeitar de má distribuição dos dados.

3.2.3.2.3 Elementos entre sujeito e verbo

Elementos entre sujeito e verbo	Década 70			Década 90		
	Apl/T	%	P.R	Apl/T	%	P.R
Nenhum elemento	180/418	43	.49	109/293	37	.49
Negação	29/55	52	.62	13/38	34	.40
Advérbios aspectuais	10/20	50	.55	8/13	61	.79
Clíticos	11/27	40	.53	5/12	41	.56
Dois elementos	1/3	33	.48	1/2	50	.51
Total ⁵⁸	231/523	44		136/358	37	

Tabela 3.23: Sujeitos nulos e elementos entre sujeito e verbo

⁵⁸ O resultado total sofreu uma alteração devido à exclusão dos dados em que ocorre entre sujeito e verbo um adjunto com mobilidade na sentença.

Os resultados comprovam as expectativas de que a presença de advérbios aspectuais entre o sujeito e o verbo contribuiria para realização zero do pronome (cf.seção 2.6. 1.7), já que esse fator foi o único a apresentar um aumento significativo nos percentuais referentes à expressão vazia do sujeito, passando de 50%, no primeiro período, 61%, em 90. Esperava-se o mesmo em relação à negação e aos clíticos; mas, para esse último elemento, praticamente não houve alteração de uma década para outra e, no tocante à negação, registra-se um decréscimo significativo de 18 pontos percentuais no uso do sujeito nulo, com os 52%, década de 70, passando a 32%, o que se revela no mais baixo peso relativo em 90. O desfavorecimento do sujeito nulo é confirmado nos contextos em que há ausência de elementos entre o sujeito e o verbo, o índice de 43% de sujeitos nulos, verificado para a década de 70, passa a 37%, na segunda sincronia, totalizando uma diferença de apenas 6 pontos percentuais.

3.2.3.2.4 Número gramatical

Número gramatical	Década 70			Década 90		
	Apl/T	%	P.R	Apl/T	%	P.R
Singular	194/413	46	.50	109/289	37	.58
Plural	38/118	32	.48	27/72	37	.47
Total	232/531	43		136/361	37	

Tabela 3.24: número gramatical vs sujeito nulo nas duas décadas

Os resultados para o grupo **número gramatical** apresentam-se, em ambas as décadas, muito semelhantes, sobretudo no que se refere aos pesos relativos, obtidos para a primeira sincronia, que não revelam qualquer diferença. Para a segunda, entretanto, há .11 de diferença entre esses pesos, revelando ligeiro favorecimento do sujeito nulo pelo número singular.

3.2.3.2.5 Forma verbal

Forma verbal	Década 70			Década 90		
	Apl/T	%	P.R	Apl/T	%	P.R
Simplex	205/447	45	.51	110/296	37	.50
Locução verbal	27/84	32	.40	26/65	40	.55
Total	232/531	43		136/361	37	

Tabela 3.25: Sujeito nulo vs forma verbal nas duas décadas

A não-seleção do grupo fica clara quando se observam os pesos relativos. Não há diferença relevante entre as formas verbais no favorecimento ou não à expressão do sujeito.

3.2.3.2.6 Modo e tempo verbal

Modo verbal

Modo verbal	Década 70			Década 90		
	Apl/T	%	P.R	Apl/T	%	P.R
Indicativo	220/505	43	.49	131/348	37	.50
Subjuntivo	12/26	46	.71	5/13	38	.59
Total	232/531	43		136/361	37	

Tabela 3.26: modo verbal vs sujeito nulo nas duas décadas

Em relação aos percentuais, verifica-se uma leve preferência, no modo subjuntivo, pelo sujeito nulo na década de 70 e na de 90, confirmada, principalmente, pela distância entre os pesos na primeira sincronia, ao contrário do que se esperava. Na segunda, sincronia, porém, perde-se esse favorecimento.

Tempo verbal

Tempo verbal	Década 70			Década 90		
	Apl/T	%	P.R	Apl/T	%	P.R
Presente	135/312	43	.47	75/175	42	.55
Pretérito perfeito	35/83	42	.56	27/84	32	.46
Pretérito imperfeito	51/109	46	.56	33/97	34	.45
Futuro do presente	¼	25	.57	-	-	-
Futuro do pretérito	4/12	33	.45	-	-	-
Futuro do subjuntivo	6/11	54	.39	1/3	33	.62
Total	232/531	43		136/359	37	

Tabela 3.27: Tempo verbal vs sujeito nulo nas duas décadas

O pretérito imperfeito e o futuro do subjuntivo são os tempos verbais que mais favorecem o sujeito nulo na primeira sincronia. Na segunda, essa preferência recai sobre o presente. Em relação ao pretérito perfeito, a expectativa, apresentada no capítulo anterior, de que esse tempo verbal apareceria como o mais favorável ao nulo não se confirma.

É bem verdade que, nessa tabela, com exceção do futuro, não se separam os resultados segundo o tempo e o modo. A separação só foi obtida no cruzamento desses dois grupos:

Tempo verbal	Década 70		Década 90	
	Apl/T	%	Apl/T	%
Pres.do indicativo	132/302	44	72/168	43
Pret. Imperfeito do indicativo	48/103	47	32/94	34
Presente do subjuntivo	3/10	30	3/7	43
Pret.imperfeito do subjuntivo	3/6	50	1/3	33

3.28: Sujeito nulo vs tempo e modo verbais nas duas décadas

Na conjugação do tempo e modo verbais, além de ficar claro que, para o primeiro período de tempo, o pretérito imperfeito do indicativo e do subjuntivo obtêm as mais altas taxas percentuais de sujeito nulo, verifica-se também que é nesses contextos que ocorre uma diminuição significativa no uso da expressão vazia do sujeito, o que não se dá nem no

presente do indicativo, cujo índice praticamente não se altera, nem no presente do subjuntivo, em que se verifica, ao contrário do esperado, um aumento no uso do sujeito nulo. É preciso, entretanto, observar que o número de dados no subjuntivo é muito pequeno.

3.3 Finalizando o capítulo

As análises até aqui desenvolvidas, estudo de Painei e de Tendência, sugerem que, em relação ao comportamento do sujeito anafórico de 3ª pessoa, não se configura um quadro bem definido na fala culta carioca, uma vez que é verificado um movimento lingüístico marcado por equilíbrio e desequilíbrio no indivíduo. Já na comunidade, nota-se uma estabilidade no período, atestada não só na aplicação da regra, mas nos fatores selecionados para ambas as sincronias: um antecedente na oração adjacente e com a mesma função, um referente com o traço [-animado] e estruturas com o verbo “ser”.

E, se, por um lado, os resultados parecem confirmar a tendência ao preenchimento do sujeito no PB, verificada nos trabalhos resenhados no capítulo 1 e nos índices percentuais encontrados por esta tese (lembremos-nos de que o índice mais alto de sujeitos nulos foi de 52% para o fator “antecedente sintaticamente acessível” na década de 70, enquanto no português europeu o índice médio de sujeitos nulos de terceira pessoa gira entre 67% e 70%, excetuando-se as relativas, com 39%, cf. Duarte 1995), por outro, confirma-se a hipótese de que o PB se encontra em um estágio em que nem tem um comportamento de língua de sujeito nulo prototípica nem de língua de sujeito preenchido.

Os trabalhos resenhados mostram que todas as pessoas ainda apresentam sujeito nulo, com diferenças percentuais; não é só a terceira, mas, pelas razões já mencionadas, a mudança vai mais devagar justamente nesse contexto.

4. O COMPORTAMENTO DO SUJEITO ANAFÓRICO DE 3ª PESSOA NO PE E PM: UMA COMPARAÇÃO COM O PB

O capítulo 3 desta pesquisa mostrou que, no tocante à 3ª pessoa, o PB tem um comportamento atípico no contexto das línguas românicas e que, se ainda não é uma língua negativamente marcada em relação ao parâmetro do Sujeito Nulo, tampouco é uma língua positivamente marcada em relação a ele. E se a tendência ao preenchimento do sujeito, por um lado, é confirmada, por outro, há ainda a realização do sujeito nulo.

A pergunta que se coloca é: esse comportamento da 3ª pessoa na fala culta carioca é diferente do de outras variedades do português, como a europeia, considerada, tal como o italiano, uma língua de sujeito nulo prototípica (Duarte, 1995), e a moçambicana, uma variedade que pouco conhecemos? Para respondê-la, buscou-se estabelecer uma comparação entre os resultados aqui obtidos, para a década de 90, no estudo de Tendência, e os resultados referentes ao PE e ao PM, cujo comportamento, conforme observado em Bravin dos Santos (2003), como se verá na seção 4.3, pressupõe-se seja semelhante ao da variedade europeia, o que o incluiria nas línguas marcadas positivamente em relação ao parâmetro do sujeito nulo.

O PE é, para a variedade moçambicana do português, a língua-alvo, ou seja: a variedade adotada como norma de referência⁵⁹, daí a hipótese de que, em relação ao uso do sujeito anafórico de 3ª pessoa, o PM, aprendido em situação formal, apresente o mesmo comportamento da variedade europeia. Entretanto, a relação com a língua-alvo, que em princípio geraria essa semelhança, pode também levar a estruturas lingüísticas distintas das legitimadas pela norma padrão, o que para Issak (1998), respaldada em Gonçalves (1990), parece natural, já que em Moçambique a língua portuguesa convive essencialmente com línguas nativas, que são geralmente línguas maternas. E, segundo Gonçalves (1990:89, *apud*

⁵⁹ Para mais detalhes sobre essa questão, conferir Gonçalves (1998) e Stroud & Gonçalves (1997).

Issak, 1998), a condição de L2 da língua portuguesa em Moçambique “dá naturalmente origem a alteração às regras que regulam o seu uso na variante europeia.” Estão nesse caso a realização do dativo anafórico (Gomes, 2001) - que, de acordo com a autora, apresenta, por um lado, um comportamento próximo ao PE, e, por outro, apresenta, particularmente no que se refere ao dativo de 3^a pessoa, possibilidades semelhantes ao PB – e a formação das orações relativas (Chimbutane, 1998), que são realizadas, tal como no PB (cf. Tarallo, 1983), com o pronome resumitivo e com a relativa cortadora.

Como já se conta, em relação ao PE, com algumas pesquisas que investigam o uso do sujeito nulo ou pleno nas três pessoas gramaticais, quer no registro coloquial (Duarte, 1995), quer em entrevistas reproduzidas pela imprensa (Barbosa, Duarte & Kato, 2001), não será efetuado, para a comparação, um levantamento de dados. Serão utilizados os resultados dessa última pesquisa. Para o PM, temos conhecimento apenas da monografia de Bravin dos Santos (2003), com base na fala de pessoas com diferentes níveis de escolaridade. Como queríamos comparar resultados de universitários, decidimos utilizar apenas os dados relativos a esses falantes.

Este capítulo está dividido em três seções: a primeira, 4.1, é dedicada a uma revisão dos estudos sobre o comportamento do sujeito nulo no PE para confirmarmos o estatuto de língua *pro-drop* dessa variedade; as características do PM, como o seu caráter de L2 e alguns dos parâmetros que embasam a constituição da amostra utilizada, aparecem na seção 4.2; em 4.3, finalmente, é estabelecida a comparação entre as três variedades do português: PB, PE e PM.

4.1 O português europeu

Quanto ao PE, os resultados a que se teve acesso, para a língua oral, provêm da pesquisa de Duarte (1995, 1998, 2000). A primeira conclusão sobre o sujeito pronominal em PE é a de que em todas as pessoas gramaticais predomina a posição vazia do sujeito, como pode ser visto no gráfico a seguir.

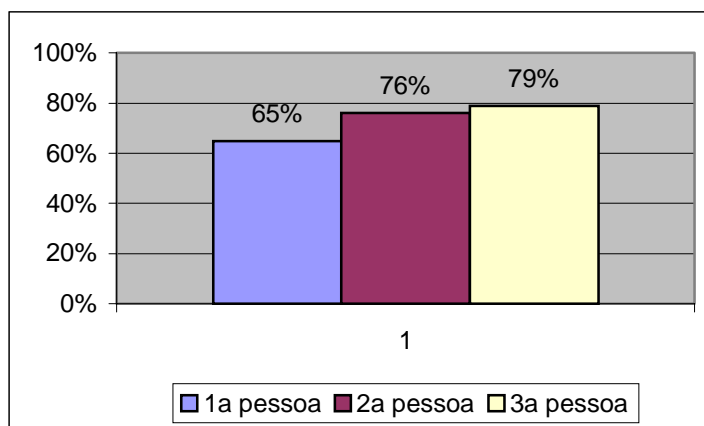


Gráfico 4.1: O sujeito nulo em PE segundo a pessoa gramatical
(adaptado de Duarte, 2000:25)

Nota-se que a 1ª pessoa apresenta o índice mais baixo de sujeito nulo, apesar da desinência exclusiva, o que Duarte tem explicado como uma estratégia de introdução do falante no discurso. Os percentuais obtidos para a 2ª e 3ª pessoa aproximam-se, ficando acima de 70%, o que, sem dúvida, revela um comportamento dentro do figurino de língua *pro-drop*, isto é, o predomínio de sujeitos nulos em todas as pessoas do discurso. Particularmente no que se refere à 3ª. Pessoa, que interessa de modo especial a esta tese, observa-se certa rigidez na ocorrência de um sujeito nulo, seja em contexto inicial, seja em contexto encaixado, sempre

que há, no contexto precedente, um SN que permita sua identificação. A título de ilustração, reproduz-se um dos exemplos citados por Duarte (originalmente exemplo (5) (Duarte, 1998: 194):

- (1) “*O nosso guarda redes, que horror! Na altura [cv]_i já estava bastante magoado. [cv]_i Tinha por título o pássaro de ferro. E sabe por que é que [cv]_i se chamava pássaro de ferro?* (PE)

Ainda em relação às pessoas gramaticais, a autora (1995) chama a atenção para o fato de que as formas verbais não exclusivas de 1^a, 2^a e 3^a pessoa não comprometem a opção pelo sujeito nulo. Não há, pois, uma relação de implicação “sujeito nulo – desinência distintiva”.

Outra conclusão a que Duarte (1995) chega é a de que as orações relativas se mostram mais favoráveis ao preenchimento do sujeito pronominal. Já as demais orações não afetam o predomínio da opção pelo sujeito nulo. Na 2^a pessoa, todos os índices estão entre 60% e 91%. No que se refere à 1^a e 3^a pessoas, as taxas de sujeitos nulos são reveladoras: enquanto, nas orações relativas, o percentual é de 30% e 39%, respectivamente, são encontrados 52% e 67%, nos contextos iniciais, 60% e 69% nas completivas e 68% e 67% nas adverbiais. O que estaria subjacente a essa diferença ?

Uma das hipóteses é a de que a presença de elemento no especificador de CP (pronomes relativos e interrogativos), que têm uma função sintática na oração, ao contrário do que ocorre com as conjunções, seria um elemento condicionador da opção pelo sujeito pleno nas relativas. Outra hipótese: a falta de correferência entre o sujeito da relativa e o sujeito da sua principal (observada na maioria das relativas), e não o introdutor da oração, é que poderia estar condicionando o preenchimento do pronome sujeito. Estudos sociolinguísticos (Lira, 1988; Paredes Silva, 1988) já haviam demonstrado que a falta de correferência entre o sujeito da subordinada e o da principal inibe a posição vazia do sujeito. Com relação ao PE, entretanto, a autora argumenta a favor da primeira hipótese, já que embora raras as relativas com sujeitos correferentes, quando ocorrem na amostra, há o predomínio do sujeito nulo

(exemplo 2); se, por outro lado, não há correferência, prefere-se o sujeito expresso:

(2) *O corredor_i vive as corridas desde o primeiro dia [em] que [cv]_i chega*⁶⁰.

Outro importante condicionador ao uso do sujeito nulo em PE é o traço [-animado] do referente de terceira pessoa. Enquanto, entre os sujeitos que apresentam o traço [-animado], 93% são nulos, entre os que exibem traço [+animado] esse índice cai para 69%. Esse resultado, segundo Duarte (1995), revela que de fato a língua portuguesa de além mar se encaixa no figurino das línguas do grupo do italiano. Outro dado que reafirma o caráter estável de sistema *pro-drop* do PE é a constatação de que o fator idade não exerce nenhuma influência no uso do sujeito nulo.

Esse caráter *pro-drop* é confirmado nos resultados de Barbosa, Duarte e Kato (2001)⁶¹, em que as autoras investigam a distribuição do sujeito nulo no PE e PB em entrevistas transcritas pela imprensa. Trata-se, pois, de uma modalidade de fala mais formal, uma vez que o indivíduo sabe que sua fala será transcrita em jornais e revistas. Mesmo se se leva em conta que essas entrevistas podem ter sido editadas, os resultados confirmam a diferença entre PE e PB, não só em termos quantitativos mas em termos qualitativos, como se verá na seção 4.4.

4.2 O português moçambicano

O PM tem o estatuto de L2. É falado por apenas 30% da população de Moçambique, que tem como língua materna uma língua da família bantu. A situação de contato do

⁶⁰ No original, exemplo (5) (Duarte, 1995 :10).

⁶¹ O trabalho parte da hipótese de Barbosa (1995) e Kato (1999) de que nas línguas de sujeito nulo a posição do sujeito é deslocada à esquerda, posição ocupada pelos SNs e pronomes fortes, ficando o sujeito nulo identificado por flexão. Em línguas como o PB e o francês, aparecem, ao lado dos pronomes fortes (deslocados), os pronomes fracos na posição de especificador de IP, já que a flexão não tem mais caráter pronominal. O presente trabalho não discute essa interpretação teórica.

português com outras línguas contribui, segundo Gonçalves (1998), para o processo de variação e mudança do português em Moçambique, desencadeando alternância de diversas opções gramaticais. Postula-se que algumas alterações sejam influência dessa interação lingüística. Só esse fato basta para entendermos que qualquer comparação que se estabeleça entre o PM e as variedades brasileira e européia do português apresentará sempre algumas restrições, uma vez que a aquisição do português em Moçambique se dá em condições de aprendizagem em contexto escolar e, segundo Stroud e Gonçalves (1997), essas condições estão longe de oferecer aos alunos uma competência comunicativa satisfatória.

Como o PM está ainda em formação, poucos são os trabalhos acerca dessa variedade. Destacam-se alguns estudos do grupo de pesquisa “Panorama do Português Oral de Maputo”, da Universidade Eduardo Mondlane. Em relação ao sujeito pronominal, há o trabalho de Bravin dos Santos (2003), com base numa amostra de língua falada, distribuída por cinco faixas etárias e três níveis de escolaridade, abrangendo a fala de homens e mulheres.

Os resultados obtidos pela autora, confirmando as hipóteses iniciais, mostram que no PM a preferência, no uso do sujeito pronominal, recai sobre a posição vazia do sujeito em todos os contextos: das 624 ocorrências examinadas, 62% são de nulos, o que levou à conclusão de que o PM exibe um figurino de línguas consideradas *pro-drop* e que, portanto, apresenta, tal qual a língua alvo, o português de Portugal, um comportamento de línguas do grupo do italiano.

4.2.1 Amostra utilizada para o estudo do PM

A amostra utilizada faz parte do Projeto “Panorama do Português Oral de Maputo” (PPOM), que é constituído por gravações produzidas por 100 falantes de cinco bairros da

cidade de Maputo, na década de 90 (Stroud & Gonçalves, 1997a). Participaram das entrevistas homens e mulheres pertencentes a cinco faixas etárias: 16 a 25, 26 a 35, 36 a 45, 46 a 55 e mais de 55 anos. Para cada faixa de idade, entrevistaram-se dois homens e duas mulheres, que já haviam concluído a 4^a classe do ensino primário, nível de escolaridade considerado necessário para assegurar a intercomunicação em português. Os informantes foram divididos em três grupos, segundo o grau de instrução: E1 – da 3^a classe elementar à 7^a, E2 - da 8^a classe à 10^a, o terceiro grupo é constituído por falantes com nível superior completo ou não. Em E1, teoricamente, os falantes apresentam competência comunicativa limitada. Já em E2 e no 3^o nível, a competência é suficiente para dialogarem. (Stroud & Gonçalves, 1997b).

Para a análise serão utilizadas apenas quatro entrevistas com indivíduos de formação superior, distribuídas no quadro 4.1, de acordo com a faixa etária:

Código do Falante	Idade
PC7LOF	40
PC2CEL	18
MX5HOR	32
AM17PLA	36

Quadro 4.1: Distribuição dos falantes para o estudo do PM

4.3 Comparando o PB ao PE e PM

Com o objetivo de comparar o PB às variedades europeia e moçambicana do português, lançamos mão de três procedimentos: a) em relação ao PB, retomaram-se os resultados para a

amostra de 90, obtidos no estudo de Tendência desenvolvido no capítulo anterior desta pesquisa; b) no tocante ao PE, aproveitamos os resultados do estudo empreendido por Barbosa, Duarte e Kato (2001), que segue praticamente o mesmo quadro teórico-metodológico aqui utilizado; c) para o PM, foi efetuado um levantamento de dados, seguindo a mesma metodologia apresentada no capítulo 2, o que permitirá uma análise mais detalhada desta modalidade.

4.3.1 A distribuição do sujeito nulo no PB, PE e PM

Os resultados, em relação ao sujeito nulo, para as variedades brasileira, portuguesa e moçambicana são apresentados na tabela que segue:

PB			PE			PM ⁶²		
Apl	%	Total	Apl	%	Total	Apl	%	Total
136	37	361	126	78	162	102	72	141

Tabela 4.1: Ocorrência de sujeitos nulos em PB, PE e PM

Os resultados dessa tabela revelam, por um lado, uma semelhança na distribuição do sujeito nulo no PE e PM, e, por outro, deixam clara uma notável diferença entre o PB e essas duas variedades do português, o que se visualiza no gráfico 4.2.

⁶² Na análise do comportamento da 3ª pessoa no PM, não foram considerados os sintagmas nominais.

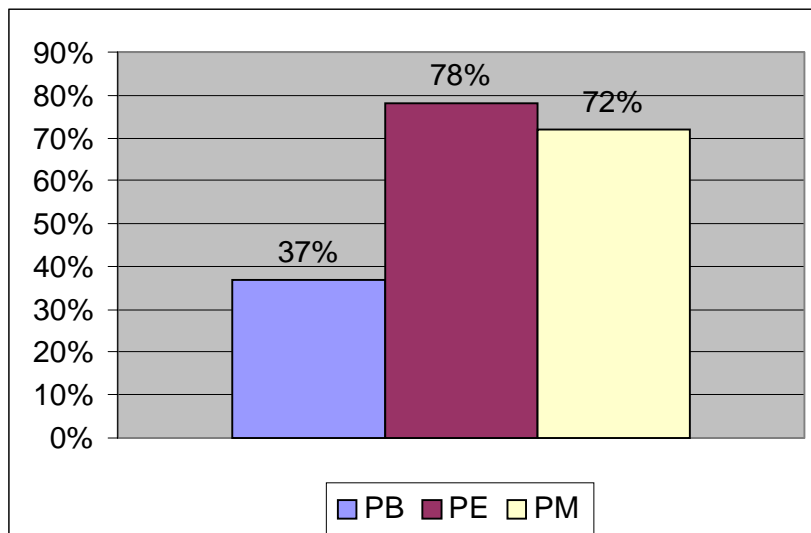


Gráfico 4.2: Percentuais de sujeito nulo no PB, PE⁶³ e PM

Note-se que o apagamento do sujeito alcança uma taxa percentual mais alta no PE, seguido do PM, com uma diferença de apenas 6 pontos percentuais entre essas duas variedades. No PB, registra-se o índice mais baixo de sujeito nulo, com uma distância em relação ao PE de 34 pontos percentuais, mas, ainda assim, a taxa de 37% de sujeito nulo é relevante, confirmando-se a hipótese de que esse contexto resiste à mudança. Confirma-se também a hipótese, levantada por Bravin dos Santos (2003) e aqui retomada, de que o PM apresenta um comportamento semelhante ao da língua alvo, o PE, no que se refere ao uso da 3^a pessoa, ao contrário do que ocorre com outros fenômenos lingüísticos, como a realização das relativas, que, conforme visto anteriormente, destoa das estruturas legitimadas pela norma padrão do PE.

⁶³ Na fala espontânea, Duarte (1995) aponta 73% de sujeitos nulos na terceira pessoa.

4.3.2 Os fatores internos

No que se refere aos fatores internos, iniciaremos a comparação entre o PE, PB e PM a partir das variáveis **acessibilidade do antecedente e animacidade do antecedente** por terem sido selecionadas, pelo programa de regra variável, tanto para o PB quanto para o PM. No PE⁶⁴, esses dois grupos apresentam resultados importantes para o comportamento do sujeito de 3ª pessoa, já que se verifica ocorrência expressiva do sujeito nulo nos contextos sintáticos em que o antecedente está acessível ou não e sua ocorrência categórica com os antecedentes de traço [-animado]. Em relação às demais variáveis, descritas no capítulo 2, só serão examinadas as que apresentaram resultados relevantes para a análise e o contraponto será feito apenas entre os resultados obtidos para o PB e PM, uma vez que, para o PE, só temos os percentuais para os grupos que controlam a acessibilidade e a animacidade do antecedente.

4.3.2.1 A Acessibilidade do antecedente

Como vimos na seção 2.5.1.8, Barbosa, Kato e Duarte distribuem em quatro padrões os contextos em que o antecedente é acessível ou não. No padrão I, exemplificado em (3), o sujeito encontra-se na oração principal e o pronome na subordinada. Nesse caso, o apagamento do sujeito, no PE, alcança um índice percentual altíssimo (97%), mantendo-se alto (89%) quando se trata do padrão II, em que o antecedente se encontra no contexto precedente, conforme se vê em (4):

⁶⁴ O texto de Barbosa, Duarte e Kato (2001), de onde foram extraídos os resultados para o PE, apresenta apenas os percentuais para o grupo que controla a acessibilidade do antecedente, ao qual as autoras chamaram de “condições de referência”. Os índices referem-se ao uso do preenchimento do sujeito. Demonstramos aqui os percentuais para o sujeito nulo.

- (3) **Ela_i** costumava sentar-se em cima da cama com seu tricot, enquanto dava- ϕ_i (**cv**) lições a um de nós.⁶⁵
- (4) porque **a minha mãe_i** estava evidentemente virada do avesso. Perante o irmão queria - ϕ_i transmitir uma imagem de força e perante o esbirro queria- ϕ_i transmitir essa imagem (PE)

Esses dois padrões correspondem aos contextos em que o antecedente é sintaticamente acessível (ver seção 2.5.1.8), como aparece nos exemplos (5) e (6)⁶⁶, do PB, e em (7) e (8), exemplos do PM, alcançando na variedade brasileira 44% de apagamento do sujeito e na moçambicana, 79%:

- (5) Mas minha mãe_i, me cobrava muito, né, *porque ela_i* viu que, no último ano que era o ano do vestibular (INQ.1/ década de 90)
- (6) ah o garoto já... tá com dezessete anos:...né?(**cv_i**) *vai fazer dezoito...* (INQ.17/ década de 90)
- (7) o estado_i devia tentar fazer todos os meios possíveis *que - - que (cv_i)* *dipõe neste momento* (AM17PLA)
- (8) os professores_i eram muito rigorosos – (**cv_i**) *queriam* que o aluno fizesse bem os trabalhos (PC 2CEL)^{67 68}

Os padrões III e IV propostos em Barbosa, Duarte & Kato (2001) correspondem aos contextos em que o antecedente não é sintaticamente acessível, o que ocorre se o sujeito não estiver em uma frase adjacente à que contém o antecedente (padrão III) ou quando este aparece em outra função sintática (padrão IV). No PE, mesmo nesses casos, os índices de

⁶⁵ O exemplos (3) e (4) são no original (4) e (6), respectivamente (Barbosa, Duarte & Kato, 2001, p. 543) Repetem-se, nos exemplos do PE, os recursos utilizados pelas autoras.

⁶⁶ Exemplos (5) e (7) (cf. seção 3.2.1.1.2).

⁶⁷ Os informantes do PM são identificados com o código utilizado na amostra examinada (cf. seção 4.1)

⁶⁸ Nos exemplos do PM, foram utilizados os mesmos recursos usados na análise do PB (cf. seção 2.4)

sujeito nulo mantêm-se altos: 71% para o padrão III e 67% para o IV, exemplificados em (9) e (10)⁶⁹, respectivamente, enquanto no PB, nesses contextos, (11) e (12), a taxa percentual de apagamento é de 27%. Na variedade moçambicana, exemplos (13) e (14), o índice de sujeito nulo alcança 69%, 42 pontos percentuais de diferença se comparado ao resultado obtido para o PB e bem próximo do verificado para o PE:

- (9) **O filme_i** mostrava toda a sua decadência física e intelectual ao longo do período. Foi a coisa mais chocante que vi. Revela- ϕ_i um estado de lucidez absolutamente genial, não é? (PE)
- (10) Fui vê-**lo_i** ao Aljube quando esteve- ϕ_i na tortura do sono. E depois fechado naquelas celas onde as pessoas mal cabiam e não se podiam ter de pé. (PE)
- (11) meu pai_i é carioca... era carioca...(cv_i) nasceu na estação do Riachuelo... onde o avô dele tinha uma... uma pequena fazenda na estação do Riachuelo... no subúrbio da Central... e aí ele_i nasceu e foi criado... (INQ.18/década de 90)
- (12) parece que quatro ou cinco adolescentes_i. Você viu? E levou-**os_i** pro centro da cidade **eles_i** saíram desfilando (INQ.28/ década de 90)
- (13) o pai_i dava-me uma enxada e íamos à machamba --- cultivávamos eu não sabia cultivar **ele_i** ensinava-me (PC 2CEL)
- (14) o meu primeiro professor de facto foi o meu avô_i - como pastor **ele_i** dava aulas clandestinamente - nas primeiras classes (PC7LOF)

Comparando-se as variedades brasileira, européia e moçambicana do português, no tocante à acessibilidade do antecedente, o que se verifica é um comportamento bem diferente do sujeito anafórico de 3^a pessoa no PB em relação às outras duas variedades. Note-se que nestas o apagamento é a opção preferida em todos os contextos: quer em frases em que o antecedente está adjacente à oração em que figura o sujeito, quer em frases em que isso não

⁶⁹ No original, exemplos (8) e (10) (Barbosa, Duarte & Kato, 2001. p. 543).

ocorre. Não há também nenhuma rejeição ao nulo quando o antecedente aparece em outra função sintática. Já no PB, nota-se que a preferência pelo apagamento recai sobre as estruturas em que o antecedente na função de sujeito e o sujeito nulo se encontram em frases adjacentes, ainda que num percentual abaixo do obtido para o PE e o PM. Mas, ainda assim, o PB tem nessas estruturas um contexto de resistência à mudança.

4.3.2.2 Animacidade do antecedente

Em relação à variável animacidade do antecedente, como verificado por Barbosa, Duarte e Kato (2001), a realização do sujeito nulo é categórica quando se trata de antecedentes com o traço [-animado]. Esse percentual chega a 93% na análise da fala espontânea do PE (Duarte 1995), o que mostra não ser categórico, mas extremamente favorecido, o apagamento quando o traço do referente é [-animado]. No PB, o apagamento do sujeito, nesse contexto, embora não seja categórico, exibe um dos percentuais mais altos para essa variedade: 61% (e 44% na amostra de fala culta examinada por Duarte 1995). No PM, tal como no PE, a distribuição de nulo é de 100% com o traço [-animado], o que sugere a importância desse contexto no apagamento do sujeito de 3ª pessoa no PE, PB e PM. Quando o antecedente é [+animado], o índice é de 68%, bem alto se comparados aos 32% do PB.

Veja-se, portanto, que o contexto em que o índice de sujeito nulo é alto na variedade brasileira é o mesmo em que a sua realização é categórica (ou quase categórica) tanto na européia quanto na moçambicana. Isso não só explica por que a 3ª pessoa se constitui um contexto de resistência à mudança no PB como confirma a atuação da hierarquia da referencialidade (cf. seção 2.6.1.9), retardando a implementação da mudança no PB quando o antecedente é [-animado].

4.3.2.3 As demais variáveis: O PB E PM

Além das variáveis **Acessibilidade do antecedente** e **Animacidade do referente**, foi selecionado para o PM o grupo **Elementos intervenientes entre sujeito e verbo**. Veremos como é sua atuação nessa variedade do português em relação ao PB.

Na seção 2.6.1.7, mostramos que a negação, os clíticos pré-verbais e os advérbios aspectuais, por apresentarem material fonético numa posição muito próxima ao sujeito, poderiam favorecer o seu apagamento e o que se verificou, no PB, é que os advérbios aspectuais, com 61% de nulos e peso relativo de .79, exercem, de fato, influência na realização do sujeito de 3^a pessoa no PB, seguidos dos clíticos, com 41% e .56. A negação fica abaixo desse percentual, com 34% e .40., contrariando, portanto, a hipótese inicial. Na variedade moçambicana, entretanto, nas 20 estruturas em que esse elemento aparece entre o sujeito e o verbo, a realização do sujeito nulo foi categórica:

- (15) os meus avós aconselhassem a ela_i para que (cv)_i não levasse. ha logo partida os filhos para moamba (PC7LOF)

Quanto aos advérbios aspectuais e aos clíticos, chama a atenção a baixa ocorrência desses elementos entre Spec de CP e I. Enquanto para os primeiros só foram registradas duas ocorrências nessa posição, das quais uma exhibe o sujeito nulo, exemplificada em (16), para os clíticos não se computou nenhuma ocorrência, já que a posição preferencial dos clíticos nessa variedade é enclítica, tal como ocorre na gramática do PE:

- (16) o meu pai_i tinha uma machamba lá --(cv)_i ainda tem – (PC 2CEL)

Por outro lado, como foi hipotetizado, para o PB, na seção 2.6.1.7 e confirmado na seção 3.2.3.2.4, a ausência de tais elementos nessa posição desfavorece o apagamento do sujeito. Lembremos que se obteve para o PB um percentual de 37% de sujeito nulo nos contextos em que não há elemento entre sujeito e verbo. Na variedade moçambicana, como era de se esperar, o apagamento do sujeito nesses casos é alto: 67%, o que mais uma vez confirma a hipótese de que o PM segue a norma da língua-alvo, distanciando-se, portanto, do PB.

Além da análise dessas três variáveis selecionadas como significativas para a realização do sujeito nulo no PM, examinemos outras, cujos resultados podem ajudar a compreendermos os contextos que mais favorecem o apagamento do sujeito no PB. Iniciemos pelo grupo **verbo ser x outros verbos**, que na variedade brasileira alcançou a quarta posição na ordem de seleção feita pelo programa de regra variável. Em seguida, apresentam-se os resultados obtidos para o tipo sintático da oração, ressaltando-se a distribuição de nulos de 100% nas orações substantivas.

Vimos que, no PB, as construções com **ser** favorecem o sujeito nulo, com índice de 58%, ao passo que os **outros verbos** alcançam apenas 33%. Na variedade moçambicana, das 25 estruturas com **ser**, 24 são de nulos, o que equivale a 92%, que se contrapõem aos 67% obtidos para os **outros verbos**. Veja-se que a diferença entre esses dois fatores é de 25 pontos percentuais, sugerindo que o sujeito nulo, no PM, sofre restrições em estruturas com **outros verbos**; em construções com **ser**, porém, o apagamento do sujeito opera com regularidade. Tem-se, portanto, mais um contexto que, coincidentemente, apresenta um alto índice de sujeito nulo na variedade moçambicana e brasileira do português, ainda que nesta a taxa percentual, já citada anteriormente, de 58%, não seja tão alta; mas para uma língua que caminha em direção ao preenchimento do sujeito, como o PB, trata-se de um índice relevante.

Diferentemente do que ocorre no PB, o sujeito nulo predomina, no PM, em quase todos os tipos sintáticos da oração, com exceção das relativas e segundas coordenadas com sujeitos não- correferentes, alcançando 100% nas substantivas, como se verifica no gráfico 4.3, em que se encontram os resultados para o tipo sintático da oração.

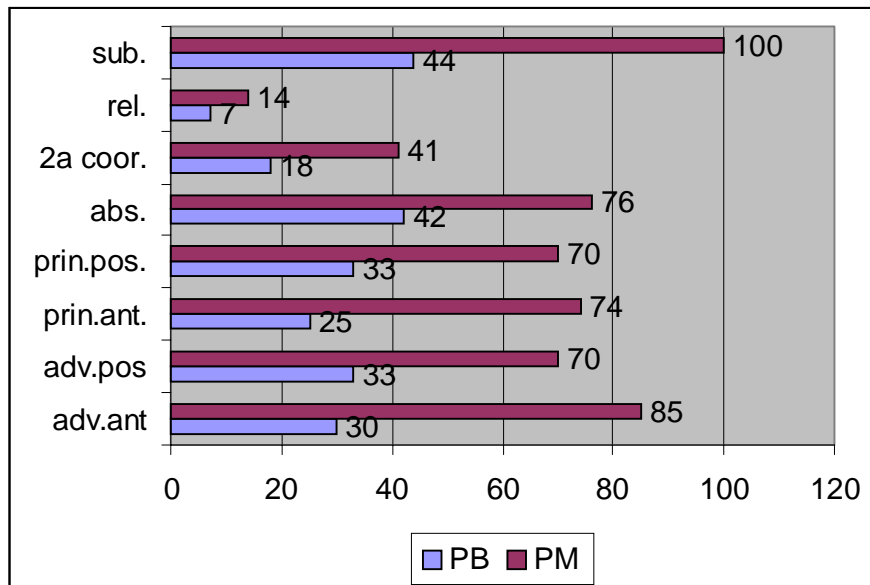


Gráfico 4.3: Sujeitos nulos e o tipo sintático da oração no PB e PM

O objetivo de se apresentar no gráfico a distribuição de nulos de 100% nas substantivas é justamente mostrar a ocorrência, no PM, de contextos categóricos de sujeitos nulos, conferindo a essa variedade um estatuto de língua *pro-drop* prototípica, ao contrário do que se dá no PB; mas, apesar de, nessa variedade, não serem verificados percentuais altos de sujeito nulo, nota-se, mais uma vez, que um dos contextos com índices mais altos de apagamento do sujeito no PB são os mesmos no PM. Veja-se que, tanto na variedade moçambicana quanto na brasileira, as substantivas lideram a preferência pelo apagamento do sujeito.

O curioso desse resultado é que não se esperava, como hipotetizado em 2.6.1.4, o favorecimento do sujeito nulo em orações introduzidas pelo complementizador **que**. Ao

contrário, a expectativa era a de que o elemento em CP desfavorecesse o apagamento do sujeito, tal como o pronome nas relativas. Outros aspectos podem estar condicionando a preferência pelo sujeito nulo nas substantivas, como, por exemplo, a correferência entre o sujeito e o seu antecedente, o que deixaria este numa posição sintaticamente acessível, favorecendo, portanto, o apagamento do sujeito. O mesmo efeito deveria ser notado no PM; no entanto, não foi o que se observou: das 15 completivas, 7 apresentam antecedente sintaticamente acessível e 7, antecedente sintaticamente inacessível. Conclui-se, pois, que as substantivas, na variedade moçambicana do português, não encontram restrições no uso do sujeito nulo.

4.4 Finalizando o capítulo

Parece que a comparação estabelecida entre o PE, PB e PM, no tocante à realização do sujeito anafórico de 3ª pessoa, não só permitiu a confirmação da hipótese de que o PB apresenta um comportamento diferente do PE e PM como pôde se confirmar a suposição de que a variedade moçambicana do português apresenta semelhanças com a língua-alvo, o PE, em que não se verificam restrições ao apagamento do sujeito estando ou não o antecedente sintaticamente acessível. Já no PB, a preferência pelo sujeito nulo recai sobre as estruturas em que o antecedente se encontra em uma oração adjacente e na mesma função. Verificou-se também, tanto na variedade europeia quanto na moçambicana, a realização categórica do sujeito nulo quando o antecedente possui o traço [-animado], contexto que, no PB, apresenta um dos mais altos índices de apagamento do sujeito.

5. CONCLUSÃO

Neste trabalho foi desenvolvida uma análise variacionista, em tempo real de curta duração (LABOV, 1994), para examinar o comportamento do sujeito anafórico de 3ª pessoa na fala culta do PB, aqui representada pela fala carioca. Para tanto, foram utilizadas amostras do Projeto NURC-RJ, gravadas nas décadas de 70 e 90, com o objetivo de verificar se, a partir da comparação dessas amostras, e no período que separa as duas coletas, 20 anos aproximadamente, processou-se na língua algum movimento lingüístico tanto no indivíduo (Estudo de Painei) quanto na comunidade (Estudo de Tendência).

Na verdade, buscou-se analisar o sujeito anafórico de 3ª pessoa, olhando para um processo de mudança paramétrica já em desenvolvimento: mudança de língua de sujeito nulo para língua de sujeito pleno. O que se propôs foi identificar os contextos que mais resistem a essa mudança, daí ter sido considerado o sujeito nulo como valor de aplicação nas rodadas efetuadas pelo VARBRUL. Para alcançarmos tal objetivo, foram associados os pressupostos da Sociolingüística laboviana à Teoria de Princípios e Parâmetros. Com base nesse quadro teórico, objetivou-se, ainda, refletir sobre o PB no contexto das línguas românicas, contrapondo o comportamento do sujeito anafórico de 3ª pessoa no PB com o do PE (Português Europeu) e PM (Português Moçambicano).

O Estudo de Painei, em que se examinou apenas o comportamento do indivíduo sem levar em conta as variáveis lingüísticas, revelou três direções em relação ao sujeito nulo de 3ª pessoa: avanço, recuo e estabilidade, já que alguns falantes aumentam seu uso, outros diminuem e outros ainda se mantêm estáveis. Tem-se, portanto, um movimento lingüístico do sujeito nulo na 3ª pessoa marcado por equilíbrio e desequilíbrio entre falantes de nível superior da cidade do Rio de Janeiro, o que se revela também na diferença entre o comportamento dos indivíduos mais velhos e o dos mais jovens, cuja fala apresenta mais

sujeitos plenos, numa sugestão de que, em relação à 3^a pessoa, ainda não se configura um quadro bem definido, o que nos leva à conclusão de que o comportamento do indivíduo não é uniforme.

Em relação à comunidade (Estudo de Tendência), a distribuição geral das variantes, considerando apenas os sujeitos nulos e pronomes, revela diminuição no uso da expressão vazia do sujeito: de 44% para 37%.

Embora todos os percentuais, exceto para o sujeito nulo com o traço [-animado] (76%-década de 70, 61%-década de 90), revelem a superioridade do sujeito expreso, a análise das variáveis permitiu identificarmos os contextos que, de fato, têm significância maior para o uso do sujeito nulo. Chegou-se à conclusão de que os grupos **acessibilidade do antecedente, animacidade do referente e verbo ser x outros verbos** têm forte atuação na realização nula ou plena do sujeito de 3^a pessoa, uma vez que foram selecionados pelo programa VARBRUL como significativos para ambas as décadas. Essa constância indica, portanto, a importância de tais variáveis na identificação dos pontos de resistência ao preenchimento da posição do sujeito no PB.

Temos, pois, que uma estrutura com antecedente sintaticamente acessível (isto é, em sentença adjacente e com a mesma função) é ainda um dos contextos a abrigar, no PB, o sujeito nulo. Se o antecedente, porém, não estiver acessível (isto é, sem adjacência ou em outra função), o apagamento do sujeito não é a opção preferida, mas, ainda assim, é possível encontrarmos a ocorrência de sujeitos nulos nesse contexto, o que sugere, mais uma vez, a resistência da 3^a pessoa à mudança.

Quando o referente do sujeito possui o traço [-animado], a preferência recai sobre o sujeito nulo, com um dos mais altos percentuais obtidos em toda a análise: 76% para a década de 70 e 61% para a de 90, confirmando, assim, a atuação da hierarquia de referencialidade proposta por Cyrino, Duarte e Kato (2000) para os processos de mudança envolvendo

pronomes. Verificou-se que, de fato, o traço [-animado] do antecedente ainda favorece largamente o uso do sujeito nulo, mas já começa ceder espaço ao pleno, uma vez que o apagamento do sujeito, nesses casos, não foi categórico.

As expectativas em relação à atuação das estruturas com **ser**, no apagamento do sujeito de 3ª pessoa, também foram confirmadas. Esse fator apresentou, de uma década para outra, um acréscimo no uso do sujeito nulo, o que reforça a hipótese de que construções com esse verbo estejam entre os contextos de resistência à mudança.

Os estudos de Painei e de Tendência permitem concluir que há instabilidade no comportamento do indivíduo. Na comunidade, nota-se uma certa estabilidade, atestada não só na aplicação da regra, mas nos fatores selecionados para ambas as sincronias.

No conjunto, os resultados referentes ao PB apontaram para duas direções: de um lado, observa-se, ainda, a realização de sujeitos nulos; de outro, a clara preferência pelo preenchimento da posição do sujeito, o que coloca essa variedade do português em uma posição intermediária entre o que se considera língua de sujeito nulo, pro-drop, e língua de sujeito preenchido. As conclusões obtidas na comparação entre o PB, PE e PM, de certa forma, ratificam essa posição intermediária do português.

No contraponto estabelecido entre as variedades brasileira, portuguesa e moçambicana do português, verificou-se, para as duas últimas, o uso preferencial do sujeito nulo em todos os contextos, com índices bem altos, ao contrário do PB. Ainda se constataram, tanto no PE quanto no PM, contextos categóricos de apagamento do sujeito, o que não se viu na variedade brasileira. Confirmaram-se, portanto, não só a hipótese de que o PB, em relação ao sujeito anafórico de 3ª pessoa, tem um comportamento diferente do PE e PM, mas também a hipótese de que este último apresenta uma distribuição de sujeitos nulos semelhante à da língua-alvo.

Na interpretação que se fez da atuação dos grupos de fatores, em relação ao PE e PM, chegou-se à conclusão de que os contextos mais favoráveis ao sujeito nulo são exatamente os

mesmos selecionados como relevantes para tal ocorrência no PB: estruturas em que o antecedente está sintaticamente acessível ou quando possui o traço [-animado], construções com o verbo **ser** e orações completivas, esses dois últimos relativos apenas ao PM, numa sugestão de que são esses pontos do sistema os mais fortes adversários do sujeito pronominal expresso em sua luta para se implementar.

A conclusão que se tira do conjunto desta pesquisa, que é restrita a algumas amostras, como qualquer estudo sociolingüístico, é, como já dito anteriormente e aqui repetido, a de que, no tocante à 3ª pessoa, o PB parece que tem um comportamento atípico no contexto das línguas românicas e que, se ainda não é uma língua negativamente marcada em relação ao parâmetro do Sujeito Nulo, tampouco é uma língua positivamente marcada em relação a ele. E se a tendência ao preenchimento do sujeito, por um lado, é confirmada, por outro, há ainda a realização do sujeito nulo.

Na verdade, os pesquisadores brasileiros podem, nas palavras de Roberts (1993), testemunhar esse processo de mudança, de certa forma semelhante ao que sofreu o francês medieval, que conviveu com um sistema “defectivo” de sujeitos nulos por um período de aproximadamente 150 anos, antes de se fixar como uma língua não *pro-drop*. O autor ressalta a importância de investigar esse fenômeno de mudança paramétrica e tentar descobrir as propriedades cruciais que o cercam, utilizando “o patrimônio privilegiado” constituído pelos dados do português brasileiro no presente, que parece passar por situação semelhante. Esta tese espera ter fornecido mais uma contribuição nessa investigação.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AVERBUG, Mayra Cristina Guimarães. **Objeto direto anafórico e sujeito pronominal na escrita de estudantes**. Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: UFRJ, 2000.

BARBOSA, P, DUARTE & KATO, M. A. A Distribuição do Sujeito Nulo no Português Europeu e no Português Brasileiro. In: **Actas do XVI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Lingüística**, Lisboa, 539-550, 2001.

BARBOSA, Pilar. **Null Subjects**. Tese de Doutorado, MIT, Massachussets, 1995.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de lingüística geral** 1. 3ª ed. Campinas, SP: Pontes: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1991.

BERLINCK, Rosane de Andrade. A construção V SN no português do Brasil: uma visão diacrônica do fenômeno da ordem. In: TARALLO, Fernando (org.). **Fotografias sociolingüísticas**. Campinas, SP: Pontes, 1989.

BRAGA, Maria Luiza. E aí se passaram 19 anos. n: PAIVA, Maria da Conceição de e DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia(orgs). **Mudança Lingüística em Tempo Real**. Rio de Janeiro: Contracapa, 2003.

BRAVIN DOS SANTOS, Ângela Marina. **O sujeito pronominal em contexto de mudança paramétrica: a escrita de alunos do Ensino Médio**. Dissertação de Mestrado em Letras Vernáculas. Rio de Janeiro, UFRJ, Faculdade de Letras, 2000.

_____. **O sujeito referencial no português moçambicano**. Monografia para avaliação em disciplina. 2003.

CALABRESE, Andréa. Pronomina: some properties of the italian pronominal system. In: N. Fukui, T. Rapoport & E. Sagey (eds) **MIT Working Papers in Linguistic**, 8. 1-46, 1986.

CAVALCANTE, Maria Auxiliadora da Silva. **O sujeito pronominal em Alagoas e no Rio de Janeiro: um caso de mudança em progresso**. Tese de Doutorado em Letras e Lingüística. Maceió: Universidade Federal de Alagoas, 2001

CHARAUDEAU, Patrick e MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de Análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2004.

CHIMBUTANE, Feliciano. As estratégias resumptiva e cortadora na formação de orações relativas do português de Moçambique. In: GONÇALVES, Perpétua (org.) **Mudanças no português em Moçambique: aquisição e formato de estruturas de subordinação**. Maputo, Moçambique: Livraria universitária, 111-168, 1998.

CHOMSKY, Noam. **Lectures on government and binding**. Foris, Dordrecht, 1981.

CYRINO, Sônia M. L., DUARTE M.E.L., KATO, M.A. Visible subjects and invisible clitics in brazilian portuguese. In: KATO, M. A. e NEGRÃO, Esmeralda (EDS). **Brazilian portuguese and the null subject parameter**. Vervuert – Iberoamericana. 55-74, 2000.

DE OLIVEIRA, Marilza. The pronominal subject in italian and brazilian portuguese. In: KATO, M. A. & NEGRÃO, Esmeralda (EDS). **Brazilian portuguese and the null subject parameter**. Vervuert – Iberoamericana. 37-53. 2000.

DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia. **A perda do princípio “evite pronome” no português brasileiro**. Tese de Doutorado em Lingüística. Campinas : Unicamp. 1995.

_____. O sujeito nulo no português do Brasil: de regra obrigatória a regra variável. In: Grosse, S Z Zimmermann, K (org) **“Substandard” e mudança no português do Brasil**. Frankfurt am Main: TFM. 189-201, 1998.

_____. Sociolingüística e Teoria de Princípios e Parâmetros. In: Anais do VIII Congresso da Assel-Rio. 803-810. 1999 a.

_____. A Sociolingüística Paramétrica: perspectivas. In: Hor. D. da Z Christiano. E (orgs.) **Estudos lingüísticos: realidade brasileira**. João Pessoa: Idéia. 107-114. 1999 b.

_____. A evolução na representação do sujeito pronominal em dois tempos. In: PAIVA, Maria da Conceição de e DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia(orgs). **Mudança Lingüística em Tempo Real**. Rio de Janeiro: Contracapa, 2003.

_____(em preparação) Sujeitos referenciais de terceira pessoa: evidências de mudança na fala e na escrita.

FERREIRA, Cinthia Carla. **A variação do pronome sujeito na fala da comunidade Kalunga**. Dissertação de Mestrado em Línguas Clássicas e Língua Vernácula. Universidade de Brasília, 2003.

GIVON, Talmy. Topic continuity in discourse: the functional domain of switch-reference. In: HAIMAN, John & MUNRO, Pamela (eds) **Switch-reference and universal grammar**. Amsterdam, John Benjamins, 51 – 82 . 1983.

GOMES, Christina Abreu. Variação e mudança na expressão do dativo no português brasileiro In: PAIVA, Maria da Conceição de e DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia(orgs). **Mudança Lingüística em Tempo Real**. Rio de Janeiro: Contracapa. 2003.

_____.Encaixamento lingüístico de processos sintáticos do português brasileiro. In: **Lusorama**. Editado por Luciano Caetano, Axel Schönberger e Michael Scotti-Rosin, Instituto Camões, Portugal, Frankfurt am Main, 106-121, 2001.

GONÇALVES, Perpétua. **A construção de uma gramática do português de Moçambique:Aspectos da estrutura argumental dos verbos**. Tese de Doutorado, Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, 1990.

_____. GONÇALVES, Perpétua(org). Introdução. In: **Mudanças do português em Moçambique**. Maputo: Livraria Universitária da UEM, 1-15, 1998.

GRACIOSA, Diva Maria Dias, **Concordância verbal na fala culta carioca**. UFRJ, Faculdade de Letras: Dissertação de mestrado, 1991.

GUTZ, Karin. Estudo do preenchimento do sujeito de terceira pessoa em falantes nativos e não-nativos de português do Brasil. In: **Revista de Filologia e Lingüística do port.**, 199-219, 2001.

HALLIDAY, Michael A. K. and R. Hasan, **Cohesion in English**. London: Longman, 1976.

Henry, Alison. Variation and Syntactic Theory. In: CHAMBERS, J. K., TRUDGILL, Peter. & SCHILLING-ESTES, Natalie (eds.) **The handbook of language variation and change**. Oxford: Blackwell, 2001.

ISSAK, Aíssa. Estruturas de complementação verbal do português de Moçambique. In:GONÇALVES, Perpétua (org.) **Mudanças no português em Moçambique: aquisição e formato de estruturas de subordinação**. Maputo, Moçambique: Livraria universitária, 67-110, 1998.

KATO, Mary A. Os frutos de um projeto herético: parâmetros na variação intra-lingüística. In: HORA, Dermeval & e. Christiano (orgs.) **Estudos Lingüísticos: realidade brasileira**. João Pessoa, Idéia Editora LTDA 1999.

_____. La gramática del portugués hablado: reflexiones sobre el uso de la lengua. In: CURCÓ, C., COLÍN, M., GROULT, N. y HERRERA, L.(eds) **Contribuciones a la lingüística aplicada en América Latina**. 363-378. México:CELE-UNAM, 2002.

_____ & DUARTE, M.E.L. Português brasileiro: um desafio para o parâmetro do sujeito nulo. Comunicação apresentada durante o II Congresso Internacional da ABRALIN. UFRJ, 2003.

_____ & DUARTE, Maria Eugênia L., CYRINO, Sônia, ANDRADE BERLINCK. Português brasileiro no fim do século XIX e na virada do milênio. In: CARDOSO, Suzana (orgs.) **500 anos de história lingüística no Brasil**. Salvador. (no prelo)

KROCH, Anthony. Grammar and gradual change: an introduction to grammar competition and the Contant Rate Effect. Resumo apresentado na ABRALIN – Rio, março 2003.

LABOV, William the study of language in its social context. In; **Sociolinguistics patterns** . Philadelphia, University of Pennsylvania Press, 1975.

LABOV, William. The study of Language in progress: observations in real time. In: **Principles of Linguistic Change: internal factors**. Oxford, Blackwell, .P.74-112, 1994.

LAPERUTA, Maridelma **A realização do sujeito pronominal: um estudo sociolingüístico paramétrico para a cidade de Londrina-norte do Paraná**. Dissertação de Mestrado em Lingüística e Língua Portuguesa. Universidade estadual Paulista, 2003.

LEITE, Y & CALLOU, D. **Como falam os brasileiros**. Rio de Janeiro, Zahar, 2002.

LIRA, Solange de Azambuja. O sujeito pronominal no português falado e escrito. In : **Ilha do Desterro**, vol. 20. 31-43, 1988.

_____. **Nominal, pronominal and zer subject in brazilian portuguese**. Tese de Doutorado, University of Pennsylvania, 1982.

LIGHTFOOT, David. Syntactic Change. In: F. Newmeyer (ed.) **Linguistic: the Cambridge Survey, v. I. Linguistic theory: foundations**, Cambridge, University Press, 1988.

LOPES, C. R. dos S. **Nós e a gente no português falado do Brasil**. Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa, Rio de Janeiro, Faculdade de Letras/UFRJ,1993.

MACHADO VIEIRA, Márcia dos S. Perífrases verbais: o tratamento da auxiliaridade. In: VIEIRA, Sílvia Rodrigues & BRANDÃO, Sílvia Figueiredo (org.). **Morfossintaxe e ensino de Português: reflexões e propostas**. Rio de Janeiro:Faculdade de Letras/UFRJ, p.65-96, 2004.

MATEUS, M.H.M., BRITO, A.M., DUARTE & FARIA, I.H. **Gramática da Língua portuguesa**. Coimbra: Livraria Almedina, 1983.

MORAIS, Maria Aparecida C.R. EPP Generalizado, Sujeito Nulo e Línguas de Configuração Discursiva. In: MIOTO, Carlos, M.Cristina F. Silva e Sergio Menuzzi (orgs) **Letras de Hoje**, v. 38, no 1. Curso de Pós -Graduação Programa em Letras-PUCRS. p 71-98 2003.

NEGRÃO, ESMERALDA V. & VIOTTI, Evani. Brazilian Portuguese as a discourse-oriented language. In: n: KATO, M. A. & NEGRÃO, Esmeralda (EDS). **Brazilian portuguese and the null subject parameter**. Vervuert – Iberoamericana. -,2000.

NARO, Anthony. “The social and structural dimensions of a syntactic change”. **Language** 57: 63-98,1981.

_____. O uso da concordância verbal no português *substandard* do Brasil:atualidade e origens. In: GROSSE, Sybille & KLAUS Zimmermann(eds.). **O substandard e a mudança no português do Brasil**. Frankfurt am Main: TPM. 139-152, 1998.

_____. Modelos quantitativos e tratamento estatístico. In: **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo:Contexto. 15-25,2003.

OCHS, Elinor & DURANTI, Alessandro. Left-dislocation in Italian conversation. In T. Givón (ed), *Syntax and Semantics: vol. 12. Discourse and Syntax*. New York: Academic Press. 377-415,1979.

OLIVEIRA E SILVA, Giselle M. de Um caso de definitude. In: **Organon** 18, 90-108,1991.

OLIVEIRA, Amanda Beatriz Araújo de. **A referência estendida em textos jornalísticos de natureza argumentativa**. Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa. UFRJ. 2005

OLIVEIRA, Marco Antônio de. Variável lingüística:conceituação, problemas de descrição gramatical e implicações para a construção de uma teoria gramatical. **D.E.L.T.A** vol 3 n.1, p. 19-34.1987.

PAIVA, Maria da Conceição de. & DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia (orgs). **Mudança Lingüística em Tempo Real**. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria,2003a.

_____.**Mudança Lingüística: Observações no Tempo Real** (UFRJ/CNPq).2003 b.

_____. Mudança Lingüística: Observações no Tempo Real. In: MOLLICA, Maria Cecília & BRAGA, Maria Luiza (2 (org.)). **Introdução à Sociolingüística Variacionista**. São Paulo: Contexto. p.179 a 190,2003.

PAREDES, Vera L.S. Cartas cariocas: **A variação do sujeito na escrita informal**. Tese de doutorado, UFRJ,1988.

_____. Motivações funcionais no uso do sujeito pronominal:uma análise em tempo real. In: PAIVA, Maria da Conceição de. & DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia (orgs). **Mudança Lingüística em Tempo Real**. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria.,2003.

_____. A expressão variável da terceira pessoa na fala e na escrita, comunicação apresentada no VIII Congresso Nacional de Lingüística e Filologia, UERJ/2004.

RAPOSO, Eduardo P. **Teoria da gramática. A faculdade da linguagem**. Lisboa: Editorial Caminho, AS, 1992.

RIBEIRO, Ilza M. de O. **O papel do traço [+acordo] em construções com o infinitivo flexionado**. Dissertação de Mestrado, UFBA, 1988.

RIZZI, Luigi. The new comparative syntax: principles and parameters of universal grammar. Ms, 1988.

ROBERTS, Ian. O português brasileiro no contexto das línguas românicas. In I. Roberts & M. A. Kato (orgs.) **Português Brasileiro**. Campinas: Ed. da UNICAMP. 409-421, 1993.

SHERRE, Maria Marta Pereira. Análise quantitativa e tópicos de interpretação do Varbrul. In: **Introdução à Sociolingüística:o tratamento da variação** São Paulo:Contexto. 146-177,2003

STROUD, Christopher & GONÇALVES, Perpétua (orgs). **Panorama do português oral de Maputo. Vol 1: Objectivos e métodos.** Maputo: Instituto Nacional do Desenvolvimento da Educação. Cadernos de pesquisa do Inde nº 22,1997 a.

_____. A construção de um banco de “erros” In: **Panorama do português oral de Maputo..** Maputo: Instituto Nacional do Desenvolvimento da Educação Cadernos de pesquisa do Inde nº 24, V. II, 1997b.

SORIANO, Olga Fernández Olga. El pronome personal. Formas y distribuciones. Pronombres átonos y tónicos. In BOSQUE, Ignacio & DEMONTE (orgs.). **Gramática Descriptiva de la Lengua española.** Madrid:Espanha. 1995.

TARALLO, Fernando. **Relativization strategies in Brazilian Portuguese.** Tese de Doutorado. University of Pennsylvania, 1983.

_____. **A pesquisa sociolingüística.** São Paulo, Ática,1985.

_____. Por uma sociolingüística românica “paramétrica”: Fonologia e sintaxe. **Ensaio de Lingüística**, 13, p. 51-84, 1987.

_____. Diagnosticando uma gramática brasileira: o português d’aquém e d’além-mar ao final do século XIX. In: I. Roberts & M. A. Kato (orgs.) **Português Brasileiro.** Campinas:Ed. Da UNICAMP. p. 35-68, 1993.

_____. Reflexões sobre o conceito de mudança lingüística. **Organon**, Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 18, p.23-36,1991.

WEINREICH, Uriel, LABOV, William & HERZOG, Marvin. Empirical foundations for a theory of language change. In : W. Lehman & Y. Malkiel (eds.). **Directions for historical linguistics.** Austin : University of Texas Press. 97-195,1968.

Consultas a fontes eletrônicas online:

Projeto Norma Lingüística Urbana Culta-RJ. Disponível em www.lettras.ufrj.br/nurc-rj/
Acesso em 16 de janeiro de 2006.

ANEXO
Grupos de fatores selecionados na rodada com SN/pronome vs sujeito nulo

Década 70 (input .36)	Década 90 (input .30)
Acessibilidade do antecedente	Acessibilidade do antecedente
Animacidade	Presença/ausência de adjuntos a IP
Verbo ser x outros verbos	Animacidade
Faixa etária	-----

Quadro 1: Fatores selecionados como significantes para a realização do sujeito nulo de 3ª pessoa em cada época (SN/pronome vs sujeito nulo)

Condições de acessibilidade	Década 70			Década 90		
	Apl/T	%	P.R	Apl/T	%	P.R
Antecedente sintaticamente acessível	152/310	49	.66	94/226	41	.63
Antecedente sintaticamente não acessível	80/301	26	.36	42/186	22	.34
Total	232/611	37		136/412	33	

Tabela 1: O sujeito nulo e as condições de acessibilidade do antecedente

Traços	Década 70			Década 90		
	Apl/T	%	P.R	Apl/T	%	P.R
[-humano –animado]	96/171	56	.66	35/78	44	.67
[conjunto inanimado com elementos humanos]	10/22	45	.51	3/9	66	.44
[+humano+animado]	126/418	30	.43	98/325	30	.45
Total	232/611	37		136/412	33	

Tabela 2: O sujeito nulo e o traço do antecedente nas duas décadas

	Década 70			Década 90		
	Apl/T	%	PR	Apl/T	%	PR
Verbo ser	96/177	54	.61	34/74	45	.61
Outros verbos	136/434	31	.45	102/338	30	.47
Total	232/611	37		136/412	33	

Tabela 3: Sujeitos nulos e o verbo ser x outros verbos nas duas décadas

Presença/ausência de adjuntos a IP	Década 70			Década 90		
	Apl/T	%	P.R	Apl/T	%	P.R
Nenhum elemento	198/519	38	.50	127/351	36	.55
Elementos discursivos	-	-	-	6/27	22	.35
Adjuntos adverbiais	34/92	36	.46	3/34	8	.13
Total	232/611	37		136/412	33	

Tabela 4: O sujeito nulo e a presença/ausência de adjuntos a IP nas duas décadas

Faixa etária	Década 70			Década 90		
	Apl/T	%	P.R	Apl/T	%	P.R
Faixa 1 (25 a 35 anos)	81/180	45	.58	34/101	33	.51
Faixa 2 (36 a 55 anos)	79/209	34	.51	56/167	33	.48
Faixa 3 (mais de 56 anos)	72/222	32	.42	46/144	31	.51
Total	232/611	37		136/412	33	

Tabela 5: O sujeito nulo por faixa etária nas duas décadas

Flexão verbal	Década 70			Década 90		
	Apl/T	%	P.R	Apl/T	%	P.R
Singular	194/79	39	.50	109/331	32	.51
Plural	38/125	30	.50	27/81	33	.46
Total	232/611	37		136/412	33	

Tabela 6: flexão verbal vs sujeito nulo nas duas décadas

Forma verbal	Década 70			Década 90		
	Apl/T	%	P.R	Apl/T	%	P.R
Simplex	205/520	39	.51	110/341	32	.49
Locução verbal	27/91	29	.41	26/71	36	.54
Total	232/611	37		136/412	33	

Tabela 7: forma verbal vs sujeito nulo nas duas décadas

Modo verbal	Década 70			Década 90		
	Apl/T	%	P.R	Apl/T	%	P.R
Indicativo	220/582	37	.49	131/399	32	.49
Subjuntivo	12/29	41	.67	5/13	38	.62
Total	232/611	37		136/412	33	

Tabela 8: modo verbal vs sujeito nulo

Estrutura inicial da oração(CP)	Década 70			Década 90		
	Apl/T	%	P.R	Apl/T	%	P.R
Pronomes	5/30	16	.56	2/18	11	.24
Conjunções	71/207	33	.53	31/108	28	.37
Nenhum elemento	156/374	41	.47	103/286	36	.57
Total	232/611	37		136/412	33	

Tabela 9: Sujeitos nulos e a estrutura de CP nas duas décadas

Tipo de oração	Década 70			Década 90		
	Apl/T	%	P.R	Apl/T	%	P.R
Substantiva	16/63	25	.41	16/42	38	.75
Adverbial anteposta	16/39	41	.49	7/25	28	.49
Adverbial posposta	23/66	34	.38	8/25	32	.59
Relativa	5/31	16	.20	1/7	13	.39
Absoluta/1ª coordenada	125/286	43	.56	92/248	37	.47
2ª coordenada (sujeitos diferentes)	16/51	31	.54	3/22	13	.50
Principal anteposta	20/51	39	.57	7/30	23	.38
Principal posposta	11/24	45	.52	2/7	28	.34
Total	232/611	37		136/412	33	

Tabela 10: Tipo de oração e o sujeito nulo nas duas décadas

Elementos entre sujeito e verbo	Década 70			Década 90		
	Apl/T	%	P.R	Apl/T	%	P.R
Nenhum elemento	180/483	37	.48	109/334	32	.50
Negação	29/60	48	.65	13/43	30	.41
Advérbios leves	10/23	43	.51	8/16	50	.70
Clíticos	11/29	37	.55	5/14	35	.54
Dois elementos	1/3	33	.43	1/1	50	.54
Total	232/531	43		136/409	33	

Tabela 11: Sujeitos nulos e elementos entre sujeito e verbo

Sexo do informante	Década 70			Década 90		
	Apl/T	%	P.R	Apl/T	%	P.R
Masculino	108/301	35	.49	75/236	31	.47
Feminino	124/310	40	.50	61/176	34	.52
Total	232/611	37		136/412	33	

Tabela 12: Sexo vs sujeito nulo nas duas décadas

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)